

PROVAI E VEDE



SABOREANDO A SUPREMACIA *de* DEUS
em TODA A VIDA

80 MEDITAÇÕES

JOHN PIPER

PROVAI E VEDE

JOHN PIPER



Editore Fiel

PROVAI E VEDE

Título do Original em Inglês: *Taste and See*
Publicado em Inglês por Multnomah Publishers,
Inc. - 601 North Larch Street, Sisters, Oregon
97759 USA

Copyright © 1999, 2005 por
Fundação Desiring God.

Todos os direitos para tradução em outros
idiomas devem ser contratados através de
Gospel Literature International - R11; PO Box
4060, Ontário R11; CA 91761-1003, USA.

•

Copyright © 2008 Editora Fiel
Primeira Edição em Português: 2008

•

*Todos os direitos em língua portuguesa
reservados por Editora Fiel da Missão
Evangélica Literária*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO
EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Editor: Pr. Ricardo Denham
Coordenação Editorial: Tiago Santos
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Gwen Kirk e Marilene Paschoal
Capa: The Design Works Group, Inc
Diagramação e Arte Final: Edvânio Silva
Direção de arte: Rick Denham
ISBN: 978-85-99145-46-3



Editora Fiel

Av. Cidade Jardim, 3978
Bosque dos Eucaliptos
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3936-2529

www.editorafiel.com.br



PARA MINHA FILHA,
TALITHA RUTH PIPER

*Venha, ovelhinha, deite sua cabeça,
E em meus ombros descanse;
Não demorará até que você cresça,
E, para nós dois, a idade avance.*

*Venha, ovelhinha, deite aqui sua cabeça,
Quando sua mão a minha face alcança;
Sinta o amor silencioso de seu pai,
E em meu abraço, a sua segurança.*

*Venha, ovelhinha, encoste a cabeça,
Ouça, bem perto, o meu coração;
Memorize a mensagem dele,
Para quando acontecer nossa separação.*

*Venha, ovelhinha, deite agora a cabeça,
Enquanto aqui há um lugar seguro;
Não posso prometer vida ou vigor,
Nem moldar a graça do futuro.*

*Venha, ovelhinha, deite sua cabeça,
Ouça, em meus braços, o que a ti almejo
A voz profunda de Jesus, dizendo:
“É deste modo que Eu te protejo”*



P R E F Á C I O



John Cotton, que ministrou em Boston e morreu em 1652, tinha anelos espirituais que são incomuns às pessoas de nossos dias. Em seus últimos anos, perguntaram-lhe por que lia até tarde da noite. Sua resposta foi: “Por que gosto de adoçar a boca com um pouco de Calvino, antes de dormir”. Posso sentir essa mesma atitude no profeta Isaías, no salmista Davi, no apóstolo Paulo e Jonathan Edwards, que nasceu cinquenta e um anos depois do falecimento de John Cotton.

Há boas e más razões para lermos outros livros além da Bíblia. Uma das más razões para buscarmos outros livros é acharmos que a Bíblia é desinteressante e insípida. A Bíblia não tem estas características, de modo algum. Uma das boas razões para nos dedicarmos a outros livros, além da Bíblia, é que experimentamos a Deus não somente na Bíblia, mas também na maneira como outros O experimentam. Os melhores autores intensificam nosso gosto pela Bíblia e, em especial, por Deus mesmo. Jonathan Edwards causou isso em mim, há mais de trinta anos.

“Provai e vede que o SENHOR é bom” (Salmos 34.8) — disse o salmista. Isto é o que significam minhas palavras “experimentando a supremacia de Deus” — o subtítulo deste livro. Provamos a doçura de Deus quando Ele vem ao nosso encontro em sua Palavra. “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca” (Salmos 119.103). Portanto, não é surpresa o fato de que todos aqueles que são permeados com a Palavra de Deus terão certo sabor, como Jesus o disse: “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor?” (Mateus 5.13.) E, quando esses crentes cheios desse tempero, saturados com a Bíblia, escrevem como o fez Jonathan Edwards, há um tipo de sabor divino no que dizem. E desejamos muito adoçar nossos lábios com esses escritos, antes de dormir.

Sei que não sou um Calvino ou um Edwards — já disse isso no meu primeiro livro — mas amo as Escrituras e procuro saturar com elas a minha alma e coração, ano após ano. O que escrevi neste livro são meditações sobre a realidade bíblica e aplicações à vida contemporânea. Espero que todas as meditações estejam permeadas de um desfrute da supremacia de Deus. Jonathan Edwards disse: “A criação do universo é tão-somente uma manifestação da excelência e perfeição de Deus mesmo”. Isto é verdade. Logo, o alvo de toda a vida é ver, provar e mostrar esta perfeição e esta excelência.

Este é o meu alvo. E, se este livro for encontrado na cabeceira de algum crente fatigado da batalha, espero que a sua justificativa seja: “Por que gosto muito de adoçar a boca com a supremacia de Deus, antes de dormir”.

*Goteje a minha doutrina como a chuva,
Destile a minha palavra como o orvalho,
Como chuveiro sobre a relva
E como gotas de água sobre a erva.*

Deuteronômio 32.2

AGRADECIMENTOS



Enquanto escrevo estes agradecimentos, me aproximo dos vinte e cinco anos de ministério na Igreja Batista Bethlehem. Naquela igreja estão as pessoas que tenho prazer em servir, no ministério da Palavra e da oração, semana após semana. Obrigado a todos vocês, companheiros amados, por disseminarem a paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas, para a alegria de todas as pessoas, por meio de Jesus Cristo. Vocês me têm abençoado com fidelidade e me apoiado em escrever durante todos estes anos, sem murmurações.

Ao Conselho de Presbíteros, entre os santos da Bethlehem: vocês têm sido um estímulo em minha vida e labores, durante vinte e cinco anos. Isto é admirável e um grande dom da graça de Deus outorgado a mim, em um mundo de conflitos. A visão de Deus que nos une é preciosa e permeia este livro. Agradeço pela generosidade de suas bênçãos em minha vida.

A Aaron Young, Rick Gamache e Justin Taylor, muito obrigado pela cooperação de vocês no preparo deste livro. A atitude, o discernimento, a percepção, a satisfação, o encorajamento e a correção de vocês me mantiveram estimulado e feliz no caminho estreito que conduz à vida.

A Carol Steinbach, se você já se cansou de elaborar índices e dar conselhos a respeito de edição — depois de trinta anos de amizade e companheirismo no ministério — não sei a quem buscar para receber esse tipo de ajuda. Que o Senhor continue a lhe dar alegria no uso de seus dons admiráveis. Também agradeço a Robert Williams e Nancy Markie por ajudarem Carol na elaboração dos índices.

À equipe do Centro de Treinamento Billy Graham, *The Cove*, obrigado pelo lugar tranquilo onde, sem distrações, pude colocar em ordem os pensamentos finais. A bondade de vocês foi acima de todas as expectativas.

Nöel, Deus me contemplou com grande favor, quando me apaixonei por

você em 1966. Eu não tinha a menor de idéia de casar com uma pessoa de habilidosos dons editoriais, uma excelente revisora, conselheira de teologia e autora. Esperava me casar com uma mulher de Deus que ficaria ao meu lado, em todos os caminhos desconhecidos de nossa peregrinação. Isto se tornou verdade. Obrigado! Amo você! Este livro é dedicado à filha que você nunca gerou, porém jamais deixou de pedir a Deus. Visto que para Ele todas as coisas são possíveis, quando o trovão ribombou por sobre as montanhas Blue Ridge, na Carolina do Norte, naquela tarde em que terminei este livro, você estava lá, assentada com Talitha, ensinando-lhe a oração do Pai Nosso.

*Venha, minha pequena ovelhinha, e ouça
A oração que Jesus ensinou, e agora
Aprenda a vida voltada para Deus
Dos lábios de uma mãe que sempre ora.*



A EXUBERANTE ONIPOTÊNCIA DE DEUS

REAFIRMANDO O LEGÍTIMO LUGAR DE DEUS
EM TODOS OS ASPECTOS DA VIDA

Qual o lugar de Deus em sua vida quando você lê o jornal, conversa ao telefone, assiste à TV, lê uma revista, vai ao teatro ou a uma aula na faculdade? Deus é a realidade mais importante do universo. Mas Ele é quase completamente ignorado. E, se Deus não é ignorado, Ele é, provavelmente, menosprezado e não reverenciado. Apesar disso, Deus é o fator mais vital em todos os assuntos que dizem respeito à qualquer nação. Sem Deus, não haveria qualquer nação. No entanto, Ele é ignorado pelos líderes de nossa cultura, em quase tudo o que eles fazem. O menosprezo para com Deus é o pior dos males no Ocidente hoje. Isto é como se uma formiga em seu formigueiro desacreditasse da terra.

Se a igreja deve reafirmar o legítimo lugar de Deus na alma do homem e no centro de toda a vida, precisamos ter uma visão mais nítida do que Ele faz e de quem Ele é. Uma das razões por que damos um testemunho mínimo sobre a realidade de Deus é que o nosso *entendimento* da realidade dEle também é mínimo. Em nome do impacto imediato e relevante, diminuimos a própria grandeza que Lhe traria glória. Sem isto, não reafirmaremos, com ousadia e amabilidade, o legítimo lugar de Deus em todos os aspectos da vida.

Carecemos de uma portentosa visão do grande Deus, que está plena-

mente comprometido em demonstrar, com prazer, sua grandeza por fazer-nos o bem. Ou seja, precisamos ver a majestade de Deus e conhecer o seu esplendor jorrando sobre nós, com exuberante onipotência. Não basta crermos que Deus é infinito, poderoso e terrível — e isso é realmente verdadeiro. Temos de experimentar esta magnificência como a demonstração do zelo irresistível de Deus em deleitar suas criaturas, por revelar a Si mesmo a elas.

Precisamos ter a mesma visão que Jonathan Edwards tinha aos vinte anos de idade, quando pregou um sermão intitulado “Nada do que há na Terra pode representar as glórias do céu”. Edwards se deleitou tanto no Deus deste sermão, que pregou esta mensagem em, pelo menos, seis cidades fora de sua comunidade, em Bolton. A doutrina do sermão continha palavras como estas: “Os santos estão destinados a uma felicidade inconcebível e indizível”. Edwards discerniu isso com base no propósito de Deus em glorificar a Si mesmo na criação do mundo e com base na convicção de “que esta glória de Deus [consiste] no ato de a criatura admirar, regozijar-se e exultar na manifestação da beleza e da excelência divina. Pois Deus não recebe glória daqueles que contemplam a sua glória e não se deleitam nela. A essência do glorificar a Deus consiste em que a criatura se regozije na manifestação da beleza de Deus, que é o gozo e a felicidade sobre os quais falamos” (*The Works of Jonathan Edwards*, v. 14, Kenneth Minkema [Ed.] — New Haven, Yale University Press, 1997, p. 144). Em outras palavras, a certeza e a grandeza da felicidade do povo de Deus é tão certa quanto o zelo dEle por sua própria glória.

Esta é a visão de que necessitamos. Faremos bem ao meditar em alguns versículos que refletem a maravilha da exuberante onipotência de Deus em fazer o bem àqueles que esperam nEle.

- O SENHOR, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para salvar-te; ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo. Os que estão entristecidos por se acharem afastados das festas solenes, eu os congregarei, estes que são de ti e sobre os quais pesam opróbrios (Sofonias 3. 17, 18).
- Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim. Alegrar-me-ei por causa deles e lhes farei bem... de todo o

meu coração e de toda a minha alma (Jeremias 32.40, 41).

- Porque, quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele (2 Crônicas 16.9).
- O SENHOR tornará a exultar em ti, para te fazer bem (Deuteronômio 30.9).
- Porque o SENHOR se agrada do seu povo e de salvação adorna os humildes (Salmos 149.4).
- Não faz caso da força do cavalo, nem se compraz nos músculos do guerreiro. Agrada-se o SENHOR dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia (Salmos 147.10, 11).
- Glorificado seja o SENHOR, que se compraz na prosperidade do seu servo! (Salmos 35.27).
- E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades (Filipenses 4.19).
- Para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus (Efésios 2.7).
- Nunca mais te chamarão Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais Desolada; mas chamar-te-ão Minha-Delícia; e à tua terra, Desposada; porque o SENHOR se delicia em ti; e a tua terra se desposará. Porque, como o jovem desposa a donzela, assim teus filhos te desposarão a ti; como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus (Isaías 62.4, 5).

A exuberante onipotência de Deus em fazer-nos o bem é uma das descobertas mais vivificantes que o ser humano pode fazer. Oh! Que creiamos nisso, e o experimentemos, e recordemos sempre até que se torne parte de nossa natureza o sentir a verdade de que “os santos estão destinados a uma felicidade inconcebível e indizível”! A confiança permanente nesta verdade transformaria nossas atitudes e nos manteria firmes em meio a intensa adversidade.





DEZ LIÇÕES QUE APRENDI DE MEU PAI

HONRANDO MEU PAI EM SEUS OITENTA ANOS

Quando meu pai me convidou para falar em seu banquete de “não aposentar-se” (embora estivesse se aposentando, perante a lei) aos oitenta anos de idade, eu não tive de orar sobre o assunto. Não havia dúvidas quanto à vontade do Senhor. Um filho sempre dirá “sim” e honrará seu pai. contei aos convidados que diria estas palavras no funeral de meu pai, mas que era uma grande honra e alegria poder dizê-las na presença dele. Agora estou publicando-as, para que outros as leiam, quando ele ainda está vivo e serve no ministério. Que esta honra se propague. Deus tem sido gracioso para comigo.

1. Quando as coisas não acontecem do modo desejado, Deus sempre as faz concorrer para o bem.

Em nosso lar, Romanos 8.28 era tão proeminente como João 3.16. Eu o aprendi dos lábios de meu pai: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Isso se tornou o alicerce de minha vida. É assim que Deus é. A vida é árdua. Deus é soberano. Deus é bom.

2. *Podemos confiar em Deus.*

Meu pai nunca murmurou ante as providências de Deus, nem mesmo quando Ele levou mamãe aos cinquenta e cinco anos de idade. Foi uma perda imensa. A tristeza foi demorada. Mas nunca duvidamos de Deus. “Neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer o homem?” (Salmos 56.11).

3. *As pessoas estão perdidas e precisam ser salvas por meio da fé em Jesus.*

Meu pai era um evangelista. A sua ausência de casa, em viagens evangelísticas, durante quase um terço de minha vida, incutiu-me uma mensagem primordial: o inferno é real e terrível, e Jesus é um grande Salvador. Mamãe sempre sugeriu que a ausência de papai era um privilégio glorioso que tínhamos de apoiar. Naquela época, nunca pensei em ressentir-me de sua necessidade de ausentar-se, como não o penso até hoje.

4. *A vida é precária e preciosa. Não presuma que certamente amanhã você estará vivo. Não desperdice a sua vida hoje.*

“Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hebreus 9.27). Ouvi meu pai dizer estas palavras muitas vezes, enquanto pregava. Eram palavras ameaçadoras e, ao mesmo tempo, boas para mim. “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Provérbios 27.1). Papai sabia — por isso, eu também sabia — muitas histórias de jovens que haviam sido mortos antes de estarem prontos para se encontrarem com Deus. O mundo era um lugar muito sério onde cresceríamos.

5. *Um coração feliz é como um remédio excelente, e Cristo é Aquele que satisfaz o coração.*

Meu pai era e continua sendo o homem mais feliz que já conheci. Em um sermão intitulado “Salvo, Seguro e Satisfeito”, ele disse: “Ele é Deus. Quando confiamos nEle, temos o próprio Deus e tudo o que Ele possui. Não podemos ser nada além de pessoas satisfeitas com a perfeita plenitude de Cristo”. No que diz respeito ao amor pelas coisas espirituais, nosso lar foi o mais feliz que já conheci.

6. Um crente é um grande realizador, e não um grande proibidor.

Éramos fundamentalistas — procurando viver sem arrogância. E tínhamos nossa lista de coisas proibidas. Mas isso não era o mais importante. Deus era o mais importante. E Deus era digno de tudo.

7. A vida cristã é sobrenatural.

O viver cristão não é possível sem o Espírito Santo, que age em resposta à oração. Em minha memória não há uma noite em que minha família não orou reunida, à medida que crescíamos.

8. A doutrina bíblica é importante, mas não surre as pessoas com essa doutrina.

Papai lamentava pelas escolas e pessoas da família que dividiam aquilo que a Bíblia mantém junto: Falar “a verdade em amor” (Efésios 4.15). Verdade e amor. Esta é uma ótima união. Mantenha-os juntos, filho.

9. Respeite sua mãe.

Se quiséssemos ver papai irado, era só falarmos insolentemente com mãe. “Honre a sua mãe” é o que Deus ordena. E papai sabia o preço que ela pagava por concordar que ele viajasse. Ai do filho que falasse uma palavra depreciadora desta grande mulher!

10. Seja aquilo para o que Deus o criou, não seja outra pessoa.

Se você é baixo, forme um time chamado “Batatinhas Difíceis de Descascar”. Ele nunca me pressionou a ser um pastor. Filho, busque a vontade de Deus acima de todas as coisas. E seja aquilo para o que Deus o criou.

Escrevo com profunda afeição. Muito obrigado, papai!





QUANDO O QUERER E O DEVER NÃO SE HARMONIZAM

VIVENDO ENTRE A PERMISSÃO E A HIPOCRISIA

Se o seu “querer” não se conforma com o “dever” estabelecido por Deus, o que você pode fazer para ter paz? Vejo pelo menos cinco estratégias possíveis.

1. Você pode evitar pensamentos sobre o “dever”. Esta é a estratégia mais comum no mundo. Muitas pessoas simplesmente não dedicam energia para considerar o que deveriam estar fazendo e não o estão fazendo. É mais fácil apenas deixar o rádio tocando.
2. Você pode reinterpretar o “dever”, para que este se pareça com o seu “querer”. Isto é um pouco mais sofisticado; portanto, não é muito comum. Geralmente exige uma educação especializada, para ser feito com credibilidade; ou, a graduação em um seminário pode fazer isso com requinte. (Eu acredito firmemente tanto na educação especializada como no seminário!)
3. Você pode reunir os poderes da sua vontade para realizar uma forma de “dever”, embora não tenha o “querer” em seu coração. Isso parece

muito bom e, freqüentemente, é mal interpretado como uma virtude, até por aqueles que o fazem. De fato, há uma filosofia que diz: “O *dever* sem o *querer* é a essência da verdadeira virtude”. O problema desta filosofia é que Paulo disse: “Deus ama a quem dá *com alegria*” (2 Coríntios 9.7). Isso coloca os que contribuem por “dever” em uma situação precária.

4. Você pode sentir contrição pelo fato de que o seu “querer” é muito pequeno e frágil — como um grão de mostarda. Depois, se você tiver a capacidade, cumpre o “dever” pelo esforço da vontade, enquanto lamenta que seu “querer” seja fraco e ora para que este logo seja restaurado. Talvez este até seja restaurado enquanto você realiza o “dever”. Isto não é hipocrisia. A hipocrisia oculta a ausência do “querer” e finge que ele existe. A virtude confessa o desejo deficiente na esperança de que a graça perdoará e restaurará.
5. Por meio da graça, você pode buscar a Deus, para que Ele lhe dê o “querer”, de modo que, chegando o momento de cumprir o “dever”, você terá o “querer”. Em última instância, o “querer” é um dom de Deus. “A mente da carne é hostil para com Deus... e não é capaz de submeter-se à lei de Deus” (Romanos 8.7 — tradução do autor). “O homem natural *não pode* entender as coisas do Espírito de Deus... por que elas são apreciadas espiritualmente” (1 Coríntios 2.14 — tradução do autor). “Na expectativa de que Deus lhes *conceda*... o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade” (2 Timóteo 2.25).

A doutrina bíblica do pecado original se resume nisto (emprestado de Agostinho): Somos livres para fazer o que gostamos, mas não somos livres para gostar do que deveríamos gostar. “Pela desobediência de um só homem [Adão], muitos se tornaram pecadores” (Romanos 5.19). Esta é *a nossa condição*. E sabemos, com base em nosso próprio coração e nas Escrituras, que somos responsáveis pela corrupção de nosso “querer”. De fato, quanto melhor nos tornamos, tanto mais nos envergonhamos de *sermos* maus, e não apenas de *fazermos* o mal. Como disse N. P. Williams: “O homem comum pode sentir-se envergonhado de *praticar* o que é errado, mas o santo, capacitado com o apri-

moramento superior de uma sensibilidade moral e poderes perspicazes de introspecção, se envergonha de *ser* o tipo de pessoa que está sujeito a praticar o que é errado” (citado em Edward Oakes, “Original Sin: A Disputation”, *First Things*, nº 87, novembro de 1998, p. 24).

A obra soberana e espontânea de Deus em mudar o coração é a nossa única esperança. Portanto, temos de pedir-Lhe um novo coração. Temos de orar para que Ele nos dê o “querer” — “*Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça*” (Salmos 119.36). “*Alegria a alma do teu servo, porque a ti, Senhor, elevo a minha alma*” (Salmos 86.4). Deus prometeu fazer isto: “*Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos*” (Ezequiel 36.27). Isto é a nova aliança comprada com o sangue de Jesus (ver Hebreus 8.8-13; 9.15). “*Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna*” (Hebreus 4.16).





A SUA FAMÍLIA CAVARIA A SUA PRÓPRIA SEPULTURA?

MEDITAÇÃO SOBRE FAMÍLIAS E MARTÍRIO

Muitos (talvez não todos) dos que lêem este livro estão bem distante da ameaça de martírio. Contudo, as palavras de Jesus têm de ser ouvidas por todos. Dias virão em que elas serão mais relevantes do que parecem hoje. E, mesmo em nossos dias, as palavras de Jesus são tremendamente importantes para milhares de cristãos. David Barret estima, em suas pesquisas anuais, que 164.000 cristãos morreram como mártires todos os anos, no século XX, o qual é provavelmente o mais sangrento de todos os séculos. Isso não deve surpreender a nenhum verdadeiro cristão. “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo” (1 Pedro 4.12). Todos devemos ouvir as palavras de Jesus:

Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho. E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa

cabeça. É na vossa perseverança que ganhareis a vossa alma (Lucas 21.12-13, 16, 18-19).

Sem dúvida, será difícil não somente morrer por Cristo às mãos de homens injustos, mas também ter os membros de nossa própria família, à semelhança de Judas, nos entregando com um beijo. Todavia, haverá outras histórias. Nem todas as famílias falharão naquele tempo. Algumas se revelarão como ouro. Ouvir a respeito dessas famílias e da fé exercida por tais pessoas ajudarão a você e a seus amigos e familiares a ficarem preparados. Quero contar-lhe a história da família Haim, do Camboja.

No vilarejo de Siem Riep (no Camboja), Haim, um mestre cristão, “sabia que os jovens soldados comunistas, de traje preto, ao atravessarem os campos, agora vinham buscá-lo... Haim já tinha determinado que, ao chegar a sua vez, morreria com dignidade e sem queixas. Desde a “Libertação”, em 17 de abril de 1975, qual o cambojano que não pensara neste dia?... Toda a família de Haim estava reunida naquela tarde. Eles eram “a velha caspa”, “o sangue ruim”, “inimigos da revolução gloriosa”, “agentes da CIA [Central Intelligence Agency]!” Eles eram cristãos.

A família passara a noite acordada, confortando-se mutuamente e orando uns pelos outros, enquanto permaneciam amarrados juntos, na grama úmida, debaixo de algumas árvores. Na manhã seguinte, os jovens soldados retornaram e os levaram de seu Get-sêmani ao lugar de execução, aos “campos de extermínio”...

A família recebeu ordens de cavar uma sepultura bem ampla, para eles mesmos. Então, concordando com o pedido de Haim, de se prepararem, por alguns momentos, para a morte, pai, mãe e filhos, com mãos unidas, ajoelharam-se ao redor da cova aberta. Com súplicas altissonantes a Deus, Haim começou exortando tanto os soldados como todos os que os olhavam de longe a se arrependem e crerem no evangelho.

Então, em pânico, um dos filhos mais novos de Haim se colocou de pé, correu em direção aos arbustos dos arredores e desapare-

receu. Haim se levantou e, com admirável frieza e autoridade, prevaleceu em convencer os soldados a não perseguirem o menino e a permitirem que ele o chamasse de volta. A aglomeração de espectadores que observavam ao redor das árvores, os soldados e a família pasmada, ainda de joelhos à beira da cova, olhavam com admiração, enquanto Haim começou a chamar o seu filho, rogando-lhe que retornasse e morresse junto com sua família. “Que comparação”, bradou Haim, “ganhar apenas mais alguns dias na selva, como um fugitivo, um miserável e solitário, em vez de unir-se à sua família, momentaneamente ao redor da sepultura, mas em breve ao redor do trono de Deus, livres para sempre, no Paraíso?” Depois de alguns minutos de tensão, alguns arbustos foram abertos, e o rapaz, chorando, caminhou lentamente ao seu lugar, entre os familiares ajoelhados. “Agora, estamos prontos para ir”, disse Haim aos soldados.

Poucos dos que presenciaram esse acontecimento duvidaram que as almas daqueles cristãos, cujos corpos tombaram silenciosamente à cova que eles mesmos abriram, ascenderam ao céu, a um lugar preparado pelo Senhor deles (Don Cormack, *Killing Fields, Living Fields: An Unfinished Portrait of the Cambodian Church – the Church That Would Not Die*, Crowborough, England: Monarch Publications, 1997, p. 233-234).

Haim e sua família não morreram em vão, e nada nos intimidará, se você e eu formos motivados a fixar nossos pensamentos nas coisas que são do alto, para amarmos a Cristo mais do que a este mundo e sermos tão radicalmente livres para o amor, o testemunho e a coragem, na causa da verdade.





JÓ, O HOMEM JUSTO, E A ESTRELA DE ROCK

CONSIDERANDO O PODER E A INFLUÊNCIA

POPULAR SOBRE OS JOVENS

Quando Jó perdeu seus dez filhos, mortos por um vendaval que os esmagou (como os furacões que devastam e destroem em nossos dias), ele rasgou seu manto, rapou a cabeça, lançou-se em terra e adorou. E disse: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR! (Jó 1.21) Depois, quando ferido de tumores em todo o corpo, Jó disse à sua esposa que amaldiçoava a Deus: “Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.10). Em ambos os casos, o autor do livro de Jó acrescenta que ele “não pecou” nestas afirmações ousadas a respeito da soberania de Deus sobre o vento, a enfermidade e Satanás (ver Jó 1.22; 2.10).

Neste sentido, quais são as principais influências para os jovens em nossos dias? Que mensagem está sendo transmitida a respeito do governo de Deus sobre todas as coisas, o direito de dar e tomar que Ele tem como Criador e sua autoridade para governar o mundo? Uma estrela de rock, filha de um pastor metodista da Carolina do Norte, sofreu aborto. À idéia de que este acontecimento doloroso estava na vontade de Deus, ela respondeu: “Se estava, então eu chutarei o traseiro dEle, porque não estou interessada em ‘seja feita a tua vontade’. Sendo mãe desta criança, eu quero a minha vontade e não

a tua" (*Foster's Sunday Citizen*, 15 de novembro de 1998).

Posteriormente, Jó falou sobre pessoas como sua esposa e essa estrela de rock. Eles são prósperos, não compreendem que sua própria respiração é um dom da graça que eles não merecem (Deus não é "servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" — Atos 17.25). Tais pessoas não têm uma vida de gratidão contínua para com a paciência e a tolerância de Deus ("Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?" — Romanos 2.4). Aham que o prazer é a norma da vida e interpretam o sofrimento como uma ocasião para blasfemarem do Altíssimo. Jó diz a respeito deles: "São estes os que disseram a Deus: Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos. Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos? E que nos aproveitará que lhe façamos orações?" (Jó 21.14-15)

Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos?

Essa é uma pergunta excelente, dependendo do tom de voz. Eis uma parte da resposta.

- Ele é razão por que você chegou a existir. "Nele, foram criadas todas as coisas" (Colossenses 1.16).
- Ele é a razão por que você continua existindo. Ele sustenta "todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hebreus 1.3).
- Ele decide por que você existe e o faz cumprir os seus objetivos. "Tudo foi criado por meio dele e *para* ele" (Colossenses 1.16).
- Ele governa todas as autoridades que parecem tão influentes na terra. "Jesus Cristo... o Soberano dos reis da terra" (Apocalipse 1.5).
- Somente Ele tem autoridade para perdoar pecados. "Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus? ...o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados" (Marcos 2.7, 10).
- Opor-se a Deus é tolice em extremo. "Horível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10.31).
- Amar a Deus e aproximar-se dEle é sabedoria plena. "Na tua [de

Deus] presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Salmos 16.11). "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros" (Tiago 4.8).

Portanto, com regozijo e tremor, humilhemo-nos sob a poderosa mão de Deus. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã (Salmos 30.5). Os caminhos de Deus são, freqüentemente, estranhos. Mas, quando esses caminhos são estranhos, Jó é um exemplo melhor do que uma estrela de rock.





SEU CORPO, SEU EGO, SEU DEUS

DIÁRIOS DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ

O jornal *Star-Tribune*, da cidade de Minneapolis, na edição de 23 de outubro de 1997 (A18), trouxe uma resenha de Mary McCarty sobre o livro *The Body Project*, escrito por Joan Brumberg. Esse livro aborda a diferença entre a maneira como as moças viam-se a si mesmas cem anos atrás e a maneira como se viam no final do século XX. Brumberg analisa os diários de moças dos anos 1830 aos anos 1990. A sua conclusão, de acordo com a autora da resenha, foi esta: “No século XIX e no início do século XX, os diários das moças focalizavam-se nas ‘boas obras’ e no aprimoramento do caráter. Nos anos 1990, os seus diários se fixavam em ‘boa aparência’ e aperfeiçoamento do corpo”.

Por exemplo, um diário de 1892 dizia: “Resolvi... pensar antes de falar. Trabalhar com seriedade. Ser controlada em minhas conversas e atitudes. Ter dignidade. Interessar-me mais pelos outros”. Contraste isso com a anotação de um diário de 1982: “Tentarei melhorar minha aparência da maneira que me for possível, com a ajuda de meu salário e ganho como babá. Perderei peso, comprarei lentes novas, usarei um novo corte de cabelo, uma boa maquiagem, roupas e acessórios novos”.

O que é notável a respeito desta mudança, de 1892 a 1982, é que ela corresponde exatamente ao afastamento daquilo que é descrito na Bíblia como

a vontade de Deus para a mulher. Considere a mudança de foco das “boas obras” para a “boa aparência”.

Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com *boas obras* (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas) – 1 Timóteo 2.9-10.

Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que *esperavam em Deus...* como fazia Sara,... da qual vós vos tornastes filhas, *praticando o bem* e não temendo perturbação alguma (1 Pedro 3.3-6).

O diagnóstico de Brumberg focaliza o problema; no entanto, erra o alvo. Ela escreveu: “Hoje, muitas moças se preocupam com os contornos de seu corpo... porque acreditam que o corpo é a expressão essencial de seu ego”. Isso pode ser verdade. Mas não é proveitoso, porque dá a impressão de que *alguma coisa mais*, além do corpo, é a expressão crucial do ego. Em outras palavras, Brumberg parece admitir que o ponto de partida é o *ego*, e expressá-lo é tudo o que constitui a vida. O problema, então, é descobrir qual é a “expressão essencial do *ego*”.

A Bíblia tem um diagnóstico radicalmente diferente acerca deste problema; bem como um ponto de partida completamente diferente. 1 Pedro 3.5 afirma: “Foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que *esperavam em Deus...*” Está claro que o ponto de partida bíblico é Deus, no assunto de lidar com o temor da aparência inaceitável. Uma mulher almeja a aprovação de Deus ou a aprovação dos homens (ou de outras mulheres)? Aqui está o segredo para não temer “perturbação alguma” (1 Pedro 3.6); o segredo para ser liberta da escravidão ao espelho.

O objetivo bíblico para a vida de uma mulher não é encontrar a expressão essencial do ego (nem no corpo, nem no caráter). O objetivo bíblico para a vida é expressar a toda-suficiente dignidade e grandeza de Deus. Expressar a Deus, e não o ego, é o que uma mulher piedosa quer fazer. Preocupação excessiva com aparência, o cabelo e o corpo é um sinal de que o ego, e não Deus, tem assumido a centralidade da vida. Se Deus estiver no centro da vida (como o “sol”), satisfazendo todos os anelos de uma mulher, por beleza, significado, verdade e amor, então, a alimentação, vestes, exercícios, cosméticos, postura e aparência (como os “planetas”) permanecerão na órbita correta.

Se isso acontecer, os diários das próximas gerações provavelmente irão além da aparência e do caráter, e falarão sobre a grandeza de Deus e os triunfos de sua graça. E talvez serão mais provavelmente escritos em lugares como Calcutá, e não nos lares confortáveis dos países ricos.





COMO ORAR EM FAVOR DA ALMA (A SUA E A DE OUTROS)

ORANDO EM SINCRONIA COM A MANEIRA COMO DEUS AGE

Para as pessoas prudentes, a maneira de orar em favor da alma é governada pela maneira como você crê que Deus age. Por exemplo, se você crê que Deus muda a alma das pessoas, para que tomem decisões novas e corretas, então Lhe pedirá que realize essa mudança da alma por meio do evangelismo e do ensino. Mas nem todos são prudentes no que diz respeito à maneira como oram. Não consideram que um conceito sobre a pessoa de Deus está por trás de suas orações.

Portanto, o que estou sugerindo é que aprendamos a orar em favor da alma, primeiramente, com base na maneira como a Bíblia expressa esse tipo de oração. Se fizermos isso, nossas orações provavelmente serão boas orações, e, nesse processo, aprenderemos como Deus age.

Eis a maneira como eu oro em favor de minha alma. Faço estas súplicas repetidas vezes – em favor de mim mesmo, minha esposa, meus filhos, nossos presbíteros e pastores e toda a nossa igreja. Isto é o “feijão e arroz” de minha vida de oração.

1. A primeira coisa que minha alma necessita é uma inclinação por Deus e sua Palavra. Sem isso, nada valioso acontecerá em minha vida. Tenho de

querer conhecer a Deus, ler a sua Palavra, aproximar-me dEle. De onde vem esse “querer”? Vem de Deus. Por isso, Salmos 119.36 nos ensina a orar: “Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça”.

2. Preciso ter os olhos de meu coração abertos, para que, quando a minha inclinação levar-me à Palavra, eu veja o que ela realmente diz e não as minhas próprias idéias. Quem abre os olhos do coração? Deus o faz. Por isso, Salmos 119.18 nos ensina a orar: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei”.
3. Também preciso que meu coração seja iluminado com essas maravilhas. Tenho de ver a glória que há nessas maravilhas e não somente os fatos interessantes. Quem ilumina o coração? Deus o ilumina. Por isso, Efésios 1.18 nos ensina a orar que sejam “iluminados os olhos do vosso coração”.
4. Preocupo-me em que meu coração não fique dolorosamente fragmentado e partes dele permaneçam na escuridão, enquanto outras partes estão iluminadas. Por isso, anelo que meu coração esteja unido com Deus. De onde procede a integralidade do coração e a união com Deus? De Deus. Por isso, Salmos 86.11 nos ensina a orar: “Andarei na tua verdade; une o meu coração ao temor do teu nome” (Bíblia Revista e Corrigida).
5. O que eu realmente espero desse envolvimento com a Palavra de Deus e com o Espírito Santo, em resposta às minhas orações, é que meu coração se satisfaça com Deus, e não com o mundo. De onde vem essa satisfação? Ela vem de Deus. Por isso, Salmos 90.14 nos ensina a orar: “Sacia-nos de manhã com a tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias”.
6. Não desejo que minha felicidade seja fraca ou débil, e sim forte e durável, em meio às piores adversidades. Quero ser forte na alegria e perseverar durante as épocas de provações. De onde vêm esse vigor e perseveran-

ça? Eles vêm de Deus. Por isso, Efésios 3.16 nos ensina a orar: “Para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior”.

7. Não quero que meu vigor em Cristo seja frutífero apenas para mim, mas também para os outros. Evidentemente, “mais bem-aventurado é dar que receber” (Atos 20.35). Por isso, quero produzir boas obras e atos de amor para as outras pessoas, de modo que a glória de Deus seja vista em minha vida, e outros provem e vejam que o Senhor é bom. Quem produz essas obras de amor? Deus as produz. Por isso, Colossenses 1.10 nos ensina a orar: “A fim de viverdes de modo digno do Senhor... frutificando em toda boa obra”.
8. Finalmente, para que não perca o alvo final, eu oro, dia após dia — como um tipo de bandeira que drapeja sobre todas as minhas orações — “Santificado seja o teu nome” (Mateus 6.9). Senhor, faze que teu nome seja conhecido, temido, amado, apreciado, admirado, adorado e crido, por causa de minha vida e ministério.

Tudo isso eu oro em nome de Jesus, porque Deus nos dá essas coisas somente com base na morte de Jesus. Ele morreu por mim e removeu a ira de Deus, para que o Pai me desse gratuitamente todas as coisas (Romanos 8.32).

Senhor, ensina-nos a orar, desde o começo até ao fim, de uma maneira bíblica e com uma percepção bíblica de como Tu ages no mundo. Mostra-nos a Ti mesmo e como Tu ages, para que oremos como devemos. E ensina-nos a orar como devemos, para que vejamos como Tu ages.





ACAUTELE-SE DA LÓGICA!

“ORDENA O QUE QUISESERES, E DÁ-ME O QUE ORDENARES.”

2 Crônicas 30 nos diz como o rei Ezequias restaurou a Páscoa em Israel. Essa celebração havia sido negligenciada, e Ezequias contristou-se por essa desobediência. Por isso, enviou mensageiros que percorressem o país e chamassem o povo ao arrependimento e à obediência.

A mensagem do rei estava repleta de afirmações condicionais. Por exemplo: “*Se* vós vos converterdes ao SENHOR... vosso Deus... não desviará de vós o rosto” (v. 9). Estas afirmações condicionais mostram que Deus reage às nossas escolhas. Ou seja, *se* fizermos determinada escolha, Deus faz algo; *se* fizermos uma escolha diferente, Ele faz algo diferente. Por isso, Ezequias convocou o povo a voltar-se para o Senhor, *a fim de que* Ele se voltasse para o povo.

Esta reação de Deus às escolhas que fazemos levam algumas pessoas a precipitarem-se a uma conclusão “lógica” que não possui qualquer fundamento. Eles dizem: “Se Deus reage às nossas escolhas, então, o que escolhemos e o que Deus faz em resposta à nossa escolha dependem, em última instância, de nós mesmos”. Isto é o que eu chamo de “interpretação filosófica”, em vez de interpretação exegética. Em outras palavras, esta maneira de entender as afirmações condicionais da Bíblia resulta do raciocínio

lógico do ser humano, e não da atenção cuidadosa aos caminhos *singulares* de Deus revelados no texto bíblico.

Quero ilustrar isso com base em 2 Crônicas 30. Estas são as exortações que Ezequias enviou ao povo. Estão carregadas de condições:

- *Versículo 6:* “Filhos de Israel, voltai-vos ao SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, *para que* ele se volte para o restante que escapou do poder dos reis da Assíria”. Em outras palavras, se vocês se voltarem ao Senhor, Ele se voltará para vocês.
- *Versículo 7:* “Não sejais como vossos pais e como vossos irmãos, que prevaricaram contra o SENHOR, Deus de seus pais, *pelo que* os entregou à desolação, como estais vendo”. A ação de Deus em entregar os pais “à desolação” resultou de haverem eles sido infiéis ao Senhor.
- *Versículo 8:* “Não endureçais, agora, a vossa cerviz, como vossos pais; confiai-vos ao SENHOR, e vinde ao seu santuário que ele santificou para sempre, e servi ao SENHOR, vosso Deus, *para que* o ardor da sua ira se desvie de vós”. O ardor da ira de Deus se desviará de vocês, se servirem ao Senhor Deus.
- *Versículo 9:* “Porque, *se* vós vos converterdes ao SENHOR, vossos irmãos e vossos filhos *acharão* misericórdia perante os que os levaram cativos e tornarão a esta terra; porque o SENHOR, vosso Deus, é misericordioso e compassivo e não desviará de vós o rosto, *se* vos converterdes a ele”. Converter-se ao Senhor é uma condição que as pessoas têm de satisfazer, para que recebam a compaixão do Senhor em não virar as costas para elas.

Qual foi a resposta obtida pelos servos de Ezequias que levavam essas mensagens de esperança condicional? O versículo 10 nos mostra que algumas pessoas “riram-se e zombaram deles”. Mas outras “de Aser, de Manassés e de Zebulom se humilharam e foram a Jerusalém” (v. 11). O povo de Judá fez essa mesma escolha humilde (v. 12). O que fez a diferença na maneira como as pes-

soas reagiram? O versículo 12 nos dá a resposta incomum: “Também em Judá se fez sentir a mão de Deus, *dando-lhes um só coração, para cumprirem o mandado do rei e dos príncipes, segundo a palavra do SENHOR*”.

Não leia isso rapidamente. Pense sobre as implicações impressionantes. São importantíssimas. O que o versículo 12 ensina, à luz do contexto anterior, é que Deus havia ordenado: “Voltai-vos para mim, eu me voltarei para vós”. Algumas pessoas se voltaram. Por que motivo o fizeram? O versículo 12 apresenta a mais profunda razão: *Deus lhes deu um coração disposto a fazer o que Ele ordenara*. “Também em Judá se fez sentir a mão de Deus, *dando-lhes um só coração, para cumprirem o mandado do rei e dos príncipes*”.

Há alguma contradição em afirmar: “Se fizerem o que o rei ordenou, Deus removerá a sua ira de vocês” e, em seguida: “Deus lhes deu um coração disposto a fazer o que o rei ordenara”? É uma contradição afirmar uma condição que o povo tinha de satisfazer e, em seguida, dizer que Deus os capacitou a satisfazer a condição? Não, não é uma contradição. Somente um preconceito filosófico contrário ao ensino deste texto bíblico chamaria isso de contradição.

Isso esclarece dezenas de passagens bíblicas. De fato, esclarece toda a estrutura do pensamento bíblico. Quando lemos sentenças como: “Se vos voltardes ao SENHOR, Ele se voltará para vós”, não nos precipitemos à conclusão de que aquilo que escolhemos e aquilo que Deus faz em resposta à nossa escolha depende exclusivamente de nós. O versículo 12 ensina com bastante clareza: O que Deus ordena, Ele também pode dar. Isto é o correspondente bíblico mais próximo à famosa oração de Agostinho: “Ordena o que quiseses, e dá-me o que ordenares” (*Confessions*, X, xxix, 40).

A lição para nós é uma advertência e uma exortação. Acautele-se de interpretar a Bíblia com inferências lógicas, em vez de prestar atenção ao texto. Em vez disso, alegre-se, porque a graça de Deus está por trás de sua reação à graça dEle. Se a graça não nos despertar à graça, dormiremos durante o acontecimento. “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente” (Romanos 11.36).





A AUSÊNCIA DA ALEGRIA SOBERANA

UMA LIÇÃO DE AMOR MINISTRADA POR AGOSTINHO

Na história da igreja, poucas pessoas ultrapassaram Agostinho em retratar a grandeza, a beleza e a qualidade de ser desejado inerentes de Deus. Agostinho estava completamente convencido, pela experiência e pela Palavra de Deus, de que “feliz é aquele que possui a Deus” (Thomas A. Hand, *Augustine on Prayer*, New York: Catholic Book Publishing Co., 1986, p. 17). “Tu nos fizeste para Ti mesmo, e nossos corações não acham paz, enquanto não descansam em Ti” (Augustine, *Confessions*, I, 1). Agostinho trabalhou com todo o seu vigor para fazer conhecido e amado, no mundo, este Deus de graça e alegria soberanas.

Tu estás sempre em atividade, contudo sempre em descanso. Tu reúnes todas as coisas a Ti mesmo, embora não precisas de coisa alguma... O erro Te entristece, mas não sofres qualquer dor. Podes ficar irado, mas sereno. Tuas obras são variadas, mas o teu propósito é o mesmo... Recebes aqueles que vêm a Ti, embora nunca os tenha perdido. Nunca estás em necessidade, mas Te alegras em conquistar; nunca és cobiçoso, embora exijas um retorno de teus dons... Perdoas as nossas dívidas, mas não sofres nenhum dano

com isso. Tu és o meu Deus, a minha vida, o meu deleite santo. Mas, isto é o suficiente a ser dito a teu respeito? Algum homem pode afirmar o bastante, quando fala a teu respeito? No entanto, ai daqueles que se mantêm em silêncio no que se refere a Ti! (Augustine, *Confessions*, I, 4)

Se é verdade, como disse R. C. Sproul, que hoje “não ficamos livres do cativo pelagiano na igreja” (“Augustine and Pelagius”, em *Tabletalk*, junho de 1996, p. 52), então, devemos orar, pregar, escrever, ensinar e labutar, com todo vigor, para romper os grilhões que nos mantêm cativos. Pelágio, um monge britânico, era um pregador popular nos anos 401 a 409 d.C. Ele era o arquini-migo de Agostinho porque rejeitava a noção de que a vontade do homem era escravizada pelo pecado e necessitava de graça especial para crer em Cristo e fazer o bem. Ele rejeitava a oração de Agostinho: “Dá-me graça [ó Senhor] para fazer o que Tu ordenas e ordena-me fazer o que tu queres” (*Confessions*, X, 31). R. C. Sproul disse: “Precisamos de um Agostinho ou de um Lutero para falar conosco novamente, para que a graça de Deus não seja obscurecida nem obliterada em nossa época” (“Augustine and Pelagius”, 52).

Sim, precisamos realmente. Mas precisamos também de milhares de pastores comuns que estejam encantados com a extraordinária soberania da alegria que pertence a Deus e procede tão-somente dEle. E precisamos redescobrir o ponto de vista peculiar de Agostinho — um ponto de vista muito bíblico — sobre a graça como o dom espontâneo da alegria soberana, em Deus, que nos liberta da escravidão do pecado. Precisamos reconsiderar nosso ponto de vista reformado sobre a salvação, de modo que a seiva do deleite agostiniano esteja fluindo em todo ramo e todo galho da árvore.

Precisamos deixar claro que a *depravação total* não é somente malignidade, é também não enxergar a beleza e estar morto para o regozijo; que a *eleição incondicional* significa que a totalidade de nosso gozo em Jesus foi planejada para nós, antes que existíssemos; que a *expição limitada* é a certeza de que a alegria indestrutível que temos em Deus é infalivelmente outorgada a nós mediante o sangue da aliança; que a *graça irresistível* é o compromisso e o poder do amor de Deus em assegurar que não ficaremos presos a prazeres suicidas e também de nos tornar livres mediante o supremo poder de praze-

res superiores; e que a *perseverança dos santos* é a poderosa obra de Deus em preservar-nos, em meio a toda a aflição e sofrimento, para uma herança de prazeres que estão à direita de Deus, para sempre.

Esta nota de alegria triunfante e soberana é um elemento que está ausente em grande parte da teologia e do culto reformado. Talvez deveríamos perguntar a nós mesmos: isso acontece por que não temos experimentado o triunfo da alegria soberana em nossas vidas? Será que podemos falar como Agostinho?

Como foi maravilhoso eu ficar repentinamente livre *daquelas alegrias infrutíferas* que antes eu tinha medo de perder!... *Tu as expulsaste de mim*; Tu, que és a verdadeira e a *soberana alegria*. Tu as expulsaste de mim e ocupastes o lugar delas... Ó Senhor, meu Deus, minha Luz, minha Riqueza, minha Salvação (*Confessions*, IX, 1).

Estamos em escravidão aos prazeres deste mundo, de modo que, apesar de toda a nossa conversa sobre a glória de Deus, amamos a televisão, a comida, o sono, o sexo, o dinheiro e o louvor humano, tais como outras pessoas os amam? Se isto é verdade, arrependamo-nos e fixemos resolutamente os nossos olhos na Palavra de Deus, orando: Senhor, abre os meus olhos para que eu tenha a soberana visão de que em tua presença há plenitude de alegria e à tua direita, delícias perpetuamente (Salmos 16.11).





COMO SER CHEIO DO ESPÍRITO SANTO

COMO BEBER O VINHO DE DEUS?

MEDITAÇÃO SOBRE EFÉSIOS 5.18-21

*E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução,
mas enchei-vos do Espírito,
falando entre vós com salmos, entoando e louvando
de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais,
dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai,
em nome de nosso Senhor Jesus Cristo,
sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.*

Efésios 5.18 diz: “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito”. Há, pelo menos, quatro efeitos de ser cheio do Espírito. Primeiramente, o versículo 19 mostra que o efeito é musical: “...falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor”. É evidente que a alegria em Cristo é a característica peculiar de ser cheio do Espírito.

Mas não somente alegria. No versículo 20, encontramos a gratidão: “Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. Gratidão perpétua, gratidão por tudo resulta de ser cheio do Espírito

— e essa gratidão tem como alvo o vencer a murmuração, o descontentamento, a autocompaixão, a amargura, o queixume, a carranca, a depressão, a inquietação, o desânimo, a melancolia e o pessimismo!

Mas os efeitos não são apenas alegria musical e gratidão por tudo; há também a submissão de amor às necessidades uns dos outros — “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”. Alegria, gratidão e amor humilde — essas são algumas das marcas de ser cheio do Espírito.

Poderíamos acrescentar um quarto efeito: ousadia no testemunho cristão. Podemos ver isto com mais clareza em Atos 4.31: “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus”. Nenhum crente deixará de ser ousado e zeloso no testemunho, se o Espírito Santo estiver produzindo nele alegria transbordante, gratidão perpétua e amor humilde. Oh! Como precisamos ser cheios do Espírito! Procuremos esse enchimento! Busquemo-lo!

No entanto, há uma pergunta crucial: como podemos buscá-lo? Começemos com a analogia mais próxima: “Não vos embriagueis com vinho... mas enchei-vos do Espírito” (v. 18). Como você se embriaga com o vinho? Você o bebe... em grande quantidade. Então, como ficaremos embriagados (cheios) com o Espírito? Bebamos dEle! Bebamos em profusão. Paulo disse: “A todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1 Coríntios 12.13). Jesus disse: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito” (João 7.37-39).

Como podemos beber do Espírito Santo? Paulo disse: “Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, [cogitam] das coisas do Espírito” (Romanos 8.5). Bebemos do Espírito cogitando das coisas do Espírito. O que significa “cogitar” das coisas do Espírito”? Colossenses 3.1-2 afirmam: “Buscai as coisas lá do alto... Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra”. “Pensar” significa “procurar, dirigir a atenção para, preocupar-se com”. Significa “ser dedicado a” e “absorvido com”. Portanto, beber do Espírito significa buscar as coisas do Espírito, dirigir a atenção às coisas do Espírito, dedicar-se às coisas do Espírito.

Quais são “as coisas do Espírito”? Quando Paulo disse: “Ora, o homem natural não aceita *as coisas do Espírito de Deus*” (1 Coríntios 2.14), estava se

referindo aos seus próprios ensinamentos inspirados pelo Espírito (1 Coríntios 2.13) — especialmente seus ensinamentos a respeito dos pensamentos, planos e caminhos de Deus (1 Coríntios 2.8-10). Então, “as coisas do Espírito” são os ensinamentos dos apóstolos a respeito de Deus. Jesus também disse: “As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (João 6.63). Logo, os ensinamentos de Jesus também são “as coisas do Espírito”.

Portanto, beber do Espírito significa cogitar das coisas do Espírito. E cogitar das coisas do Espírito significa dirigir nossa atenção aos ensinamentos dos apóstolos a respeito de Deus e às palavras de Jesus. Se fizermos isso por bastante tempo, ficaremos embriagados com o Espírito. De fato, ficaremos viciados no Espírito. Em vez de dependência química, desenvolveremos uma maravilhosa dependência do Espírito Santo.

Mais uma coisa: o Espírito Santo não é como o vinho, porque Ele é uma pessoa e livre para ir e vir aonde quer que deseje (João 3.8). Por isso, temos de acrescentar Lucas 11.13. Jesus disse aos seus discípulos: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” Se queremos ser cheios do Espírito, temos de pedir isso ao nosso Pai celestial. E foi isso que Paulo fez pelos crentes de Éfeso. Ele pediu ao Pai celestial que aqueles crentes fossem “tomados [cheios] de toda a plenitude de Deus” (Efésios 3.19). Beba do Espírito e ore. Beba do Espírito e ore. Beba do Espírito e ore.





O QUE É A COMUNHÃO COM DEUS? SABEDORIA DE JOHN OWEN

PENSAMENTOS SOBRE HEBREUS 10.22

Aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé.

Os antigos puritanos chamavam este *aproximar-se* de “comunhão com Deus”. Precisamos aprender deles. J. I. Packer afirmou que os puritanos diferem dos evangélicos contemporâneos, porque para eles:

A comunhão com Deus era algo *muito importante*; em comparação ao que pensam os evangélicos contemporâneos, a comunhão com Deus é algo *insignificante*. Os puritanos eram interessados pela comunhão com Deus de um modo que não o somos. A medida de nosso interesse é mostrada pelo pouco que falamos a respeito deste assunto. Quando os crentes se reúnem, falam uns com os outros a respeito de suas obras e seus interesses cristãos, de seus conhecidos cristãos, da situação de suas igrejas e dos problemas de teologia — mas raramente falam sobre a experiência diária com Deus (*A Quest for Godliness*, Wheaton, Ill.: Crossway Books, p. 215).

De acordo com Packer, o maior dos puritanos foi John Owen (1616-1683). A própria comunhão que Owen tinha com Deus é um grande exemplo para

nós. Deus cuidou que Owen e os puritanos sofredores de seus dias vivessem nEle, de um modo que faz a maior parte de nossa comunhão com Deus parecer superficial. Escrevendo uma carta durante um período de enfermidade, em 1674, Owen disse a um amigo: “Cristo é nosso melhor amigo e logo será o nosso único amigo. Peço a Deus, com todo o meu coração, que eu me fatigue de tudo, exceto da conversa e da comunhão com Ele” (Peter Toon, *God’s Statesman*, Greenwood, S. C.: The Attic Press, p. 153). Deus usou a doença e todas as pressões sofridas por Owen em sua vida para orientá-lo na comunhão com Ele mesmo e mantê-lo envolvido nesta comunhão.

Mas Owen também era intencional em sua comunhão com Deus. Ele disse: “A amizade é mantida e preservada por meio de visitas; e estas devem ser espontâneas e não somente motivadas por assuntos urgentes...” (John Owen, *Works*, VII, Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1965, p. 197). Em outras palavras, em meio a todos os seus labores políticos, acadêmicos e eclesiásticos, Owen fazia muitas visitas a Deus.

E, quando ele fazia essas visitas, não ia somente com petições por coisas ou por livramentos de suas muitas dificuldades. Ele as fazia para ver seu glorioso Amigo e contemplar-Lhe a grandeza. O último livro que Owen escreveu — quase concluído quando ele morreu — chama-se *Meditações sobre a Glória de Cristo*. Isso nos diz muito a respeito do foco e do resultado da vida de Owen. Neste livro, ele disse:

A revelação... de Cristo... merece os mais solenes pensamentos, as melhores de nossas meditações e nossa maior diligência nelas... Que melhor preparo pode haver [para o nosso futuro gozo da glória de Cristo] do que a contemplação prévia e constante dessa glória, na revelação feita no evangelho? (*Works*, I, 275).

A contemplação que Owen tinha em mente é formada de, pelo menos, duas coisas. Por um lado, existe aquilo que ele chamou de “pensamentos solenes” e “melhores meditações” ou, em outro lugar, “meditações assíduas” e, por outro lado, oração incessante. As duas são ilustradas em sua obra sobre a Epístola aos Hebreus.

Uma das grandes realizações de Owen foi o seu comentário, de sete vo-

lumes, sobre essa epístola. Quando o terminou, próximo do fim de sua vida, ele disse: “A minha obra está completa; é tempo de morrer” (*God’s Statesman*, p. 168). Como ele realizou esta grande obra e permaneceu próximo de Deus? Obtemos uma resposta breve no prefácio daquela obra:

Tenho de afirmar agora que, depois de toda a minha pesquisa e leitura, *a oração e a meditação assídua* têm sido meu único abrigo, bem como os meios mais proveitosos de obter entendimento e auxílio. Por meio delas, meus pensamentos foram libertados de muitos embaraços (*Works*, I, lxxxv).

Era assim que John Owen se aproximava de Deus, por meio da oração e da meditação assídua, achando entendimento e liberdade. Esse era um zelo de comunhão com Deus marcado por entendimento. Esse é o tipo de zelo que desejamos. Esse é o entendimento pessoal agradável que mantém nosso zelo em seus limites e o faz brilhar com mais intensidade. Com esse zelo e entendimento, aproximemo-nos, dia após dia, hora após hora.





SE O NOSSO MORRER FOR UMA DISCIPLINA?

MEDITAÇÃO EM 1 CORÍNTIOS 11.29-32

Viver para Cristo é bastante árduo. No entanto, morrer para Cristo é também muito difícil. Precisamos de toda ajuda que pudermos obter. É uma questão de fé. Confiaremos nEle até ao fim? Descansaremos em sua graça ou entraremos em pânico, imaginando que somos destinados ao inferno? Sabemos lidar com o medo de que o nosso morrer é um castigo e o prelúdio de algo pior? Oh! quantas dúvidas plantadas pelo diabo! Temos de aprender como repeli-lo com a espada do Espírito, a Palavra de Deus. Esta é outra parte de nossa defesa.

Suponhamos que pecamos realmente de um modo negligente e que desagradamos a Deus. Suponhamos também que sejamos “disciplinados” e “julgados” pelo Senhor, por consequência desse pecado, e que Ele nos envie uma doença. Cuidado! Eu não estou dizendo que sejamos “punidos” no sentido de sofrermos a penalidade do pecado. Cristo suportou a penalidade de todos os nossos pecados, na cruz: “Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados” (1 Pedro 2.24). Porém, usei a palavra “disciplinados” no sentido de repreensão, correção, purificação e preservação de pecados piores. “O Senhor corrige a quem ama e açoita a todo

filho a quem recebe" (Hebreus 12.6).

Mas, o que você diz sobre a morte? Deus nos removeria por meio da morte como parte de sua disciplina? O apóstolo Paulo afirmou que, às vezes, Deus faz isso. Ao lidar com os pecados cometidos na Ceia do Senhor, Paulo escreveu:

Quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e *não poucos que dormem* [ou seja, que morreram]. Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, *para não sermos condenados com o mundo*" (1 Coríntios 11.29-32).

Em outras palavras, ficar doente, fraco e, até, morrer são formas de disciplinas do Senhor. O objetivo não é a condenação. Isso aconteceu na cruz. Para nós, não há "*nenhuma condenação*" (Romanos 8.1). O objetivo é "*não sermos condenados com o mundo*" (1 Coríntios 11.32). Em outras palavras, a morte é, às vezes, um livramento disciplinar que visa salvar-nos da condenação. "Há entre vós... não poucos que dormem [ou seja, que morreram]... para não sermos condenados com o mundo."

É claro que essa não é a razão de *todas* as mortes dos preciosos santos de Deus. Não conclua imediatamente que sua doença ou a sua morte se deve a uma trajetória de pecado, da qual você tem de ser libertado. Mas suponha que isso pode ser o que está acontecendo.

Isto é encorajador? Pensar nisto o ajudará a morrer mais tranquilo, com mais fé e esperança? Minha resposta é que *todo* o ensino da Bíblia tem como alvo ajudá-lo a morrer, bem como ser um encorajamento para a fé, à luz da verdade (Romanos 15.4).

Então, como esta verdade nos fortalece, para que tenhamos uma morte cheia de esperança? Talvez assim. O pensamento de que somos pecadores não é uma grande ameaça à nossa paz? O pensamento de que Deus é soberano e de que Ele poderia remover a doença, se quisesse, não nos ameaça com sentimentos de temor, quando sabemos que, se a doença permanece, Ele deve estar agindo contra nós? E como lidaremos com esses temores, quando sabemos que somos realmente pecadores e que a corrupção ainda permanece em nós?

Nesses momentos, buscamos algum encorajamento na Bíblia mostrando-nos que Deus está disposto a salvar crentes que pecaram e são muito imperfeitos.

No entanto, sabemos que Deus é santo e odeia o pecado, até o pecado cometido por seus filhos. Também sabemos que Ele disciplina seus filhos fazendo-os passar por experiências dolorosas (Hebreus 12.11). Não somos daqueles que afirmam que Deus não tem qualquer relação com as experiências dolorosas da vida. Por isso, buscamos ajuda e esperança na Palavra de Deus, a qual é completamente realista. E achamos em 1 Coríntios 11.32 que a morte dos santos — a morte que é disciplina e julgamento — *não* é condenação, e sim salvação. Deus está tirando a vida do crente que está em pecado, porque o ama tanto que não permitirá que ele continue no pecado.

Isto é um poderoso encorajamento. Não é fácil de entendermos, nem é ensinado freqüentemente. Mas é uma rocha firme. O que isto diz a todos nós é o seguinte: não precisamos estar certos de que o tempo de nossa morte se deve ao nosso pecado, ou à crueldade de Satanás (Apocalipse 2.10), ou a outros propósitos de Deus. O que precisamos realmente é a profunda segurança de que, se a nossa morte resultar de nossa tolice e pecado, podemos descansar tranqüilamente no amor de Deus. Nesses momentos, estas palavras serão extremamente preciosas: *“Somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo”*. Deste modo, aprendemos a morrer tranqüilos.





“A COISA MAIS IMPORTANTE NO MUNDO É SER SALVO”

PENSANDO SOBRE A GRANDEZA DO PROPÓSITO DA SALVAÇÃO

Visitei o Dr. Wilford Widen no hospital pouco antes de sua morte, ocorrida em 27 de setembro de 1982. De sua cama, ele olhou para mim e, com um sorriso, me disse: “Pastor John, a coisa mais importante no mundo é ser salvo”. Essas palavras são o legado permanente de um grande crente que supervisionou a Escola Dominical de nossa igreja durante quarenta anos e liderou uma campanha para a construção de um de nossos prédios.

Você também pensa que ser salvo é a coisa mais importante no mundo? Se não, isso ocorre talvez porque você nunca se sentiu realmente uma pessoa perdida e desesperada diante do juízo de Deus ou ameaçada por uma eternidade de tormento consciente no inferno. Oh! Como amamos o viver, depois de quase sermos mortos! Talvez por causa de uma forte ressaca do mar. Ou porque uma mão ficou presa no ralo de uma piscina de natação. (Sim, repleta de água! Eu recordo bem!) Ou por sair rapidamente da frente de um carro que trafega em alta velocidade a alguns centímetros de você, quando a voz de sua esposa o alerta, pouco antes de você dar um passo para a morte. Ou pela vitória de uma grande luta contra um câncer. Ou pela sua libertação de um campo de prisioneiros, depois de dezesseis anos nos quais você esperava ser morto. Ou depois de sobreviver à queda de um avião, quando outras pessoas morreram.

Oh! Como amamos a vida nesses momentos e nos apegamos a tudo que é precioso. Isso também acontece quando experimentamos a preciosidade de

sermos salvos do pecado. Isto não é mera palavra. Isto não é apenas um fato aprendido da Bíblia; você realmente sente que está condenado, com justiça, e desesperadamente perdido, alienado de Deus, da vida e da alegria. Depois, você aprende que Deus preparou um caminho; Ele perdoará seus pecados, haverá de aceitá-lo, amá-lo e fazer todas as coisas cooperarem para o seu bem. Aprende que todos os seus pecados podem ser perdoados e lançados no fundo do mar, para nunca mais serem trazidos a juízo contra você. Oh! Quão precioso é ser salvo do pecado, do julgamento e do inferno!

Entretanto, a Bíblia nos permite afirmar que a coisa mais importante no mundo é alguém ser salvo? Na verdade, a pessoa mais importante no mundo é *Deus*. O Dr. Widen não pretendia comparar com Deus a nossa experiência de sermos salvos. Ele queria comparar isso com todas as outras experiências. A razão por que ser salvo é a maior de todas as experiências no mundo é que Deus é a pessoa mais importante do mundo, e ser salvo significa ser resgatado do pecado e da condenação, para que conheçamos a Deus e O desfrutemos para sempre. Se Deus não fosse a realidade mais importante no universo, ser salvo para estar com Ele não seria a maior experiência no universo.

Sim, mas é realmente *bíblico* afirmar isso? Enquanto escrevo, tenho em mente uma passagem das Escrituras. Jesus disse aos seus setenta discípulos: “Alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (Lucas 10.20). Em outras palavras, vocês tiveram grande sucesso no ministério que realizaram. Os demônios se sujeitaram a vocês. As pessoas foram libertas. Isso é maravilhoso. Foi para isso que os enviei. Louvem a Deus por esse triunfo.

Mas, não permitam que isso seja a principal alegria, ou a fonte da alegria, ou a alegria indispensável de vocês. Pelo contrário, “alegrai-vos... porque o vosso nome está arrolado nos céus”. Ou seja, alegrem-se pelo fato de que vocês estão arrolados entre os redimidos. Alegrem-se que vocês irão ao céu, quando morrerem. Alegrem-se porque Deus escreveu seu nome entre os eleitos. Regozijai-vos pelo fato de que vocês estão salvos. Esta é a coisa mais importante. Não é o ministério. E sim, conhecer a Deus, ver a Deus, alegrar-se em Deus. A coisa mais importante no mundo é sermos salvos, porque o propósito de sermos salvos é desfrutarmos a pessoa de *Deus* para sempre.





O AGONIZANTE PROBLEMA DA SEGURANÇA DA SALVAÇÃO

PARA ONDE OLHAR QUANDO É TEMÍVEL OLHAR PARA DENTRO DE SI

O problema mais difícil quanto ao assunto da segurança da salvação não é determinarmos se os fatos objetivos do cristianismo são verdadeiros (Deus existe, Cristo é Deus, Cristo morreu pelos pecadores, Cristo ressuscitou dos mortos, Cristo salva para sempre todos os que crêem nEle, etc.). Esses fatos são o alicerce firme de nossa fé. Todavia, o problema agonizante é saber se eu sou realmente salvo por esses fatos.

Em resumo, o grande problema é saber se eu tenho a fé salvadora. O que torna isso agonizante — para muitos na história da igreja e em nossos dias — é o fato de existirem pessoas que imaginam possuir a fé salvadora, quando não a possuem. Por exemplo, Jesus disse: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mateus 7.21-23).

Portanto, a pergunta crucial para muitos é esta: eu tenho realmente a fé salvadora? A minha fé é verdadeira? Estou enganando a mim mesmo? Algumas pessoas que têm boas intenções tentam amenizar o problema por tornarem

a fé em uma simples decisão de afirmar certas verdades, tal como: Jesus é Deus, Ele morreu pelos meus pecados. Outras tentam fazer do problema algo menos inquietante, por negarem que qualquer tipo de mudança de vida é realmente necessário para demonstrar a realidade da fé. Por isso, descobrem uma maneira de fazer que as palavras de Tiago 2.17 signifiquem algo diferente do que parecem significar — “Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tiago 2.17). Mas essas estratégias que visam fortalecer a segurança de salvação têm o efeito contrário. Negam algumas partes das Escrituras. E até a fé minúscula que eles preservam pode ser atormentada e questionada pela alma oprimida. Não resolvem o problema e abrandam a verdade. E, talvez o pior de tudo, dão segurança de salvação à pessoa que não devia tê-la.

Em vez de minimizar a natureza miraculosa, profunda e transformadora da fé, e em vez de negarem que existem mudanças de vida necessárias que demonstram a realidade da fé, deveríamos abordar de outra maneira o problema da segurança da salvação. Devíamos começar reconhecendo que há uma garantia *objetiva* para descansarmos no perdão de Deus para os nossos pecados e há uma garantia *subjettiva* para a certeza de que nossos pecados são perdoados. A garantia objetiva é a obra consumada de Cristo, na cruz, que “aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados” (Hebreus 10.14). A garantia subjettiva é a nossa fé, que produz o fruto de sermos “santificados”.

Em seguida, devemos compreender que a fé salvadora tem duas partes. Primeira: a fé é uma visão espiritual da glória (ou beleza) no Cristo do evangelho. Em outras palavras, quando você lê ou ouve o que Deus fez pelos pecadores, na cruz e na ressurreição de Jesus, o seu coração vê isso como algo sublime e glorioso em si mesmo, mesmo antes de você ter certeza de que é salvo por meio disso. Penso ser esta a idéia em 2 Coríntios 4.4, quando Paulo disse que Satanás cega a mente dos incrédulos para que não vejam “a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. Para que a fé seja real, tem de haver uma “luz” sobrenatural que Deus faz resplandecer no coração, a fim de mostrar-nos que Cristo é glorioso e sublime (2 Coríntios 4.6). Isso acontece como uma obra do Espírito de Deus, por meio da pregação do evangelho.

Segunda: a fé é um descanso garantido neste evangelho glorioso, para a nossa salvação. Eu digo “descanso garantido”, porque há um descanso não garantido — pessoas que imaginam que são salvas, mas não o são, porque

nunca chegaram a ver a glória de Cristo como sublime e constrangedora. Essas pessoas crêem somente por causa do garantia do livramento do mal, e não porque vêem a Cristo como alguém mais glorioso e desejável do que todas as outras coisas. Mas para aqueles que vêem “a luz do evangelho da glória de Cristo” o seu descanso é garantido.

No aspecto prático, isto significa, primeiramente, que devemos continuar olhando para a cruz e para a obra de Deus em Cristo, porque este é o lugar em que Deus faz a luz do evangelho resplandecer. Se nos tornarmos excessivamente introspectivos e analisarmos demais as nossas emoções, afundaremos em dúvidas desesperadoras, porque a luz confirmadora não resplandece de dentro de nós, e sim de Cristo no evangelho. Temos de olhar para fora de nós mesmos, para Cristo e sua obra, se desejamos ter a segurança de salvação firme em nosso íntimo.

Em segundo, devemos orar continuamente a Deus, pedindo-Lhe que ilumine os olhos de nosso coração (Efésios 1.18). Em terceiro, devemos expressar nossa confiança em Cristo, por amarmos uns aos outros, conforme disse o apóstolo João: “*Sabemos* que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 João 3.14). Em última instância, a segurança de salvação é um precioso dom de Deus. Oremos uns pelos outros, para que este dom seja abundante entre nós.





VOCÊ É UM DESCENDENTE DO REI DAVI?

MEDITAÇÃO SOBRE SALMOS 18.50 E ISAÍAS 55.3

*É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei
e usa de benignidade para com o seu ungido,
com Davi e sua posteridade, para sempre.*

*Farei uma aliança perpétua, que consiste
nas fiéis misericórdias prometidas a Davi.*

Respire profundamente e pense sobre o seu lugar no trono do rei Davi, o grande rei de Israel na antiguidade. Os cristãos são realmente os herdeiros das promessas feitas a Davi e aos seus descendentes? Em Salmos 18.50, Davi afirmou: “É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei e usa de benignidade para com o seu ungido, com Davi e sua posteridade, para sempre”. Os cristãos podem, três mil anos depois, ler estas palavras e reconhecer que estão incluídos na promessa de vitória e de benignidade?

Considere Isaías 55. Este capítulo começa com um convite amplo: “Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem

preço, vinho e leite" (v. 1). Esse convite inclui todos os que virão a Deus famintos, sedentos, arruinados e prontos a satisfazerem-se na graça, em vez de satisfazerem-se no mundo e nas riquezas. Em seguida, no versículo 3, falando para o mesmo grupo, Isaías disse: "Inclinaí os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas *fiéis misericórdias prometidas a Davi*". Observe: esta aliança é prometida a *todos* que, famintos e sedentos, vêm a Deus em busca de satisfação. Além disso, esta aliança inclui as "*fiéis misericórdias*" de Deus "*prometidas a Davi*".

Por conseguinte, é verdade que os santos humildes e famintos são os beneficiários das promessas feitas ao rei Davi. Como isso se cumpre três mil anos depois?

Bem, Deus planejou que as promessas feitas a Davi seriam cumpridas por intermédio de um "Filho de Davi", que seria o "Ungido" de Deus, ou seja, o Messias (ver Salmos 18.50, citado anteriormente). O trono de Davi seria o trono do universo, e o governo que fluiria desse trono seria eterno — "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Isaías 9.6). Esta foi a mensagem que Deus enviou a Davi, por meio do profeta Natã: "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; a minha misericórdia não apartarei dele... Mas o confirmarei na minha casa e no meu reino para sempre, e o seu trono será estabelecido para sempre" (1 Crônicas 17.13-14).

O Novo Testamento proclama que Jesus é este Messias, este "Filho de Davi". "Eu, Jesus... Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã" (Apocalipse 22.16). Este era o âmagô da pregação dos apóstolos: "Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que *Jesus é o Cristo*" (Atos 9.22).

E como nós, crentes, nos relacionamos com este "Filho de Davi", este rei final, em quem agora descansa o governo eterno deste mundo? Em uma sentença rara, Hebreus 2.13 cita o Messias como que proferindo esta mensagem ao seu povo: "Eis aqui estou eu e os *filhos* que Deus me deu". Em outras palavras, os seguidores de Jesus, o Messias, o "Filho de Davi", o rei eterno, são os seus *filhos*, seus descendentes. Isto é semelhante a Gálatas 3.7, onde Paulo disse: "Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão". Ou seja, a fé nos

une a Cristo, o descendente de Abraão (Gálatas 3.16). E, por meio dessa união, nos tornamos filhos de Abraão e beneficiários das promessas que Deus lhe fez. De modo semelhante, a fé nos une ao “Filho de Davi”, de modo que nos tornamos filhos de Davi e beneficiários de suas promessas.

Isto significa que Salmos 18.50 se aplica, de fato, a nós. “É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei e usa de benignidade para com o seu ungido, com Davi e sua *posteridade*, para sempre” (Salmos 18.50). Em Cristo, somos a posteridade de Davi. As grandes vitórias são nossas. A benignidade é nossa. As “fiéis misericórdias prometidas a Davi” (Isaías 55.3) são nossas. E, para nos deixar completamente extasiados, o Rei promete: “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono” (Apocalipse 3.21).





JUSTIFICADOS, MAS NÃO PERDOADOS?

A DIFERENÇA ENTRE A IRA JUDICIAL E O DESPRAZER PATERNAL

Como podemos ser justificados pela fé e, apesar disso, precisarmos continuar confessando nossos pecados, todos os dias, para que sejamos perdoados? Por um lado, o Novo Testamento nos ensina que, quando cremos em Cristo, a nossa fé é atribuída como justiça (Romanos 4.3,5-6); a justiça de Deus é imputada a nós (Filipenses 3.9). Em Cristo, permanecemos diante de Deus como pessoas justas, e aceitas, sim, e “perdoadas”, conforme Paulo afirmou: “É assim também que Davi declara [em Salmos 32.1] ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos” (Romanos 4.6-7). Portanto, na mente de Paulo, a justificação envolve a realidade do perdão.

Contudo, por outro lado, o Novo Testamento também ensina que o nosso perdão contínuo depende da confissão de nossos pecados. “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1.9). Confessar os pecados é uma parte do andar na luz, que temos de praticar, a fim de que o sangue de Cristo continue a purificar-nos de nossos pecados — “Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz... e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 João 1.7). E Jesus nos ensinou a orar diariamente: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim

como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mateus 6.12).

Então, como devemos nos ver em relação a Deus? Todos os nossos pecados já estão perdoados ou são perdoados dia após dia, à medida que os confessamos? A justificação significa que todos os pecados — passados, presentes e futuros — estão perdoados no caso das pessoas justificadas? Há outra maneira de vermos os nossos pecados em relação a Deus?

Ouçamos, primeiramente, o pastor e teólogo Thomas Watson, que viveu há 350 anos.

Quando percebi que Deus perdoa todos os meus pecados, entendi que isso se referia a pecados passados, uma vez que os pecados por vir são perdoados somente quando nos arrependemos deles. Na verdade, Deus já decretou o perdão desses pecados. E, quando Ele perdoa um pecado, perdoará, no devido tempo, todos os outros. Mas os pecados futuros não são realmente perdoados até que nos arrependamos deles. É absurdo pensar que o pecado é perdoado antes de ser cometido...

A opinião de que os pecados futuros, bem como os pecados passados, são perdoados remove e anula a intercessão de Cristo. Ele é um advogado que intercede em favor de pecados cotidianos (1 João 2.1). Mas, se o pecado é perdoado antes de ser cometido, existe alguma necessidade da intercessão diária de Cristo? Que necessidade tenho eu de um advogado, se o pecado é perdoado antes de ser cometido? Portanto, embora Deus perdoe, no caso do crente, os pecados passados, os pecados vindouros não são perdoados, enquanto não há arrependimento renovado (*Body of Divinity*, Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 558).

Watson está correto?

Depende. Sim, creio que podemos aceitar esse ponto de vista sobre o perdão, se tivermos em mente, com firmeza, o fato de que o preço, o fundamento e a garantia de *toda o perdão* (de pecados passados, presentes e futuros) foi a morte de Cristo, de uma vez por todas. A ambigüidade surge com a pergunta: quando obtemos o perdão para todos os pecados que cometeremos? Essa

pergunta significa: quando o perdão foi comprado e garantido para nós? Ou significa: quando o perdão será aplicado a cada transgressão, de modo que remova o desagrado de Deus para com ela? A resposta à primeira pergunta poderia ser: na morte de Cristo. A resposta à segunda pergunta: na renovação de nosso arrependimento.

Isso levanta outra pergunta: Deus sente desprazer em relação a seus filhos justificados? Se isto é verdade, que tipo de desprazer é este? É o mesmo que Deus sente em relação aos pecados dos incrédulos? Como Deus vê os nossos pecados diários? Ele os vê como transgressão de sua vontade, que O entristece e O deixa irado. Contudo, essa tristeza e essa ira, embora motivadas por responsabilidade e culpa autênticas, não é a “ira judicial”, utilizando a expressão de Thomas Watson. “Embora o filho de Deus, após receber o perdão, possa incorrer no desprazer de seu Pai celestial, a ira judicial de Deus é removida. Ainda que Deus possa usar a vara, Ele já removeu a maldição. As correções podem sobrevir aos santos, mas não a destruição” (*Body of Divinity*, p. 556).

Deus também vê nossos pecados como “cobertos”, e não como “imputados”, por causa do sangue de Cristo (Romanos 4.7-8). Assim, de um modo paradoxal, Ele vê nossos pecados como *portadores de culpa* (que causam tristeza e ira) e, ao mesmo tempo, como pecados *que já têm o perdão garantido* (embora ainda não perdoados, no sentido da reação de Deus à confissão e da remoção do seu desprazer paternal). O que causa a distinção entre a *ira judicial* de Deus para com os pecados ainda não confessados dos incrédulos e o *desprazer dEle* para com os pecados não perdoados dos crentes? A diferença é que o crente está unido a Deus, em Cristo, mediante uma nova aliança. A promessa desta aliança é que Deus jamais deixará de fazer-nos o bem e jamais permitirá que O abandonemos, mas sempre nos trará à confissão e ao arrependimento. “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual *não deixarei de lhes fazer o bem*; e porei o meu temor no seu coração, *para que nunca se apartem de mim*” (Jeremias 32.40).

Este compromisso da nova aliança foi comprado por Cristo para nós (Lucas 22.20) e aplicado por meio da fé, de modo que, embora incorramos no desprazer de Deus, nós, que somos justificados pela fé, nunca incorremos na ira judicial de dEle, por toda a eternidade. Em outras palavras, visto que o perdão de todos os nossos pecados foi comprado e garantido pela morte de

Cristo, Deus está plenamente comprometido em trazer-nos de novo ao arrependimento e à confissão, tão freqüentemente quanto necessário, a fim que recebamos o perdão e o desfrutemos na remoção do seu desprazer paternal. Nosso Pai se compraz em restaurar-nos à sua satisfação, até que essas restaurações não sejam mais necessárias.



IMPERFEIÇÃO: A MARCA DE TODOS OS PERFEITOS

MEDITAÇÃO SOBRE HEBREUS 10.14

*Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou
para sempre quantos estão sendo santificados.*

Duas coisas são bastante encorajadoras em nossa condição imperfeita como pecadores salvos.

Primeira, observe que Cristo aperfeiçoou seu povo, e esse aperfeiçoamento já está completo. “Porque, com uma única oferta, *aperfeiçoou para sempre* quantos estão sendo santificados”. Ele o fez; e o fez *para sempre*. O aperfeiçoamento de seu povo está completo, para sempre. Isso significa que os crentes não pecam? Não ficam doentes? Não fazem erros matemáticos na escola? Já somos perfeitos em nosso comportamento e atitudes?

Neste versículo, há uma razão evidente que nos faz saber que essa não é a nossa situação. Qual é essa razão? É a última frase. Quais são as pessoas que foram aperfeiçoadas para sempre? Aquelas que “estão sendo” santificadas. A ação contínua do tempo presente do verbo grego é importante. Aqueles que “*estão sendo santificados*” ainda não estão completamente santificados no sentido de não pecarem mais. Do contrário, eles não continuariam sendo santificados.

Portanto, temos a combinação que nos deixa perplexos: aqueles que

Cristo “aperfeiçoou” são aqueles que “*estão sendo santificados*”. Podemos também pensar nos capítulos 5 e 6 de Hebreus e recordar que esses crentes eram qualquer coisa, exceto perfeitos. Por exemplo, em Hebreus 5.11, o autor sagrado diz: “A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir”. Podemos, então, dizer com certeza que “aperfeiçoou”, em Hebreus 10.14, não significa que somos aperfeiçoados a ponto de não pecarmos mais nesta vida.

O que isso significa? A resposta é dada nos versículos seguintes (15 a 18). O autor bíblico explica o que pretendia dizer, ao citar Jeremias referindo-se à nova aliança, ou seja, que na nova aliança, que Cristo selou com seu próprio sangue, há perdão total para todos os nossos pecados. Os versículos 17 e 18 dizem: “Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado”. Portanto, ele explica a perfeição presente em termos (pelo menos) de perdão.

O povo de Cristo é aperfeiçoado agora no sentido de que Deus remove todos os nossos pecados (Hebreus 9.26), perdoa-os e nunca mais se lembra deles como base para condenação. Neste sentido, permanecemos diante dEle como pessoas perfeitas. Quando Deus olha para nós, Ele não nos imputa qualquer de nossos pecados — passado, presente ou futuro. Deus não lança mão de nossos pecados, novamente, para usá-los contra nós.

Agora observe, em segundo lugar, em favor de quem Cristo fez esta obra de aperfeiçoamento, na cruz. Hebreus 10.14 nos diz: “Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre *quantos estão sendo santificados*”. Você pode afirmá-lo de modo significativo nestes termos: “Cristo *aperfeiçoou* para sempre aqueles que *estão sendo* aperfeiçoados”. Ou: “Cristo *santificou* completamente aqueles que *estão sendo* santificados”. Isto é o que o autor sagrado realmente diz no versículo 10: “Nessa vontade é que *temos sido santificados*, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas”. Assim, no versículo 10, nós fomos “*santificados*”. O versículo 14 diz que estamos “*sendo santificados*”.

Isto significa que você pode saber que mantém uma posição de perfeição aos olhos de seu Pai celestial, se está se movendo de sua imperfeição presente e se encaminhando em direção a mais e mais santidade, pela fé em sua graça futura. Permita-me dizer, novamente, que, por causa de seu encorajamento

para pecadores imperfeitos como nós e de sua plena motivação à santidade, Hebreus 10.14 significa que você pode ter certeza de que permanece perfeito e completo aos olhos de seu Pai celestial, não porque você é perfeito agora, mas exatamente porque você não é perfeito agora e está *sendo santificado* – sendo tornado santo.

Você pode ter certeza de sua posição como pessoa perfeita diante de Deus, porque, pela fé nas promessas de Deus, você está se movendo de suas imperfeições hesitantes em direção a mais e mais santidade. Nossa imperfeição remanescente não é uma evidência de nossa desqualificação, e sim uma marca de todos aqueles que Deus “aperfeiçoou para sempre” – se estamos no processo de sermos transformados (2 Coríntios 3.18).

Anime-se. Fixe seus olhos naquela obra de aperfeiçoamento que Cristo fez para sempre. E resista a todo pecado conhecido.





DEZ RAZÕES PARA AMAR A VERDADE

O PERIGO DO RELATIVISMO VULGAR

*Com todo engano de injustiça aos que perecem,
porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.*

2 TESSALONICENSES 2.10

Em 5 de maio de 1994, Michael Novak recebeu o 24º Prêmio Templeton para o Progresso da Religião e se dirigiu à assembléia, na Abadia de Westminster, com uma mensagem intitulada “Despertando do Niilismo” (impressa na revista *First Things*, nº 45, agosto/setembro de 1994). Foi um severo ataque aos efeitos terríveis do relativismo no século XX. De todas as lições que podem ser aprendidas dos últimos cem anos a principal é esta: “A verdade é importante”. Eis a sua avaliação do problema fundamental de nossos dias:

Um dos princípios que os intelectuais contemporâneos disseminam com mais intensa paixão é o relativismo vulgar, “niilismo com uma face agradável”. Para eles, é certo que não existe verdade alguma, mas somente a opinião: a minha opinião, a sua opinião. Eles abandonam a proteção do intelecto... Aqueles que se rendem ao domínio do intelecto facilitam o caminho para o facismo. O totalitarismo... é

o desejo de poder não impedido por qualquer consideração pela verdade. Sujeitar aos homens as afirmações da verdade é entregar a Terra aos criminosos... O relativismo vulgar é um gás invisível, inodoro e mortal que está poluindo, agora, cada sociedade livre na Terra. É um gás que ataca o sistema nervoso central do esforço moral... “Não existe tal coisa como a verdade”, eles ensinam até às crianças. “A verdade é uma algema. Creia no que parece correto para você. Há tantas verdades quanto há pessoas neste mundo. Siga os seus sentimentos. Faça o que lhe agrada. Viva em harmonia consigo mesmo...” Aqueles que falam deste modo preparam as cadeias do século XXI. Fazem a obra dos tiranos (p. 20-21).

Quando nos aproximamos da Bíblia com essas palavras retinindo em nossos ouvidos, não é surpreendente nem opressivo, e sim emocionante e so-lene descobrir que a verdade é central. Por quê? Pela simples razão de que Deus é central, e Ele é o fundamento de toda verdade. Eis o que a Bíblia diz. Aprecie isto.

1. *A verdade bíblica salva.*

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1 Timóteo 4.16; ver também Atos 20.26-27, 2 Tessalonicenses 2.10).

2. *A verdade bíblica liberta de Satanás.*

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8.32; ver também 2 Timóteo 2.24-26).

3. *A verdade bíblica transmite graça e paz.*

“Graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor” (2 Pedro 1.2).

4. *A verdade bíblica santifica.*

“Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17.17; ver também 2 Pedro 1.3,5,12; 2 Timóteo 3.16-17).

5. *A verdade bíblica serve ao amor.*

“E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção” (Filipenses 1.9).

6. *A verdade bíblica protege do erro.*

“Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Efésios 4.13-14).

7. *A verdade bíblica é a esperança do céu.*

“Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido” (1 Coríntios 13.12).

8. *A verdade bíblica sofrerá resistência da parte de alguns.*

“Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos” (2 Timóteo 4.3).

9. *A verdade bíblica, manejada corretamente, é aprovada por Deus.*

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como o obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2.15).

10. *A verdade bíblica: continue crescendo nela!*

“Cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 3.18).

Oro para que os efeitos destas palavras bíblicas sejam uma forte convicção de que existe algo chamado verdade em meio a este mundo de “relativismo vulgar”, e que a Bíblia é a Palavra decisiva. Aquele que é a Verdade. Se esta convicção criar raízes e se espalhar, não deveríamos estar entre aqueles que “preparam as cadeias do século XXI”. Deveríamos, de fato, ser o verdadeiros libertadores: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8.32).



DEUS QUER REALMENTE QUE VOCÊ SEJA ENCORAJADO?

LANÇANDO MÃO DO DOM DA ESPERANÇA

MEDITAÇÃO SOBRE HEBREUS 6.17-18

Os feriados são dias perigosos de desânimo. As expectativas de alegria são elevadas; conseqüentemente, as realidades da tristeza são árduas. Supõe-se que no mês de fevereiro você será uma pessoa tristonha — pelo menos no Estado de Minnesota, nos Estados Unidos, onde o frio e a neve são intensos — portanto, a melancolia é mais tolerável naquele mês. No entanto, espera-se que o Natal e o Dia de Ação de Graças — bem como aniversários e visitas de pessoas queridas — sejam dias festivos. Então, a ameaça duplamente perigosa do desânimo são os feriados e as celebrações. Posso oferecer algum remédio que previna esse perigo.

“Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento, para que, mediante duas coisas imutáveis [a promessa e o juramento], nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta” (Hebreus 6.17-18).

“Deus... quis mostrar mais firmemente...”

Esse texto pressupõe que Deus já havia dito o suficiente para dar-nos

encorajamento. Todavia, Deus não é um Deus do mínimo. Seu alvo não é falar-nos tão poucas palavras de encorajamento quantas forem possíveis. Ele profere algumas palavras para nos dar esperança. Em seguida, sendo o Deus efusivo, Ele diz a Si mesmo: “Isto é bom. Gosto de fazer isto. Acho que o farei novamente”. Assim, Deus fala mais algumas palavras de encorajamento.

Não são apenas *mais* algumas palavras. São palavras *melhores*. Ele começa com promessas simples (que são infalíveis e infinitamente dignas de confiança!) e, em seguida, faz juramentos. E não são apenas juramentos — são os melhores e mais sublimes tipos de juramentos — juramentos fundamentados em Si mesmo. Por quê? Não porque a Palavra dEle seja fraca, e sim porque nós somos fracos, e Deus, paciente.

Ele quer mostrar — provar... demonstrar... ressaltar... representar... exibir... revelar... incutir — a esperança de nosso futuro. Ele quer realmente que sintamos isso. Ele vai conosco a segunda (a terceira e a quarta) milha, a fim de que nos sintamos encorajados. Isto é o que Ele *realmente* deseja. “Deus... *quis* mostrar mais firmemente...” Ele não é coagido. Ele “quer”.

“...forte alento tenhamos...”

Quão encorajados Deus deseja que nos sintamos? Hebreus 6.18 afirma: “*forte alento tenhamos*”. Observe as palavras! Deus poderia ter dito: “grande alento”, ou: “muito alento”, ou: “profundo alento”. Todas estas palavras seriam verdadeiras. Mas a palavra é realmente “forte”. E se refere ao encorajamento que permanece firme contra as ocasiões de abatimento. Pregue isto para você mesmo: “Deus deseja que eu tenha forte alento!” “Deus quer realmente que eu tenha *forte* alento!”

“...a fim de lançar mão da esperança proposta.”

Há dias excelentes nesta vida. Mas encaremos o fato: os dias são maus; nossas imperfeições nos frustram; estamos envelhecendo e nos encaminhando à sepultura. Se esperamos em Cristo apenas para “esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (1 Coríntios 15.19). Ainda há dias excelentes por vir nesta vida. Mas são poucos. E esses dias excelentes são refugio, quando comparados com o sublime valor de ganharmos a Cristo, na morte (Filipenses 1.21). Mesmo neste mundo podemos nos regozijar com alegria indizível

e cheia de glória. Mas isso só pode acontecer porque temos uma “esperança proposta”. Estenda a mão e aproprie-se desta esperança. Deus o estimula a fazer isso. Aproprie-se dela agora. Desfrute-a agora. Sinta-se encorajado por ela agora. Seja fortemente animado, porque a sua esperança é garantida com dupla infinitude: a promessa e o juramento de Deus.





DISCERNIMENTO POR MEIO DO DESEJO

ACHANDO A VONTADE DE DEUS POR MEIO DA FRAGRÂNCIA DO SANTO

Muitas das escolhas que fazemos em um dia não são determinadas de conformidade com uma avaliação consciente de uma lista de critérios. Comemos, nos vestimos, andamos e fazemos muitas outras coisas sem perguntarmos conscientemente: isto é a vontade de Deus? Creio que isso é bom e inevitável. Revela a nossa natureza interior. Se temos de fazer o que agrada a Deus, na maioria das vezes isso ocorrerá por reflexo, e não por reflexão.

Isto significa que uma capacidade de discernimento é mais profunda do que a razão reflexiva. Que capacidade é essa? Talvez possamos chamá-la de *capacidade de discernir o desejo*. Se escolhas estão sendo feitas, momento após momento, sem ponderação, a capacidade de desejo não está apenas seguindo os ditames da razão; está seguindo o seu próprio arbítrio. O desejo, ou algo muito relacionado a ele, *sente a fragrância* da escolha preferida e aceita, antes de refletir.

Embora eu tenha pensado sobre isso por muito tempo, depois que li sobre este assunto na obra de Jonathan Edwards, percebo com mais clareza que este método de escolher parece aplicar-se até a escolhas que fazemos mesmo depois de havermos pensado demoradamente. Suponha que você é parte de uma assembléia que escolherá um novo pastor para a igreja. Um dos passos a tomar seria meditar na natureza de Deus, nos caminhos de Deus e nos mandamentos de Deus apresentados na Bíblia. Outro passo seria extrair da Bíblia certas orientações que ela não aborda de modo explícito. Isto exige “sabedo-

ria”, e devemos orar para obtê-la, conforme Tiago 1.5.

É claro que isso pressupõe que, além do ensino das Escrituras, estamos ao mesmo tempo, observando todos os fatos relevantes da situação. No caso de um novo pastor, por exemplo, você deve atentar ao seu caráter, vida espiritual, habilidade de pregação, capacidades pastorais, formação cultural, personalidade, reputação, e assim por diante. Este é o material com o qual os princípios bíblicos terão de lidar.

No entanto, parece-me que existe um momento em que, apesar de todo o ensino bíblico aplicado, e toda a atenção executada, e toda a sabedoria buscada em oração, muitas escolhas (muitos candidatos) são rejeitadas. O círculo de possíveis escolhas que restam é muito pequeno. Contudo, nesse círculo, ainda há várias escolhas boas, e não somente uma. Nossa mente finita não sabe tudo que Deus sabe, e estamos no limite do que podemos discernir, com oração, por meio da meditação espiritual sobre a Bíblia, a pessoa e as circunstâncias.

Deus poderia falar conosco por meio de um sonho, ou de uma mensagem profética, ou de algum outro meio de revelação, como Ele o fez a Filipe, conforme Atos 8.26, ou a Paulo, conforme Atos 16.9. Mas Ele pode não fazer isso. E parece que esta é a sua maneira normal de nos guiar. Então, o que devemos fazer?

O que estou percebendo com mais clareza nestes dias é o seguinte: devemos fazer o que fazemos em 90% do tempo, quando somos guiados pelo Espírito de Deus. Permitimos que nossos desejos moldados pelo Espírito sejam nosso guia. Devemos *discernir por meio do desejo*. Em outras palavras, quando reduzimos nossas escolhas a um pequeno círculo, limitado por princípios bíblicos, sabedoria espiritual e observação cuidadosa, nesse círculo perguntamos em oração: em que escolha *nos deleitamos*? De acordo com Salmos 1.1-2, a maneira de evitar que andemos no conselho dos ímpios é deleitar-se na Lei do Senhor. Nossa capacidade de deleite é crucial em preservar-nos da tolice.

Pressupomos, neste caso, que a nossa capacidade de deleite ou de desejar é saudável e está saturada por Deus. Este é o grande desafio da vida cristã: ser transformado pela renovação da mente, para *aprovarmos* [e não apenas *provarmos*, mas *aprovarmos*, ou seja, testarmos e nos deleitarmos em] a vontade de Deus (Romanos 12.2). Nossa grande necessidade é sermos pessoas cujos deleites são os próprios deleites de Deus.





A FONTE DA SAÚDE MENTAL: SER CURADO POR CONHECER A DEUS

NÃO AJUDANDO AS PESSOAS A SENTIREM-SE

FELIZES EM SEU CAMINHO PARA O INFERNO

O remédio mais comum para a maioria das desordens mentais e comportamentais de nossos dias é alguma forma de aprimoramento da dignidade pessoal. Isso permeia nossas instituições educacionais, o sistema de psicoterapia e de aconselhamento, a indústria de motivação e de recursos humanos, as propagandas e até a igreja. Acho que esse remédio é defeituoso. Aqui apresento uma carta que escrevi para um homem, a fim de esclarecer a seguinte afirmação: “É profundamente errado transformar a cruz em uma garantia para a auto-estima como a fonte da saúde mental”. Chamo esse homem de Áquila.

Querido Áquila,

1. Em minha sentença (“É profundamente errado transformar a cruz em uma garantia para a auto-estima como a fonte da saúde mental”), a expressão-chave é “a fonte da saúde mental”. Creio que é sobremodo errado afirmar que ser amado por Deus traz saúde mental, se o que alguém pretende dizer com as palavras “ser amado” é, principalmente, que eu devo ter auto-estima — se

as palavras “ser amado” significam “eu sou amável”, ou “eu sou digno de amor”, ou “Deus não ama refugos”.

Isso causa dois erros. O primeiro é que esse conceito ignora a realidade, a glória, a maravilha e a espontaneidade da graça, que implica na absoluta resolução da parte de Deus para amar a quem Ele quer e suscitar das pedras filhos de Abraão, se Ele quiser nos mostrar que tais pedras cumprirão os seus propósitos. O outro erro é depreciar a experiência indescritivelmente grande do amor de Deus inerente em Si mesmo, porque essa experiência não significa uma aprovação à minha própria dignidade. Como vejo as coisas, amar a Deus é o dom de Deus em capacitar-me a vê-Lo, estar com Ele e desfrutá-Lo para sempre. Se eu tento receber esse dom precioso e divino e afirmo que ele me torna feliz, porque me ajuda a sentir-me bem a respeito de mim mesmo, algo está profundamente errado.

2. No entanto, ao dizer que a fonte da saúde mental não é a auto-estima, e sim o desfrutar a Deus, como Deus, e sua graça gratuita, como graça, não estou dizendo que não existe verdade no conceito do valor humano (embora eu tenha dificuldades com a expressão “dignidade pessoal” uma vez que a palavra “pessoal” parece levar o assunto para além do que a Bíblia ensina). Jesus disse que somos mais valiosos do que as aves (Mateus 6.26). Entendo isso com o sentido de que, em última análise, os seres humanos têm uma capacidade única de desfrutar a Deus, como Deus, e de refletir sua glória e dignidade de um modo que nenhuma outra criatura pode fazê-lo. Assim, o valor do ser humano é o potencial que Deus nos dá para O considerarmos precioso, por desfrutá-Lo, valorizá-Lo e apreciá-Lo, juntamente com o seu modo de agir.

3. Temos de crer que somos “aperfeiçoáveis”, para que esperemos o céu do modo como devemos fazê-lo? Tudo depende do que esse aperfeiçoamento significa e de Quem o está realizando. Deus o realiza (“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo” — 1 Tessalonicenses 5.23). E a palavra “perfeito” significa perfeitamente capacitado, adequado e completo para se deleitar em Deus, com toda energia e pureza com as quais Ele se deleita em Si mesmo (“A fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja” — João 17.26).

4. Devemos dizer a uma pessoa abandonada que ela tem grande “dignidade pessoal”, quando ela se sente um fracasso e um lixo? (Primeiramente, é bom descartarmos a expressão “dignidade pessoal”, porque ela está tão sobre-

carregada de uma concepção do mundo repleta de psicologia e centralizada no homem, que provavelmente tal expressão não será útil para comunicar o que significa realmente um sentimento de importância centralizado em Deus). Como você ressaltou tão bem, a questão é a confiança. Deus falhou neste relacionamento? Ele cometeu um erro, ao fazer aquela pessoa inculta, nervosa, cega, pequena, gorda, medíocre ou desprovida de um corpo atlético? Acho que a busca imediata da terapia da auto-estima está enganando muitas pessoas e deixando o verdadeiro problema sem solução, enquanto talvez ajuda as pessoas a sentirem-se bem, porque elas são alguém (e usamos a Deus tão-somente para dar apoio a isso). A questão é: elas amam a Deus de um modo que as satisfaz suficientemente para seguirem em frente? Confiam na bondade, sabedoria, poder e riquezas de Deus, para ajudá-las a fazer o que têm de fazer? Regozijam-se em Deus porque têm o sublime privilégio de conhecê-Lo e de serem amadas por Ele? Ou devem ter a visão da glória que ecoa o próprio valor delas, antes de receberem qualquer ajuda dessa visão?

Não estou negando nem ocultando o fato de que é maravilhosamente significativo conhecer a Deus e ser usado por Ele, para torná-Lo conhecido e amado por outros. Há ocasiões em que afirmo isso e o faço de um modo que deixa claro que a maravilha de tudo isso está na preciosidade de conhecer a Deus, refletindo-O suficientemente bem, por meio de meu deleite nEle, que outros podem ver a dignidade dEle em mim e se unirem a mim para desfrutá-Lo. Ora, existe nisto o verdadeiro significado!

Espero que você possa ver e sentir o mundo em que fluem meus pensamentos. A questão é: qual é a *fonte* da saúde mental? Minha resposta é: Deus. Ou: ver a Deus como Deus e desfrutá-Lo como Deus; e isso envolve ser perdoado por Ele e ser aceito com graça totalmente gratuita. Creio que estas verdades são distorcidas, quando são usadas para tornar a auto-estima a fonte da saúde mental. Os menores ajustes que os evangélicos fazem para se conformarem ao mundo na sua maneira de tornar as pessoas felizes à caminho do inferno não são suficientemente fundamentais para mim.

Você me ajudou muito. Obrigado.

Pastor John





O SOM SIMULTÂNEO DO RISO E DO CHORO

VIVENDO NO MUNDO REAL DE SOFRIMENTO
CONSTANTE E PRAZERES (EM ALGUMAS OCASIÕES)

Como você pode sorrir, quando há tanto choro? Ou como você pode chorar, quando há tantas pessoas gritando de alegria? A vida real nos empurra de um lado para o outro, ao mesmo tempo. Encontro ajuda na maneira como a Bíblia descreve esta experiência.

No livro de Esdras, as pessoas de Israel retornaram a Jerusalém provenientes do exílio na Babilônia, a fim de reconstruírem o templo de Deus. Depois de setenta anos de cativeiro, a profecia de Jeremias se cumpriu, e o povo pôde retornar para casa. Começaram a trabalhar no templo. De acordo com Esdras 3.10-11, “quando os edificadores lançaram os alicerces do templo do SENHOR... todo o povo jubilou com altas vozes, louvando ao SENHOR por se terem lançado os alicerces da sua casa”. Isso faz sentido. Era um dia de muita alegria. Era um novo começo.

No entanto, os versículos seguintes (Esdras 3.12-13) dizem: “Porém muitos dos sacerdotes, e levitas, e cabeças de famílias, já idosos, que viram a primeira casa, choraram em alta voz quando à sua vista foram lançados os alicerces desta casa; muitos, no entanto, levantaram as vozes com gritos de alegria. De maneira que não se podiam discernir as vozes de alegria das vozes do choro do povo; pois o povo jubilava com tão grandes gritos, que as vozes se ouviam de mui longe”.

Alguns choravam, alguns gritavam de alegria.

Por que os anciãos choravam? Choravam porque tinham visto “a primeira casa”. Em outras palavras, o que eles estavam para construir não se aproximaria do tamanho e da grandeza do primeiro templo. Isto é o que Ageu 2.3 afirma: “Quem dentre vós, que tenha sobrevivido, contemplou esta casa na sua primeira glória? E como a vedes agora? Não é ela como nada aos vossos olhos?”

Alguns choravam porque compararam o novo templo com a glória daquele que existia antes. Outros se regozijavam porque o novo templo era muito maior do que o cativeiro na Babilônia e do que não terem nenhum templo. Essas duas perspectivas são verdadeiras. Ambas as emoções são válidas. Este é o caminho da vida. Nas famílias e nas igrejas — e mesmo em nosso coração — ambas as perspectivas e ambas as emoções surgem e desaparecem.

Por exemplo, considere a saúde. Você perde a saúde, talvez a visão, um rim, a memória ou a capacidade de andar. Há uma época de “cativeiro na Babilônia”. Mas, depois de alguns anos, há resposta às suas orações — um milagre ou um tratamento enviado por Deus — e uma parte de sua saúde é restaurada. Você pula de alegria ou chora? Talvez fará as duas coisas. Você recordará a glória anterior, e a perda o entristecerá. Todavia, você perceberá que um alívio lhe foi dado. Um novo dia. Um novo começo. Não o mesmo, e sim um novo e bom começo, repleto de possibilidades e esperança. E você se alegrará.

Ou pense nas inesperadas frustrações do casamento, ou nas escolhas lamentáveis dos filhos, ou nos reveses e progressos esporádicos de sua profissão. Em qualquer dia, você não tem razões para se alegrar e razões para chorar? Isso depende muito de onde você fixa sua mente. Você se concentra no que poderia ter acontecido (por exemplo, como seria bom se minha mãe não tivesse sido assassinada quando eu tinha vinte e oito anos, e estivesse aqui para ver os seus netos crescerem)? Ou você se concentra nas coisas novas que Deus tem feito (e fará) para mostrar a suficiência de sua graça (tal como outra esposa excelente para meu pai, e todos os meus filhos no caminho do Senhor)?

Neste lado da ressurreição de Jesus e do cumprimento final da promessa de fazer todas as coisas cooperarem juntas para o bem do seu povo (Romanos 8.28-32), ainda haverá tristezas. Sim, mas como Paulo disse, não se assemelham às tristezas daqueles que não têm esperança (1 Tessalonicenses 4.13). O nosso choro será um choro firmado na rocha da esperança.

Minha oração, por mim mesmo e todos vocês, é que nosso choro seja profundo, mas não demorado. E, enquanto ele durar, choremos com os que choram. E, quando a alegria vier, pela manhã, alegremo-nos com os que se alegrem (Salmos 30.5; Romanos 12.15).





NOTÍCIAS! NOTÍCIAS! NOTÍCIAS!

COLOCANDO O EVANGELHO E A TEOLOGIA NA ORDEM CORRETA

Há pregadores e não somente ensinadores; e, pela mesma razão, há repórteres e não somente comentaristas. A razão é que há notícias, e não apenas comentários. As notícias devem ser divulgadas, se, pelo menos, forem boas notícias. Posteriormente, talvez seja necessário explicá-las e argumentar a respeito delas.

Os crentes mais simples precisam lembrar isso. O cristianismo é *notícias*, antes de ser teologia. Imagine a cena: existe uma situação horrível em que muitas pessoas são mantidas reféns, e suas vidas estão em perigo. Parece que não há meios para resgatá-las ou para elas escaparem. É terrível. Em secreto, as autoridades planejam um ataque e um resgate ousado. Repentinamente, há uma invasão. Os soldados conseguem, com perdas incríveis, preparar uma saída. Inúmeras pessoas começam a escapar. Espalha-se rapidamente a notícia: “Há uma saída! Há uma saída! Venham para o lugar seguro. Há um túnel para a liberdade”.

O cristianismo é, primeiramente, notícias; depois, teologia.

Sessenta anos atrás, J. Gresham Machen amava enfatizar isso, porque ele estava totalmente comprometido com a realidade de que o cristianismo é essencialmente fatos. Notícias dizem respeito a fatos e não a meras idéias. O cristianismo se refere a algo que realmente aconteceu, e não somente às

idéias de alguém. Os fatos realmente aconteceram: uma criança nascida de uma virgem, poucos anos de ensino e curas, um julgamento, uma crucificação, uma morte, uma ressurreição e uma ascensão ao céu. Em seguida, houve uma explosão de notícias sendo divulgadas.

Em seu livro *God Transcendent* (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1982, p. 39), Machen afirma:

Não poderíamos esperar que seríamos ouvidos, se tivéssemos apenas nossos próprios pensamentos. Há muitos outros no mundo mais sábios e mais cultos do que nós. Mas, em tempos de perigo, em uma cidade sitiada, o mais humilde dos trabalhadores, se tiver boas notícias, é mais digno de ser ouvido do que o maior dos oradores.

Em tempos de perigo, um portador de boas notícias é melhor do que os grandes filósofos. Não importa se a sua linguagem, ou a sua gramática, ou a sua aparência é boa. Se ele tem boas novas para um povo em perigo, será mais valioso do que milhares de teólogos. As pessoas simples que ouviram as boas-novas e foram salvas por meio delas devem se animar com isso. As pessoas precisam inicialmente das boas notícias. Perguntas difíceis podem ser respondidas depois. Precisamos de portadores alegres e incansáveis de boas notícias, e não de comentaristas inteligentes dessas notícias.

Sim, ouço a advertência. Precisamos de ambos. Às vezes, as notícias são ininteligíveis sem os comentários. O fato de que as notícias são intelectualmente convincentes é, em si mesmo, boas notícias. Sim, eu amo tudo isso. Contudo, creio que, no caso de algumas pessoas, precisamos enfatizar que *temos boas notícias!* E são melhores do que a descoberta da cura para o câncer. Infinitamente melhores. Precisamos crer nisso e sentir isso. Em seguida, devemos sair e divulgá-las.

É realmente maravilhoso ser um portador de boas notícias. Sei que muitas pessoas não sentem que estão em perigo. Isso complica a transmissão dessas notícias. Mas, se você realmente crê no perigo e nas notícias, ainda é emocionante contar às pessoas os acontecimentos que trazem segurança, esperança e gozo eterno.

Freqüentemente, precisamos meditar no fato de que o cristianismo é notícias. É notícias, e não apenas idéias ou argumentos. O cristianismo também possui essas características, mas ele é, antes de tudo, notícias poderosas e cheias de júbilo. “Não temais; eis aqui vos trago *boa-nova* de grande alegria, que o será para todo o povo” (Lucas 2.10).

Qual é a notícia? É esta: embora o pecado tenha grande poder, seja universal e cause a morte (Romanos 3.23; 6.23), Jesus, o Filho de Deus, veio ao mundo para salvar pecadores (1 Timóteo 1.15). Ele nos livra da condenação eterna (Mateus 25.46). Cristo morreu por nossos pecados (1 Coríntios 15.3). Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que, nEle, nos tornássemos os justos de Deus (2 Coríntios 5.21). Somos justificados por meio do sangue de Cristo e reconciliados com Deus (Romanos 5.9-10). Não há condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus (Romanos 8.1). O justo morreu pelos injustos, para trazer-nos à comunhão com Deus (1 Pedro 3.18). Este Jesus, Senhor do universo, foi ressuscitado, indestrutivelmente, de entre os mortos e não pode morrer ou ser vencido (Romanos 6.9; Hebreus 7.16). A maneira de sermos salvos por intermédio dEle não são as obras meritórias, e sim a fé no Deus que justifica os ímpios (Romanos 4.5; Efésios 2.8-9). Nenhum ser humano jamais imaginou a grandeza do que Deus tem preparado para aqueles que O amam (1 Coríntios 2.9).

É admirável o fato de que esta mensagem — esta notícia — se propagou triunfantemente pelo mundo romano naqueles primeiros dias da igreja, mesmo num contexto de paganismo, pluralismo, ocultismo e perseguição (dias semelhantes aos nossos)? As notícias eram boas demais para serem retidas. E toda a história exclama: “Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Romanos 10.15).





OS PERIGOS DA IRREALIDADE DO COMPUTADOR

CINCO RESOLUÇÕES

Há apoio bíblico para as resoluções pessoais? Algo bem próximo disso é o conceito de fazer e cumprir votos. “Fazei *votos* e pagai-os ao SENHOR, vosso Deus” (Salmos 76.11). Como todas as demais coisas valiosas, podemos abusar disso e torná-la uma negociação presunçosa com o Todo-Poderoso. Mas não deve ser assim.

Podemos examinar nosso próprio coração, reconhecer a fraqueza da carne e dizer ao Senhor: “Sei que, entregue a mim mesmo, farei uma bagunça de minha vida. Não creio que tenho, em mim mesmo, a capacidade de cumprir as promessas e votos que faço ao Senhor. Agradeço-Te pela promessa bíblica de que Tu encherás meu coração de temor, para que eu não Te abandone (Jeremias 32.40), e de que Tu realizarás em mim o que é agradável diante de Ti (Hebreus 13.21). Creio que um dos instrumentos mais simples que estabeleceste para guardar-me de pecar é o fazer votos. Por favor, mostra-me quando isso é conveniente e dá-me graça para eu cumprir o que prometo”.

Em seguida, apresento cinco perigos do computador e cinco resoluções (ou votos) que todos devemos fazer.

1. PERIGO: *a armadilha da curiosidade constante*

O computador pessoal oferece intermináveis possibilidades de descobertas.

Até o ambiente básico de um sistema operacional pode consumir horas, dias e semanas de digitação e investigação curiosa. Sistema de cores, protetores de tela, atalhos, ícones, configurações, gerenciamento de arquivos, calculadora, relógio, calendário. Além disso, existem os inúmeros softwares que consomem semanas de nosso tempo, enquanto nos seduzem a examinar sua complexidade. Tudo isso é bastante enganador, dando-nos a ilusão de poder e eficiência, mas deixando-nos com o sentimento de vazio e nervosismo, ao final do dia.

RESOLUÇÃO: limitarei estritamente meu tempo de experiência no computador e me dedicarei mais à verdade do que à técnica.

2. PERIGO: *o mundo vazio da (ir)realidade virtual*

Quão triste é ver pessoas inteligentes e criativas desperdiçando horas e dias de sua vida criando cidades, exércitos e aventuras que não têm nenhuma conexão com a realidade. Temos uma vida para viver. Todos os nossos poderes nos foram dados pelo Deus real, a fim de serem usados no mundo real, que nos leva ao céu real ou ao inferno real.

RESOLUÇÃO: gastarei minha energia construtiva e criativa não na irrealidade da “realidade virtual”, e sim na realidade do mundo real.

3. PERIGO: *relações “pessoais” com meu computador*

Diferentemente de qualquer outra invenção, o computador pessoal é quase semelhante a uma pessoa. Você joga contra ele. Há programas que conversarão com você sobre a sua personalidade. O computador falará com você; sempre estará à sua disposição. É mais esperto do que seu cachorro. O grande perigo é que nos sentimos realmente à vontade com essa “pessoa” eletrônica e administrável e, pouco a pouco, nos afastamos dos relacionamentos imprevisíveis, frustrantes e, às vezes, dolorosos com pessoas humanas.

RESOLUÇÃO: não substituirei o risco dos relacionamentos pessoais pela segurança eletrônica e impessoal.

4. PERIGO: *o risco da paixão secreta*

Casos sexuais começam em momentos de privacidade, quando as pessoas estendem a conversa e compartilham sua alma. Isso pode acontecer na absoluta reclusão de sua correspondência eletrônica particular. Pode ser imediato e “ati-

vo” ou demorado e “recordado”. Você pode imaginar que “isso não é nada” — até que ele ou ela aparece em sua cidade. Isso já aconteceu tantas vezes.

RESOLUÇÃO: não cultivarei um relacionamento pessoal com alguém do sexo oposto, além de minha esposa. Se eu sou solteiro, não cultivarei esse relacionamento com a esposa de outrem.

5. PERIGO: *a pornografia eletrônica*

Mais insidiosa do que os vídeos censurados como impróprios para menores de 18 anos, podemos não somente assistir, mas também nos unirmos à perversidade na privacidade de nosso escritório. A pornografia interativa lhe permitirá “praticá-la” ou levá-los a “praticá-la” com o seu *mouse*. Nunca a vi. Nem jamais tive essa intenção. A pornografia eletrônica mata a alma. Afasta-nos de Deus. Despersonaliza as pessoas. Abafa a oração. Ignora a Bíblia. Barateia a alma. Destrói o poder espiritual. Corrompe tudo.

RESOLUÇÃO: nunca abrirei qualquer programa para obter estímulo sexual; não comprarei, nem descarregarei ao meu computador qualquer material pornográfico.

Computadores, a Internet e o e-mail são dons notáveis de Deus. Sim. Mas, são também ameaças aos nossos compromissos, nossos corações e nossas famílias — assim como o são o telefone, o rádio, a televisão e os inúmeros jogos eletrônicos. Todos os dons de Deus podem ser transformados em ídolos e armas de rebelião contra o Doador. Mas não deve ser assim.

Em vez disso, devemos perguntar como o salmista: “Que darei ao SENHOR por todos os seus benefícios para comigo?” (Salmos 116.12) E devemos responder, como ele o fez: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do SENHOR. Cumprirei os meus votos ao SENHOR, na presença de todo o seu povo” (vv. 13-14).





DARWINISMO À PORTA DA FRENTE

VOCÊ É UM TIQUE-TAQUE NO RELÓGIO DA EVOLUÇÃO?

Em frente à porta de nossa casa, foi deixado, lado a lado, um artigo de jornal que seguia uma concepção do mundo e uma revista que trazia outra concepção. O artigo da revista citava Philip Johnson, professor de Direito na Universidade da Califórnia, em Berkeley:

Se dissermos: “Uma bactéria, por meio de etapas graduais, se tornou uma lagosta, ou um inseto, ou um verme...”, muitos perguntariam: “É possível que Deus tenha agido dessa maneira?” Essa é uma pergunta maçante. É claro que Ele poderia. Mas, se Deus estava realmente envolvido na situação, qual é a evidência de que Ele transformou a bactéria, por meio de etapas graduais, em um verme? Não há evidências. Não há registro nos fósseis. Isso não pode ser testado nos laboratórios. Se alguém crê nisso, ele crê pela fé, fé na evolução (*World*, 22 de novembro de 1997, p. 13).

Nesta virada do século, Johnson tem liderado uma cruzada notável que se especializa em *Derrotar o Darwinismo com Mentes Abertas*, que é o título de um dos seus livros. Seu primeiro livro sobre a evolução foi *Darwin no Banco dos Réus*. Como professor de Direito, Johnson é um perito em lidar com evi-

dências. Embora ele seja um crente, nem sempre começa sua argumentação partindo das Escrituras, visto que seus ouvintes freqüentemente não compartilham desse mesmo ponto de partida. Johnson apenas argumenta com base nas evidências que os evolucionistas usam — e mostra que essas evidências não sustentam o peso da cosmovisão evolucionista. Aceitar o darwinismo, ou a evolução naturalista, é um passo de fé.

Nesse mesmo dia, li também, no *Star Tribune*, jornal de Minneapolis, uma declaração incrivelmente sincera, escrita por Renee Twombly, acerca da fé darwiniana. Eis a sua sincera declaração de fé:

Como ser humano, diríamos nós, você se sente um pouco superior a todas as outras criaturas que respiram ao seu redor? Você não pode repelir este pensamento, visto que os *homo sapiens* podem mover as montanhas, enquanto as formigas preferem pequenos montes de terra, certo? Bem, a verdade é que você é apenas um tique-taque no relógio da evolução na Terra, um pequeno broto no desenvolvimento da árvore da vida... Adaptação biológica e ambiental, juntamente com o esforço e a habilidade de sobrevivência dos descendentes de uma nova espécie, determinam se aquela espécie viverá ou não.

Neste ponto de vista, a evolução não é um processo que pode ser predito. A evolução é mais o resultado do acaso e não possui um elevado princípio norteador. A vida não é inerentemente progressiva, subindo, passo a passo, uma escada de aprimoramento, para atingir o ser perfeito, que muitos presumem seja o homem. Qual é a moral da história? Veja isso de novo depois do próximo tique-taque evolucionário (26 de novembro de 1997, A16 — ênfase acrescentada).

Nem todas as pessoas têm habilidade ou tempo para lidar com todas as evidências como Philip Johnson o faz. Deus sabe disso. Portanto, Ele planejou o mundo de modo que “os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade”, sejam claramente reconhecidos, “desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Romanos 1.20). Os evolucionistas terão de explicar se o passo de fé que eles deram,

partindo da bactéria e chegando à lagosta, é tão razoável como o passo de fé dos cristãos, partindo do universo repleto de ordem e chegando até Deus.

Além do universo, há também o Senhor Jesus. A Sra. Twombly, com um toque casual nas teclas, afirma que a diferença entre Jesus e uma formiga é um tique-taque no relógio da evolução. Essa é uma afirmação relevante e perigosa. Quando os seres humanos celebram o Natal, estão fazendo essencialmente o mesmo que as formigas fazem ao realizarem uma dança instintiva. É apenas uma questão de substância, mais energia, mais tempo. Nada essencial mudou.

Por favor, compreenda o que está implícito aqui. Com um toque de uma vara de condão imaginária, os darwinistas expulsaram a Deus do céu e a Cristo, da terra. Em seguida, eles vão às salas de aula da nação e dizem: “Respeitem uns aos outros e façam o bem” — e ainda perguntam por que os jovens matam seus colegas, como se fossem animais.

Eu direi com alegria àqueles que crêem no evolucionismo: a origem das espécies é mais explicável com base em suposições bíblicas do que Jesus de Nazaré é explicável com base em suposições darwinianas. A criação e Jesus Cristo revelam o Deus que criou o cosmos e salva do pecado. Se você não vê isso, continue olhando. Esta conexão é mais acessível do que a conexão de uma formiga com um ser humano.





DEUS NÃO SE ARREPENDE COMO O HOMEM

MEDITAÇÃO SOBRE 1 SAMUEL 15.11, 29

*Arrependo-me de haver constituído Saul rei,
porquanto deixou de me seguir
e não executou as minhas palavras.*

*Também a Glória de Israel não mente, nem se arrepende,
porquanto não é homem, para que se arrependa.*

Depois que Saul desobedeceu a Samuel, Deus afirmou: “Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras” (1 Samuel 15.11). Alguns têm argumentado: visto que Deus se arrepende das coisas que fez, Ele não podia prever o que estava por vir. Por que Deus se arrependeria ou voltaria atrás, se Ele soubesse de antemão as conseqüências de sua decisão?

Isto, porém, não é um argumento convincente contra a presciência de Deus. Primeiramente, porque o argumento admite que Deus não podia lamentar por uma situação que Ele mesmo resolveu produzir. Isto é falso no que diz respeito à experiência *humana*; além disso, (o que é mais importante) o

coração de Deus é capaz de combinações complexas de emoções infinitamente mais notáveis do que as nossas. Ele pode ser capaz de lamentar por coisas que resolveu trazer à existência.

Não somente isso, Deus também pode ser capaz de olhar para trás, contemplar o próprio ato de realizar aquele acontecimento e, sob um aspecto, lamentar aquele ato, enquanto o afirma como melhor, sob outro aspecto. Por exemplo, se eu disciplino meu filho por causa de desobediência ousada, e ele foge de casa porque eu o disciplinei, posso sentir remorso por aquela disciplina — não no sentido de que desaprovo o que fiz, e sim no sentido de que sinto tristeza pelo fato de que a disciplina era uma parte necessária de uma maneira sábia de lidar com a situação e, mesmo assim, a disciplina levou meu filho a sair de casa. Se eu tivesse de lidar com a mesma situação, eu o disciplinaria novamente, porque esta seria a melhor coisa a fazer. Embora soubesse que uma das conseqüências poderia ser a saída momentânea de meu filho, aprovei a disciplina e, ao mesmo tempo, lamentei por ela. Se essa combinação de emoções pode acompanhar minhas próprias decisões, não é difícil imaginar que a mente infinita de Deus seja capaz de algo semelhante.

Ora, a questão é: a Bíblia ensina que Deus lamenta algumas de suas decisões no sentido que descrevi no parágrafo anterior (que não significa que Ele ignora as futuras conseqüências)? Ou a Bíblia ensina que Deus lamenta algumas de suas decisões, porque Ele não sabia o que estava por acontecer?

A resposta é dada em 1 Samuel 15. Depois que o Senhor declarou: “Arrependo-me de haver constituído Saul rei” (v. 11), Samuel disse, com o propósito de esclarecer: “A Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa” (v. 29). O ensino deste versículo parece ser que, embora exista um sentido em que Deus se arrepende (v. 11), existe um outro sentido o qual esclarece que Ele não se arrepende (v. 29). Qual é a diferença? A solução é dada nas palavras “[Ele] não é homem”. Ou seja, quando Deus se arrepende, isso *não* é caracterizado pelas limitações peculiares aos homens. A diferença seria que o arrependimento de Deus acontece *a despeito* de sua perfeita presciência, enquanto maior parte do arrependimento humano ocorre porque *nos falta* a presciência. A maneira de Deus “se arrepende” é peculiar a Ele mesmo. Deus “não é homem, para que se arrependa” (da maneira como o homem se arrepende em sua ignorância do futuro).

Quando Deus diz: “Arrependo-me de haver constituído Saul rei”, não é a mesma coisa que dizer: “Eu não o teria feito rei, se eu soubesse que isto ia acontecer”. Deus é capaz de sentir tristeza por um ato que Ele praticou mesmo diante de sua presciência de mal e dor, e, ainda assim, levar o ato avante e concretizá-lo tendo em vista razões sábias. E mais tarde, quando olha para seu ato passado, Ele sente tristeza que o ato levou a tristes reações, tais como a desobediência de Saul.

Por isso, temos a nossa preciosa garantia de Números 23.19: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?” Eu a chamo de *preciosa* porque, como este versículo torna este assunto mais claro do que 1 Samuel 15.29, o compromisso de Deus com suas promessas depende de sua capacidade de não se arrepender como o homem. Em outras palavras, as promessas de Deus não estão em risco, porque Deus pode prever todas as circunstâncias. Ele sabe que nada acontecerá que O leve a retroceder em suas promessas. Isto é descanso para nossa alma.





ESQUADRINHE A BÍBLIA COM ORAÇÃO

CONSIDERANDO A RELAÇÃO ENTRE
A ORAÇÃO E O ESTUDO DA BÍBLIA

A fim de entendermos a Palavra de Deus, nos deleitarmos nela e sermos mudados do íntimo para o exterior, temos de orar: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Salmos 119.18). Mas, quando oramos para que os olhos vejam, nossa mente não deve permanecer neutra. Não suponha que a indispensabilidade da oração implica a dispensabilidade de pensamentos focalizados na Palavra de Deus. Quando você ora para que veja a glória de Cristo, não permita que sua mente vagueie e flutue. Esse é um grande erro proveniente da espiritualidade oriental, e não das Escrituras.

Então, o que você deve fazer?

1. Ore e leia

Leia a Palavra! Que privilégio! E que obrigação! E que potencial para ver a glória de Deus! Considere Efésios 3.3-4: “Segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, *quando ledes*, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo”. Quando *ledes*! Deus quis que os maiores mistérios da vida sejam revelados por meio da leitura.

Sim, Efésios 1.16-18 mostra a importância da oração (“não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que... iluminados os olhos do vosso coração”). Mas a oração não pode substituir a leitura. A oração pode transformar a leitura em percepção. No entanto, se não lermos, não teremos percepções. O Espírito Santo foi enviado para glorificar a Jesus. E a glória de Jesus é revelada na Palavra. Portanto, leia.

2. Ore e estude

2 Timóteo 2.15: “Procura (ou *estuda para*) apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”. Deus nos deu um livro a respeito dEle mesmo, não para que o leiamos de qualquer maneira negligente que desejarmos. Paul diz: “Procura [estuda para]...” manejar “bem a palavra da verdade”. Isso significa trabalhar na Palavra, se você deseja obter o máximo dela.

O pêndulo balança para lá e para cá. Alguns dizem: “Ore e não dependa de obras de estudo humanas e naturais”. Outros dizem: “Estude porque Deus não lhe revelará o significado de um texto por meio da oração”. Mas não achamos esta dicotomia na Bíblia. Temos de estudar e manejar corretamente a Palavra de Deus; e temos de orar, pois, do contrário, não veremos na Palavra aquilo que é essencial, a glória de Deus na face de Cristo (2 Coríntios 4.4, 6).

Benjamin Warfield, um grande estudioso da Bíblia, escreveu em 1911: “Às vezes, ouvimos alguém dizer que dez minutos de joelhos lhe darão um discernimento mais profundo, mais verdadeiro e mais produtivo a respeito de Deus do que dez horas de estudo em seus livros. ‘O quê?’ — essa é a ação apropriada — ‘dez minutos de joelhos, mais do que dez horas de estudo?’” (“The Religious Life of Theological Students”, em *The Princeton Theology*, editado por Mark Noll, Grand Rapids: Baker Book House, 1983, p. 263).

3. Ore e esquadrinhe

Ao aproximar-nos da Bíblia, devemos fazê-lo como um avaro que está à procura de ouro ou como uma noiva que perdeu seu anel de compromisso em algum lugar de sua casa. Ela esquadrinha a casa. Essa é a maneira como buscamos a Deus na Bíblia.

*Se clamares por inteligência,
e por entendimento alçares a voz,
se buscares a sabedoria como a prata
e como a tesouros escondidos a procurares,
então, entenderás o temor do SENHOR
e acharás o conhecimento de Deus.
Provérbios 2.3-5*

Busque como se buscasse a prata; procure como a tesouros escondidos. Isto é esquadrinhar a Bíblia para achar tudo o que é valioso. Se há tesouros escondidos, procure-os. Deus determinou que os dará a todos os que buscarem de todo o coração (Jeremias 29.13).

4. Ore e medite

Em 2 Timóteo 2.7, Paulo mostrou a Timóteo como este deveria ler sua carta: “*Pondera o que acabo de dizer*, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas”. Sim, o Senhor dá compreensão, mas não sem reflexão. Não substitua o meditar pelo orar. Medite e ore. Leia, estude, esquadrinhe e pense. Mas tudo isso será inútil sem oração.

Portanto, vimos novamente: a oração é indispensável, se queremos ver a glória de Deus na Palavra de Deus. Mas vimos, igualmente, que *ler, estudar, esquadrinhar e meditar* a Palavra também é necessário. Deus ordenou que *a obra de abrir os nossos olhos, realizada pelo Espírito Santo*, sempre seja combinada com *a obra de informar a mente, realizada pela sua Palavra*. O alvo de Deus é que vejamos e reflitamos a sua glória. Por isso, Ele abre nossos olhos, quando contemplamos a glória dEle em sua Palavra.

Então... leia, estude, esquadrinhe, medite — e ore! “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Salmos 119.18).





JESUS E AS CRIANÇAS

PENSANDO NAS CRIANÇAS COMO DETECTORES DE ORGULHO

Uma das coisas que devemos examinar, quando avaliamos as qualificações espirituais de um candidato ao ministério, é a maneira como ele se relaciona com as crianças. Ponha uma criança na sala e observe. Foi isto que Jesus fez para fixar seu ensino. As crianças são indicadores da presença do orgulho.

Talvez você pense que a principal coisa que Jesus pretendia dizer era: “Não seja orgulhoso, torne-se como uma criança”. Ele disse essencialmente isso em Mateus 18:3: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus”. Todavia, Jesus disse algo muito mais interessante. Quando os discípulos começaram a discutir entre si qual deles era o maior, Jesus “assentando-se, chamou os doze e... trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou” (Marcos 9:34-37).

Receber uma criança nos braços, em nome de Jesus, é uma maneira de receber a Jesus. E receber a Jesus é uma maneira de receber a Deus. Melhor dizendo, a maneira como lidamos com as crianças é um sinal de nossa comunhão com Deus. Alguma coisa está profundamente errada com a pessoa que não desce (ou deveríamos dizer *sobe*?) para amar e receber uma criança.

Portanto, talvez seja bom recordarmos as maneiras como Jesus lidou com as crianças. Medite nestas passagens, permitindo que elas despertem em você os anelos de Cristo. O que seria mais significativo do que receber a Cristo e receber, nEle, a Deus, o Criador?

Jesus nos diz, de uma maneira admirável, que podemos fazer isso quando ministramos às crianças.

1. *Jesus foi uma criança.*

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9.6).

2. *Jesus tomou crianças nos braços e as abençoou.*

“Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis... Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (Marcos 10.14, 16).

3. *Jesus curou a filha de uma mulher estrangeira.*

“Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã” (Mateus 15.28).

4. *Jesus expulsou um demônio de uma criança.*

“E Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado” (Mateus 17.18).

5. *Jesus ressuscitou uma criança.*

“Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te! Imediatamente, a menina se levantou” (Marcos 5.41-42).

6. *Jesus usou os pães e os peixes de um menino para alimentar uma multidão.*

“Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente? Disse Jesus: Fazei o povo assentar-se” (João 6.9-10).

7. *Jesus disse que devemos nos tornar como crianças.*

“Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18.3-4).

8. *Quando Jesus veio, as crianças clamaram: “Hosana ao Filho de Davi”.*

“Vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se” (Mateus 21.15).

9. *Jesus predisse dias terríveis, quando os pais entregariam os filhos à morte.*

“Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho” (Marcos 13.12).

10. *Jesus disse que, se recebemos uma criança em nome dEle, nós recebemos a Ele e ao Pai, que O enviou.*

“Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou” (Marcos 9.37).

Que o Senhor nos ensine esta profunda verdade — amar as crianças em nome de Cristo significa amar a Deus Filho e a Deus Pai. De fato, significa muito mais: aceitar, receber a Deus e ter comunhão com Ele. O ministério de berçário, realizado em nome de Cristo, não é uma obra insignificante.





O CORPO, O CAFÉ DA MANHÃ E O LEITO CONJUGAL

MEDITAÇÃO SOBRE A ADORAÇÃO DIÁRIA

A doração é um termo que usamos para nos referirmos a todos os atos do Acoração, da mente e do corpo que expressam intencionalmente a infinita dignidade de Deus. Fomos criados para isso, como Deus o afirma: “A todos os que são chamados pelo meu nome, e os *que criei para minha glória*, e que formei, e fiz” (Isaías 43.7). Isso significa que todos fomos criados para expressar a infinita dignidade da glória de Deus. Fomos criados para adorar.

Mas, quando você pensa em adoração, não pense apenas nos *cultos* nas igrejas. Essa é uma grave limitação que não se encontra na Bíblia. Toda a vida deve ser adoração, como Paulo o disse: “Apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Romanos 12.1). Toda a nossa vida se realiza por meio do corpo. Este deve ser apresentado a Deus como nosso “culto racional”. Isso inclui todas as ações. Pense em alguns exemplos.

Considere, por exemplo, tomar o café da manhã ou comer uma pizza ou um lanche no meio da manhã. 1 Coríntios 10.31 diz: “Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”. Ora, comer e beber são atitudes bem elementares. O que poderia ser mais humano do que essas atitudes? Comemos e bebemos todos os dias. Nós o fazemos em casa, no trabalho, no carro e onde quer que haja uma fonte de água.

Paulo disse que essas atitudes estão relacionadas a Deus. Devemos comer e beber de um modo que expressa a infinita dignidade de Deus. Podemos fazer isso por preferir a Deus à comida, quando jejuamos. Podemos fazê-lo por comer menos e compartilhar mais. Também podemos fazê-lo por preferir a Deus sem rejeitar o alimento, quando nos banqueteamos, se o fazemos com “ações de graças”, como pessoas que crêem e “conhecem plenamente a verdade” (1 Timóteo 4.3).

Ou considere, por exemplo, o sexo. Paulo disse que o alternativo da fornicação é adoração. “Fugi da impureza [fornicação]. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Coríntios 6.18-20).

Não pratique a fornicação com o seu corpo. Adore com o seu corpo. Ele diz que o corpo é um templo, ou seja, um lugar de adoração. O corpo é um lugar para nos encontrarmos com Deus, e não com prostitutas. Isso não significa que o sexo é pecaminoso. Significa que o sexo é precioso. O sexo é muito precioso e não deve ser barateado. Deus tenciona que o coloquemos em um lugar bastante seguro e sagrado — o casamento. Neste lugar, o sexo se torna a expressão do amor entre Cristo e a igreja. Revela a glória da intensidade do amor de Deus por seu povo. Torna-se adoração. “Glorificai a Deus no vosso corpo.”

E não fazer sexo fora do casamento demonstra a preciosidade daquilo que ele representa. Portanto, a castidade é adoração. A continência magnifica a Cristo acima do sexo. E praticar a sexualidade amorosa no casamento exalta a Cristo como o grande amado de sua noiva, a igreja (Efésios 5.25-30).

Ou considere a morte, como nosso último exemplo. Faremos isso em nosso corpo. De fato, será o último ato de nosso corpo nesta vida. Nosso corpo se despede. Como adoraremos nesse último ato de nosso corpo? Sabemos que o podemos, visto que Jesus disse a Pedro como ele morreria, e João explicou: “Disse isto para significar *com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus*” (João 21.19). O último ato do corpo é dizer adeus à alma. E devemos ter um intenso desejo de que nosso corpo se despeça da alma de um modo que expresse a infinita dignidade de Cristo. O último ato deve ser adoração.

Como? A resposta é dada com clareza em Filipenses 1.20-21. Paulo disse que sua esperança era a de que Cristo fosse exaltado em seu corpo, por meio da morte. E acrescentou: “Para mim... o morrer é lucro”. Expressamos a infinita dignidade de Cristo por considerarmos a morte como lucro. Por que lucro? O versículo 23 afirma que a morte significa “partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”.

Você tem um corpo. Mas esse corpo não é seu. “Fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Coríntios 6.20). Você está sempre em um templo. Adore sempre.





A ESTRELA PISTOL E O PODER DE DEUS

MEDITAÇÃO SOBRE A CIÊNCIA, O CONHECIMENTO
E O ESPLENDOR DIVINO

Agradeço a Deus pelas maravilhosas descobertas da ciência que ultrapassam o meu entendimento finito. Elas são como um cego que continua a trazer jóias maravilhosas à mesa. Não é verdade que todos os cientistas são cegos ou que algum deles o seja. Se eles fossem cegos, eu provavelmente já teria morrido de poliomielite ou de varíola. Eu não teria energia elétrica, refrigeração, processadores de texto, motor à combustão em meu carro, notícias instantâneas no rádio ou vôos para Winnipeg (sem mencionar os vôos para Marte). Os cientistas não são tolos, nem cegos — definitivamente.

No entanto, que palavra usarei para descrever o olho ou o coração que pôde descobrir a estrela Pistol e não adorou a Deus, nem sequer O mencionou? Deixe-me tomar fôlego. Há duas coisas admiráveis no jornal desta manhã (8 de outubro de 1997). Uma é a descoberta da maior estrela já conhecida. A outra é a ausência de Deus. Ambas as maravilhas me deixam estupefato.

A notícia começa assim:

Imagine uma estrela tão grande que encheria o sistema solar no espaço da órbita da terra, que está a 150 milhões de quilômetros do Sol. Ela é uma estrela tão turbulenta que suas erupções esparramariam uma nuvem de gases que se estenderia por 4 anos-luz — a

distância entre o Sol e a estrela mais próxima (cerca de 40 trilhões de quilômetros). Uma estrela tão poderosa que resplandece com a energia de 10 milhões de sóis, tornando-a a mais brilhante estrela já observada em nossa galáxia, a Via Láctea. Uma estrela tão brilhante e grande como essa seria inimaginável, de acordo com algumas teorias de formação de estrelas. Mas, lá está ela, bem no centro da Via Láctea (*Star Tribune*, Minneapolis, MN, 8 de outubro de 1997, A4).

Jesus amava os Salmos e acreditava que estes eram a Palavra de Deus. Por isso, não duvido que Ele olhava para o céu, à noite, e adorava: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleste” (Salmos 8.3).

Mas não há qualquer menção de Deus nos relatos dos cientistas. Não há adoração. Com as “teorias de formação de estrelas” sendo explodidas pela estrela Pistol, há uma que permanecerá inabalável. De fato, não é uma teoria, e sim uma verdade revelada: “Obra dos teus dedos”. As estrelas são “obra” dos dedos de Deus. Jesus acreditava nisso. Isso é verdade.

Portanto, quando leio que os cientistas descobriram uma nova estrela que é dez milhões de vezes mais poderosa que o Sol, que aquece a minha face estando a 150 milhões de quilômetros, e mantém a terra em órbita, e queima (em suas camadas mais frias) a 6.000° C, vejo os dedos de Deus de um modo diferente. Sou compelido a tremer e prostrar-me em silêncio diante da grandeza de Deus. Quando retorno à serenidade, a ausência de Deus neste relato me deixa pasmado. Existe alguma outra palavra, se não o vocábulo “cegueira”, para descrever isso? Jesus diria: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Salmos 19.1). Não ver a glória de Deus na estrela Pistol significa estar cego. Abra seus olhos. Peça a Deus que lhe dê olhos capazes de ver. Jesus falou sobre aqueles que, “vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem” (Mateus 13.13). Oh! que você não esteja entre estes! O universo existe para ajudá-lo a conhecer a Deus, o Criador. E a principal mensagem é que Ele é muito *grande*, e nós, muito pequenos. Precisamos sentir esta grandeza. Precisamos ser capazes de dizer: “Portanto, *grandíssimo* és, ó SENHOR Deus, porque não há semelhante a ti” (2 Samuel 7.22). “Grandes

coisas tens feito, ó Deus; quem é semelhante a ti?" (Salmos 71.19) "Que deus é tão *grande* como o nosso Deus?" (Salmos 77.13) Pois tu és *grande* e operas maravilhas; só tu és Deus! (Salmos 86.10) "*Grandes* e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso!" (Apocalipse 15.3) "*Grande* é o SENHOR e mui digno de ser louvado" (Salmos 48.1). "Bendize, ó minha alma, ao SENHOR! SENHOR, Deus meu, como tu és *magnificante*: sobrevestido de glória e majestade" (Salmos 104.1).

Fiquemos duplamente admirados, quando os telescópios nos trazem informações sobre as grandezas de Deus — admirados ante o poder de Deus e a ausência da adoração.





SE CRERES VERÁS A GLÓRIA DE DEUS

O VER É UM ALICERCE DA FÉ OU A FÉ É UM ALICERCE DO VER?

Em João 11, Jesus fala a respeito do que está prestes a fazer a Lázaro, com base na fé. Ele disse: “Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer” (João 11.14-15). No entanto, para Maria, a irmã de Lázaro, Jesus dissera o que parecia ser o oposto: *se* ela cresse, veria a glória de Deus. “Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?” (João 11.40)

As duas afirmações são verdadeiras? Ver o que Jesus fez despertou a fé? Ou a fé nos capacita a ver a glória de Deus naquilo que Ele fez? João 11.45-46 indica isso? “Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele. Outros, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara.”

Conforme estes versículos, alguns creram quando viram o que Jesus fizera. Contudo, o texto afirma, por contraste, que outros foram e o contaram aos fariseus. É evidente que João, ao mencionar esse contraste (alguns creram; *outros* saíram e o contaram aos fariseus), queria mostrar que o segundo grupo não crera verdadeiramente. Observe, porém, o que este segundo grupo contou aos fariseus: disseram que Jesus ressuscitara um homem. Portanto, eles creram pelo menos neste sentido — o milagre realmente acontecera. Contudo, eles são contrastados com aqueles que creram. Então, o crer é mais do que

concordar com o milagre? Talvez seja o ver a *glória de Deus* no milagre? Foi isso que Jesus disse que aconteceria, se Maria cresse. “Se creres, verás a glória de Deus” — e não apenas um homem morto saindo do sepulcro, mas algo glorioso, cativante, lindo e constrangedor a respeito de Deus.

No entanto, a fé é o *instrumento* para alguém ver a glória de Deus ou é a *resposta* ao ato de ver a glória de Deus? Talvez essas duas coisas sejam tão íntimas que são mencionadas de ambas as maneiras. “Se creres, verás a glória de Deus” pode significar “se o teu coração estiver submisso a Deus, através do milagre tu O reconhecerás como um Ser glorioso, belo e atraente”. (Tu ficarás e adorarás, em vez de correres aos fariseus, para divulgares o que aconteceu.)

Jesus se referiu a este entendimento da fé preparatória em João 7.17: “Se alguém quer fazer a vontade de Deus, reconhecerá se a doutrina é de Deus” (tradução do autor). Isso talvez signifique o mesmo que “se creres, verás a glória de Deus”. Assim, “crer” significaria ter uma prontidão humilde e submissa para receber de Deus tudo que lhe for permitido ver.

E quanto à outra parte do crer mencionada em João 11.14-15? Jesus disse que se alegrava por não estar lá, com Lázaro, para impedir que este morresse, pois isto O impediria de realizar o milagre em benefício da fé dos discípulos. “Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer.” Neste caso, a fé é uma resposta ao ato de ver o milagre. Sim, e isto não é uma contradição; pelo contrário, é uma continuação do que temos visto. “Crer” é usado neste versículo em um sentido mais completo não apenas de ser submisso a Deus e estar em harmonia com Ele, em preparação para ver o que Ele revela de Si mesmo no milagre, mas também no sentido de *estar pronto a reagir* apropriadamente à glória de Deus, depois de ver o milagre. Portanto, ambos os aspectos da fé são verdadeiros: ver para crer e crer para ver.

Em resumo, a fé é uma obra de Deus em nossos corações que se relaciona essencialmente com a glória de Deus vista nas obras e palavras dEle em Cristo. A fé é despertada pela manifestação da glória de Deus na Palavra e na obra de Cristo. O despertamento inicial da fé produz a disposição humilde de ver as obras de Deus como elas realmente são; e a continuidade da vida da fé é uma confiança alegre e submissa em tudo o que Deus é para nós em Cristo.

Senhor, dá-nos que fixemos nossos olhos resolutamente na Palavra e obra de teu Filho. Concede-nos que prendamos nossa atenção naquilo que re-

velastes. Não produzimos a fé, mas sabemos onde ela pode ser produzida — à luz da tua Palavra e da tua obra. Mantém-nos nesse lugar. Pai misericordioso, manifesta em nosso coração a glória que desperta a fé. Anelamos e esperamos por isso — nas páginas do teu livro.





COMO O ESPÍRITO SANTO PRODUZ AMOR?

E POR QUE ELE O FAZ DESTA MANEIRA?

O Espírito Santo é Deus. Ele tem o poder de criar amor em nosso coração da maneira que Lhe agrada. Então, por que o Espírito Santo cria amor tão-somente por meio de nossa fé consciente nas promessas de Jesus?

Isto é o que Ele faz. De acordo com Gálatas 5.22, “o fruto do Espírito é: amor”. Por conseguinte, é claro que o Espírito Santo é Aquele que produz amor genuíno em nosso coração. Porém, Gálatas 5:6 diz: “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor”. Isso significa, pelo menos, que o amor resulta da fé. A fé “atua pelo amor”.

Então, o que está certo? O amor é produzido pelo Espírito Santo (Gálatas 5.22)? Ou é a fé que produz o amor (Gálatas 5.6)?

Gálatas 3.5 nos mostra como as duas fontes do amor se harmonizam. Paulo indaga retoricamente: “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” Em outras palavras, a poderosa obra do Espírito em nosso coração não resulta de obras da lei, e sim de ouvirmos com fé. Assim, a maneira pela qual a fé e o Espírito se combinam para produzir o amor é que o Espírito realiza os seus milagres (incluindo o amor) por meio da fé. Quando exercemos fé, o Espírito Santo está fluindo no canal dessa fé com o poder que produz o amor.

Sejamos mais exatos. A Bíblia afirma que o Espírito Santo realiza milagres por meio da “pregação da fé”. Em outras palavras, a fé por meio da qual o Espírito age é a fé em algo que ouvimos; é a fé na Palavra de Deus, o evangelho. Isso significa fé em tudo que Deus promete ser para nós em Cristo. Quando lemos ou ouvimos uma parte da promessa de Deus para nós, em Cristo, e confiamos ou descansamos nessa parte da promessa, e somos satisfeitos por ela, o Espírito Santo está fluindo ao nosso coração e o amor está sendo produzido.

Portanto, vemos que o Espírito Santo não produz o fruto do amor à parte da fé em Jesus e em sua Palavra. Atos particulares de fé nas promessas de Deus trazem revigoramentos de amor. Agora, surge a pergunta: Por quê? Por que o Espírito Se limita a produzir o amor tão-somente por meio da fé consciente na Palavra de Jesus?

A resposta parece ser esta: o Espírito Santo se deleita em glorificar a fidelidade de Cristo e de sua Palavra, a fidelidade que nos satisfaz plenamente. Essa foi a razão por que o Espírito foi enviado ao mundo. Jesus disse: “Ele me glorificará” (João 16.14). J. I. Packer apresentou isso nas seguintes palavras: o Espírito Santo realiza a sua obra “a fim de que Cristo seja conhecido, amado, tido como base de nossa confiança, honrado e louvado. Esse é o alvo e o propósito do Espírito, assim como é, também, o alvo e o propósito de Deus, o Pai” (*Keep in Step with the Spirit*, Old Tappan, N. J.: Fleming H. Revell Co., 1984, p. 47).

Se o Espírito Santo apenas causasse atos de amor no coração humano, sem qualquer conexão clara e permanente entre o amor, por um lado, e a fé nas promessas de Cristo, por outro lado, não ficaria evidente que a fidelidade de Cristo, plenamente satisfatória, é honrada por meio do amor. Mas o Espírito Santo está comprometido em trazer glória a Jesus. Por isso, Ele se mantém quieto, em segundo plano, por assim dizer, e promove a “pregação da fé”, a respeito de Cristo e de suas promessas, como a causa consciente do amor. Assim, Cristo é exaltado quando flui o amor.

Você pode ver isso, novamente, em João 7.37-38: “No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”. O versículo seguinte diz que esse rio de água viva que flui de nosso interior é o Espírito Santo. E, com certeza, Ele está fluindo em amor.

Isso significa que o Espírito produz o amor no coração que confia em Jesus, ou seja, no coração em que Jesus é tão satisfatório como uma fonte de água.

Conclusão: se você quer se tornar uma pessoa amável, rogue fervorosamente a obra transformadora e capacitadora que o Espírito Santo realiza. O amor é o fruto do Espírito Santo. Mas leia também a sua Bíblia e olhe para Jesus na Palavra. Medite demoradamente em suas promessas, até que Ele satisfaça seu coração com tudo o que Deus é para você, em Cristo. Quando isso acontecer, você será livre do temor, da cobiça e de tudo que impede o amor. O Espírito e o seu fruto de amor fluirão.





O REGENERADO PODE SER RISCADO DO LIVRO DA VIDA?

MEDITAÇÃO SOBRE APOCALIPSE 3.5

*O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas,
e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida;
pelo contrário, confessarei o seu nome
diante de meu Pai e diante dos seus anjos.*

A preciosa verdade de que o crente se manterá firme na fé até ao final e será salvo tem sofrido oposição incansável, geração após geração. Entretanto, a verdade sempre permanece, repousando firmemente na soberana fidelidade de Deus, a fim de completar a salvação dos seus eleitos. Ele a planejou na eternidade, comprou-a por meio da morte de Cristo na cruz e está aplicando-a por meio do Espírito Santo.

Romanos 8.30 afirma: “Aos que justificou, a esses também glorificou”. Em outras palavras, entre o evento da justificação pela fé, no começo de nossa vida cristã, e o evento de nossa glorificação, na ressurreição de nosso corpo (Filipenses 3.21), não haverá abandonos, deserções ou rejeições. “Aos que justificou, a esses também glorificou” — todos eles. Deus preservará e santificará aqueles que Ele justificou, aos quais assegurou que manterão a fé e perseverarão até ao fim e que são salvos.

1 João 2.19 descreve como devemos entender os aparentes abandonos; “Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, *se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco*; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos”. Em outras palavras, o fracasso em perseverar na fé não é um sinal de que alguém pode ser verdadeiramente nascido de novo, justificado e, depois, tornar-se um perdido. Pelo contrário, o fracasso em perseverar na fé é um sinal de que alguém nunca era, de fato, um membro do povo regenerado de Deus. Esse é o ensino explícito de 1 João 2.19.

Contudo, existem textos bíblicos que persuadem alguns a rejeitarem esse ensino. O texto que estamos considerando é Apocalipse 3.5, no qual o Senhor Jesus disse: “O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e *de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida*; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos”.

Alguns afirmam que este versículo é uma prova incontestável contra a doutrina da perseverança dos santos. Admitem que Apocalipse 3.5, ao dizer que Deus não apagará o nome de uma pessoa do Livro da Vida, implica que Ele *apaga* o nome de alguns desse livro e que essas pessoas eram justificadas e, depois, foram condenadas. Mas isto é verdade?

A promessa “de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida” não implica, necessariamente, que alguns *têm* seu nome apagado. Esta promessa se dirige apenas àquele que está inscrito no livro e vence pela fé: Eu nunca tirarei seu nome dali. Em outras palavras, ser apagado do Livro da Vida é uma perspectiva terrível que Eu jamais permitirei que aconteça. Eu mantereí você seguro, no Livro. Essa é uma das promessas feitas aos que perseveram e vencem. A promessa *não* diz: os que falham em vencer e se afastam de Cristo estavam inscritos no Livro e seus nomes foram apagados.

De fato, há dois outros versículos em Apocalipse que parecem ensinar que ter o nome escrito no Livro da Vida significa que você perseverará e vencerá com toda a certeza. Considere Apocalipse 13.8: “E adorá-la-ão [a besta] todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”. Este versículo transmite a idéia de que aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro “desde a fundação do mundo” *não* adorarão a besta. Em

outras palavras, ter o nosso nome inscrito no Livro da Vida desde a fundação do mundo parece significar que Deus nos guardará de cairmos e nos outorgará capacidade para perseverar em fidelidade a Ele. Estar escrito no Livro significa que *não* apostataremos.

De modo semelhante, considere Apocalipse 17.8: “A besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá”. Novamente, ter o nome escrito no Livro da Vida desde a fundação do mundo parece assegurar que não nos admiraremos da besta. O ensino neste versículo é que aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo se admirarão. Se o seu nome está escrito naquele livro, você *não* se admirará da besta.

O ensino neste versículo é que ter o nome escrito naquele livro é algo eficaz. Ou seja, tem resultados definidos nas reações de alguém. Ter o nome escrito no Livro da Vida do Cordeiro desde a fundação do mundo *garante* que não adoraremos nem nos admiraremos da besta. João não disse: “Se você adorar a besta, seu nome será apagado”. Ele disse: “Se o seu nome está escrito, você *não* a adorará”.

Isto se harmoniza com Apocalipse 3.5: “O vencedor... de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida”. O triunfo *exigido* em Apocalipse 3.5 é *garantido* em 13.8 e 17.8. Isto não é uma contradição, visto que Paulo disse: “Desenvolvi a vossa salvação... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2.12-13). Não é ilógico afirmar a condição: se você vencer, Deus não apagará seu nome” (Apocalipse 3.5); e afirmar a segurança: se o seu nome está escrito, você vencerá (13.8 e 17.8). Aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida *têm* realmente *de* vencer e *vencerão*. Um lado desta verdade ressalta a nossa responsabilidade; o outro, a soberania de Deus.

A conseqüência prática desta verdade é que não nos tornemos altivos quanto à fé, o amor e a santidade. Na vida cristã, temos de exercer a vigilância (Hebreus 3.12), o esforço (Lucas 13.24) e a busca (Hebreus 12.14). Na verdade, a conseqüência é que descansemos na certeza de que não somos deixados à nossa mercê neste “combate de fé”. O Deus que chamou é fiel para nos con-

firmar até ao fim, para sermos “irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 1.8). “Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (1 Tessalonicenses 5.24). Deus completará a salvação que Ele começou (Filipenses 1.6). Somos guardados pelo poder de Deus (1 Pedro 1.5). Temos de *lutar*, pois somente os que perseveram serão salvos (Marcos 13.13). E *lutaremos*, porque Deus está agindo em nós para querermos e realizarmos a sua boa vontade (Filipenses 2.13; Hebreus 13.21).





FATOS, VISÍVEIS E INVISÍVEIS

O QUE SIGNIFICA ANDAR PELA FÉ E NÃO PELO QUE VEMOS?

MEDITAÇÃO SOBRE 2 CORÍNTIOS 5.7

Visto que andamos por fé e não pelo que vemos.

Os fatos são fundamentais ao cristianismo. Eram visíveis, agora são conhecidos, são fatos históricos. Quando Paulo disse que andava pela fé e não pelo que via, ele já tinha visto o Senhor ressuscitado. “Não vi Jesus, nosso Senhor?” (1 Coríntios 9.1) E, quando Paulo descreveu o evangelho, ele o fez em termos de fatos, visíveis e históricos.

“Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora” (1 Coríntios 15.3-6).

Portanto, quando a Bíblia diz: “Andamos por fé e não pelo que vemos”, isso *não* significa que nunca houve quaisquer evidências visíveis. Também não significa que não haja evidências visíveis hoje.

“Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Salmos 19.1).

“Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Romanos 1.20).

No que concerne à primeira geração de crentes, Deus não pensava que estava contradizendo as bases da fé, quando lhes deu evidências de Cristo ressuscitado e quando, posteriormente, confirmou o evangelho por meio de sinais e maravilhas visíveis.

“A estes [os apóstolos] também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, *com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias* e falando das coisas concernentes ao reino de Deus” (Atos 1.3).

“Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; *dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios...*” (Hebreus 2.3-4).

Então, o que Paulo quis dizer, ao falar: “Andamos pela fé e não pelo que vemos”? O contexto é essencial.

“Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo [ou seja, o corpo] gememos angustiados, não por quisermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito. Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; visto que andamos por fé e não pelo que vemos” (2 Coríntios 5.4-7).

Sim, Cristo foi visto por olhos físicos. Sim, Ele fez sinais e maravilhas, de modo infalível, com uma simples palavra ou um toque. Sim, Cristo morreu, ressuscitou e apareceu a muitos. Mas *agora* Ele está distante da visão. Não O vemos dessa maneira agora. Conforme Paulo disse: enquanto estamos “no corpo, estamos *ausentes do Senhor*”; ou seja, não O vemos. E não somente isso, neste corpo nós *gememos*. Ainda não vemos todo o *efeito* do poder de Jesus em nossa vida. Por isso, Paulo disse que temos o Espírito como um penhor. O Espírito é um pagamento não visível, mas experimentado, que foi dado como adiantamento da visão de Cristo na glória.

Em que sentido andamos pela fé e não pelo que vemos? Andamos pela fé e não pelo que vemos, porque, com base nos atos de Deus em Cristo, visíveis e passados, e com base no testemunho constrangedor dos apóstolos a respeito desses atos, agora confiamos neste Cristo vivo e no que Ele promete ser para nós, embora não O vejamos agora com os olhos físicos. Paulo disse isto em Romanos 8.24-25: “Na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos”.

Pedro falou sobre isso nos seguintes termos: “A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória” (1 Pedro 1.8). Nunca vi o Cristo ressuscitado na carne. Meus olhos físicos jamais contemplaram a Jesus. Mas existe um ver que está além do ver de nossos olhos. Paulo orou para que tivéssemos esse ver: “Iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos” (Efésios 1.18). E falou sobre “a luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Coríntios 4.4), para que vejamos quando Deus sobrepuja os efeitos da cegueira produzida por Satanás e nossa dureza de coração.

Portanto, andar pela fé e não pelo que vemos significa andar não pela contemplação imediata de Cristo, com nossos olhos físicos. Não significa andar sem qualquer evidência histórica, bem como sem iluminação espiritual nos olhos do coração. O Espírito Santo realmente nos outorga a contemplação da glória divina que confirma a si mesma no evangelho de Cristo. O Cristo que eu vejo no evangelho tem triunfado em minha mente e em meu coração. Por isso, digo juntamente com Paulo: “*Vivo* [não por vista] *pela fé* no Filho de

Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gálatas 2.20).

Se esta não é a sua experiência, ore humildemente por ela. Isto não é presunção. Foi o assunto da oração de Paulo em Efésios 1.16, 18: “Fazendo menção de vós nas minhas orações... iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos”. É correto pedir a Deus que ilumine nosso coração. É correto pedir-Lhe: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Salmos 119.18). Isso vai além da simples leitura, do simples estudo e do simples aprendizado. É a visão de algo maravilhoso, que desperta e sustenta a fé. Fixe seus olhos no Filho e peça iluminação.





POR FAVOR, MAIS ALIMENTO!

O CLAMOR DE UMA FÉ AGONIZANTE

A fé se alimenta da Palavra de Deus. Sem uma dieta permanente, a fé se torna cada vez mais fraca. Se você está descontente com a sua coragem, alegria e pureza de coração, avalie a maneira como está alimentando a sua fé.

Compare a maneira como se alimenta. Suponha que você comece o dia tomando um copo de suco de laranja. Isto é gostoso e bom para você. Talvez isto lhe tome cinco minutos, enquanto, ao mesmo tempo, lê o jornal. Em seguida, você sai para o trabalho ou para a escola. E não come mais nada até a manhã do dia seguinte, quando toma outro copo de suco. Assim você passa os dias, tomando um copo de suco, até que desfalece.

Essa é a maneira como muitos crentes tentam sobreviver como crentes. Alimentam sua fé com cinco minutos de refeição, pela manhã ou à noitinha, e não comem outra vez até se passarem vinte e quatro horas. Alguns até pulam uma manhã ou outra, não dando à sua fé qualquer coisa para comer, durante vários dias.

Ora, a consequência de uma fé faminta é que ela desfalece. Não é difícil entender isso. E, quando a fé está faminta, ela se torna mais fraca e incapaz de fazer muito. Tem dificuldade para confiar em Deus, adorar e regozijar-se, bem como para resistir ao pecado. Ela suspira e tropeça. Alguém talvez pergunte: “Como você sabe que a fé necessita do alimento da Palavra de Deus para cres-

cer e florescer?” Bem, há alguns indícios na Bíblia.

Primeiro, Romanos 10.17 afirma: “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo”. Se a fé *vem* da Palavra de Deus, ela *se vai* com a ausência da Palavra.

Segundo, Salmos 78.5, 7 declara que Deus “estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos... para que pusessem em Deus a sua confiança”. Em outras palavras, o alvo do ensino da Palavra de Deus aos nossos filhos é nutrir a confiança (ou seja, a fé) em Deus. Assim, a fé se alimenta da Palavra de Deus.

Terceiro, Provérbios 22.18-19 afirma: “Porque é coisa agradável os [as palavras de Deus] guardares no teu coração e os aplicares todos aos teus lábios. Para que a tua confiança esteja no SENHOR, quero dar-te hoje a instrução, a ti mesmo”. Isso nos mostra que as palavras de Deus existem “para que a tua confiança esteja no SENHOR”. A fé se alimenta da Palavra de Deus.

Quarto, compare Salmos 1.2-3 (“O seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto”) com Jeremias 17.7-8 (“Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde”). Um texto diz que *meditar na Palavra de Deus* torna você como uma árvore que permanece forte; o outro diz que *confiar no Senhor* faz de você uma árvore que permanece forte. O que causa isso? A mesma coisa. Por quê? Por que a pessoa que medita na Palavra de Deus, dia e noite, está continuamente alimentando a sua fé; por isso, a sua confiança é forte.

Quinto, temos de raciocinar que a fé se alimenta da Palavra de Deus porque a Palavra é aquilo em que a fé confia. E, onde não há palavras dignas de confiança, a fé não tem o que comer. Essa é a natureza da fé. Ela subsiste daquilo em que confia. A fé não tem outra vida, se não a vida que ela obtém da verdade em que crê. Portanto, se não a alimentarmos com uma dieta consistente, que é a Verdade que sustenta a vida, a fé murchará.

Tudo isto significa que devemos memorizar as Escrituras, todos os dias, de modo que possamos alimentar nossa fé, hora após hora, durante todo o dia. Somente algumas pessoas têm o privilégio de abrir a Bíblia a cada hora.

Mas todos nós podemos consultar nossa memória a cada hora. De fato, nós precisamos disto.

Portanto, com todo o meu coração, encorajo-o a fazer isto. Quando você tiver seus momentos de devoção na Palavra de Deus, encontre uma frase ou um versículo — um bocado para a sua alma — e memorize-o. Isto é semelhante a colocar o alimento da fé na despensa de sua mente. Durante todo o dia, você pode ir lá e comer uma porção daquele bocado. Pode ser algo tão simples como: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hebreus 13.5). Pegue-o e mastigue-o a cada hora. A nutrição alimentará a sua fé, e esta se tornará forte. Você orará por frutos, e estes surgirão.





APRECIANDO A VERDADE EM BENEFÍCIO DO AMOR

PENSANDO SOBRE O OBSCURECIMENTO
DA VERDADE PARA OBTER TRIUNFO

Joel Belz, o principal executivo da revista *World*, escreveu: “Existe em nossos dias uma suposição perversa... predominante entre os evangélicos, de que os sentimentos, as atitudes e os relacionamentos são mais importantes do que a verdade. A unidade é uma prioridade mais elevada do que a ortodoxia. A divisão, ainda que por amor à verdade, é a mais ofensiva das heresias” (Semanas de 12-19 de julho de 1997, p. 5).

Talvez a palavra “perversa” necessite de qualificação. Não entendo as palavras de Belz no sentido de que todos os que valorizam a unidade têm motivos perversos. Também não o entendo como que dizendo que sempre é perverso ter falta de entendimento involuntário que nos impede de perceber que, por trás de um problema de relacionamento, há uma questão concernente à verdade. O que é perverso é obscurecer intencionalmente uma afirmação da verdade, por desviar a atenção a uma atitude, ou a um estilo, ou a um sentimento, ou a um motivo. Isto é o que parece comum hoje.

Por exemplo, talvez você diga: “A nudez, como uma forma de entretenimento, é contrária à vontade de Deus concernente à modéstia, porque deixa de tratar o corpo como um patrimônio sagrado que deve ser usado para a glória de Deus”. Esta é uma afirmação da verdade. Exorta as pessoas a levarem em conta uma realidade objetiva chamada “a vontade de Deus”. Pede às pessoas

que considerem esta afirmação e formem um julgamento sobre a sua verdade. Além disso, ela traz consigo implicações a respeito do tipo de entretenimento que alguém aprovará ou a respeito da maneira como gastará o seu tempo.

No que concerne à verdade, alguém pode responder: “Concordo”. Ou: “Não concordo, porque não creio que Deus existe; por isso, não acho que você possa falar com legitimidade sobre a vontade dEle”. Ou: “Acho que Deus se deleita no corpo que Ele criou e não desaprova a nudez como forma de entretenimento”. Todas estas respostas se referem ao nível da afirmação da verdade. Razões podem ser apresentadas de ambos os lados, e o diálogo pode continuar. Talvez aconteça alguma persuasão ou mudança de pensamento.

Mas isso não é o que acontece sempre. O que ocorre com mais frequência é uma estratégia verbal que desvia atenção da afirmação da verdade para uma atitude que anula astuciosamente a verdade para ouvintes não dados à reflexão. Por exemplo, uma resposta pode ser: “Lamento que você não possa lidar com sua própria sexualidade e tenha de lançar sobre os outros os seus sentimentos de vergonha”. Ou: “Vida longa para o pudor vitoriano!” Ou: “Considerando que existem oitenta mil refugiados no Zaire, seria imaturidade de nossa parte nos preocuparmos com questões morais relacionadas ao comprimento de saias”. Ou: “Moralistas conservadores, que citam reiteradamente a Bíblia e usam seus textos como prova, não entendem a natureza da arte e nunca farão qualquer contribuição significativa para a cultura”. Ou: “Por trás da escrupulosa inquietação acerca do corpo humano, podemos encontrar uma juventude reprimida e uma mãe puritana”. Ou: “É o cúmulo da arrogância alguém vestir a sua própria moralidade com os absolutos divinos”.

Todas estas respostas ignoram a verdade. São evasivas. Expressam o modo como as pessoas astutas “vencem”, por criticarem os outros, usando rótulos. Isto é o que Joel Belz chama de “perverso”.

Minha súplica em favor da igreja é que ela coloque a verdade e o amor (a ortodoxia e a unidade, os fatos e os sentimentos, a realidade e os relacionamentos) na ordem bíblica. Por exemplo, Paulo disse em 1 Timóteo 1.5: “Ora, o intuito da presente *admoestação* visa ao *amor* que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia”. Observe a ordem: a instrução é o alicerce e leva ao amor, por meio da pureza e da fé. Ou considere, mais uma vez, a ordem em 1 Pedro 1.22: “Tendo purificado a vossa alma,

pela vossa obediência à *verdade*, tendo em vista o *amor* fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente”. Novamente, a verdade precede o amor e transforma a alma em benefício do amor. Até na revelação espetacular de 1 João 4.8 — “Deus é amor” —, “Deus *é*” provê o fundamento para “Deus é *amor*”.

Não seja enganado por esta falsa dicotomia. A verdade e o amor não estão em desacordo. Pelo contrário, por causa do amor, aprecie a verdade. Permita que este amor pela verdade e a verdade pelo amor governem sua linguagem da maneira como governavam a linguagem de Paulo. “Não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2 Coríntios 2.17). “Não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (2 Coríntios 4.2). Tenha em mente a verdade sobre a qual você está falando, “na presença de Deus”, e sua linguagem será uma serva do amor.





COMO UM ÚNICO PECADO NOS TORNA CULPADOS DE TODA A LEI?

GRAUS DE CULPA DIANTE DE DEUS

MEDITAÇÃO SOBRE TIAGO 2.10-11

*Pois qualquer que guarda toda a lei,
mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos.
Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou:
Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas,
vens a ser transgressor da lei.*

Talvez você já tenha escutado alguém argumentar que não existe um pecado do pior do que outro, porque todo pecado nos torna culpados de quebrar toda a Lei. Ou talvez já o tenha ouvido em outras palavras: nenhum pecado é pior do que outro, porque todo pecado é uma ofensa contra um Deus infinitamente santo; portanto, todo pecado é digno de punição eterna. Temos de ser cuidadosos neste ponto. O raciocínio que está por trás destas afirmações pode ser bem intencionado, mas está biblicamente distorcido.

O primeiro problema desta maneira de pensar é o que os ensinamentos de Jesus indicam o contrário. Parece que Jesus não suportava a idéia de que toda culpa é igual à outra, porque todos os pecados são igualmente detestáveis. Pelo contrário, há graus de culpa e de severidade no julgamento. Por exem-

plo, Jesus contou uma parábola que terminava assim: “Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” (Lucas 12.47-48).

Jesus também ensinou que no Dia do Juízo há maiores e menores graus de miséria: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá *menos rigor* para Tiro e Sidom do que para vós outras” (Mateus 11.21-22). “Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que *menos rigor* haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade” (Mateus 10.14-15).

No entanto, embora Jesus tenha ensinado que haverá maiores e menores graus de culpa e miséria no Juízo, temos de abordar o texto que é mais freqüentemente usado para apoiar o argumento de que todos os pecados são iguais, visto que nos tornam culpados em relação a toda a Lei. O texto é Tiago 2.10-11: “Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei”.

Observe com atenção: Tiago disse realmente que desobedecer a um mandamento nos torna culpados de todos. Mas ele não disse que isso significa que um pecado é pior do que o outro. Então, o que ele estava ensinando?

Suponha que você evite cinco atos de desobediência: furtar, matar, mentir, praguejar, adulterar, mas pratica a cobiça ou a lascívia. Depois, suponha que você é apanhado e trazido à prestação de contas, sentindo-se encurralado. Talvez você se defenda declarando: “Bem, não sou tão mau, porque há outros cinco mandamentos que eu obedeci e falhei apenas neste”.

Tiago parece estar respondendo a esse tipo de raciocínio. Ele disse que você não está realmente obedecendo àqueles cinco mandamentos. Por quê? Porque o mesmo Deus que lhe diz para não cometer aqueles cinco atos também lhe

diz que não cobice ou pratique a lascívia. Portanto, você conhece a vontade de Deus nesta questão da cobiça ou lascívia, mas diz não à vontade dEle e segue o seu próprio desejo, que é contrário a essa vontade. O que isso lhe diz a respeito da obediência que você alega ter para com os outros mandamentos?

Você pode amar, confiar e se submeter a Deus com um Ser puro e, apesar disso, desconfiar da sabedoria e bondade dEle em algo que Ele diz (e isto é desobediência)? Você pode realmente dizer que seu coração é obediente, quando você rejeita conscientemente o conselho de Deus em uma área, ainda que exteriormente aja de acordo com os outros mandamentos?

A verdadeira obediência a Deus (não somente a lista de leis) significa mais do que desempenho exterior que pode ser avaliado em porcentagem (como: obedeceu 80%). Pelo contrário, a verdadeira obediência deve ser moldada a um ponto em que nos deleitamos em fazer a vontade de Deus nos diferentes níveis. Deleitamo-nos na vontade dEle como a expressão excelente de sua sabedoria, justiça e amor. Temos prazer na comunhão pessoal e íntima com Deus como nosso Guia; e perderíamos isso por um tempo, se agíssemos de modo contrário ao conselho dEle. Alegramo-nos com o dom divino de uma consciência pura. Deleitamo-nos na aprovação de Deus. Temos prazer em Deus mesmo, a Quem vemos com mais clareza quando andamos em comunhão e obediência permanentes. Deleita-nos na perspectiva da segurança e esperança constantes; essa perspectiva é enfraquecida e ameaçada, se nos afastamos gradualmente dEle, por meio de desobediência insensata.

O principal ensino de Tiago parece ser o de que fazer voluntariamente a nossa própria vontade em uma área, enquanto reivindicamos fazer a vontade de Deus em outras áreas, é uma maneira errônea e autojustificadora de encarar a vontade dEle. Como disse Alfred Plummer: “Percebermos a nós mesmos justificando uma transgressão nesta área, com o argumento de obediência em outras áreas, deveria produzir imediatamente a convicção de que todo o princípio de nossa vida deve estar defeituoso. Nos termos mais insignificantes, nosso alvo não é obedecer a Deus, ou amá-Lo, e sim ir ao céu e, pelo menos, escapar do inferno” (*The Expositor's Bible*, v. 6, New York: George H. Doran Co., p. 588).

Ó Senhor, quão vis podemos ser! Nosso coração é enganoso, e logo procuramos razões para crer que nossa desobediência não é algo tão grave. Humilha-nos diante da verdade de que há um Juiz e um Deus cuja comunhão

e o gozo paternal são mais preciosos do que todos os prazeres do pecado. Não permitas que percamos esta riqueza, ainda que por um minuto, enquanto justificamos nosso pecado por imaginarmos que ele é insignificante, parcial e cercado por outras boas realizações.





O PERIGO DE NEGAR A PRESCIÊNCIA DE DEUS ACERCA DAS ESCOLHAS DOS HOMENS

DETERIORANDO A NOVA ALIANÇA

Um dos ensinamentos falsos mais antigos que ressurgem periodicamente, na história da igreja, é o ensino de que Deus não pode saber de antemão as escolhas responsáveis dos homens. A argumentação é esta: as escolhas são livres, e “livres” significa criadas pela própria pessoa, e “criadas pela própria pessoa” significa fora da capacidade de conhecimento, antes de as escolhas serem criadas. Nem mesmo Deus pode conhecer o “nada”. E “nada” é o que as escolhas são antes de serem criadas.

As pressuposições filosóficas nesta argumentação são: 1) liberdade significa capacidade de criar por si mesmo; 2) as escolhas humanas são livres neste sentido; 3) um Deus infinito não pode saber aquilo que ainda não foi criado, e assim por diante. Esse antigo ensino falso parece ser motivado pela filosofia. Não é prescrito pelas Escrituras. Um recente expoente desse antigo erro falou sobre as “mudanças doutrinárias que a lógica exigiu e, conforme creio, as Escrituras me permitiram fazer” (Clark Pinnock, *The Grace of God, the Will of Man: A Case for Arminianism*, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990, p. 18-19 – ênfase acrescentada). Você percebe a ordem: a lógica exige, e as Escrituras permitem. Algo está fora de ordem, quando a ordem é o rei exigente e as Escrituras fornecem o endosso.

Negar a presciência de Deus acerca das escolhas responsáveis dos ho-

mens jamais foi afirmado pela igreja como parte legítima da ortodoxia cristã histórica. Tanto calvinistas como arminianos têm afirmado, historicamente, a presciência exaustiva e específica de Deus. João Calvino escreveu: “[Deus] prevê os acontecimentos futuros somente devido ao fato de que Ele já decretou que eles aconteçam” (*Institutes of the Christian Religion*, III, 23, 6). Jacobus Arminius escreveu: “[Deus] sabia desde a eternidade que pessoa criaria... e que pessoa perseveraria mediante a graça subsequente” (Carl Bangs, *Arminius*, Nashville: Abingdon Press, 1971, p. 219, 352). Negar a presciência de Deus a respeito das escolhas humanas não tem sido uma parte da ortodoxia cristã.

Entre as muitas razões para evitar esse erro antigo está o fato de que ele tende a destruir os fundamentos da nova aliança. A nova aliança foi profetizada por Moisés, Jeremias e Ezequiel. Foi inaugurada e adquirida pela morte de Jesus (Lucas 22.20). E Paulo era um ministro da nova aliança (2 Coríntios 3.6).

A essência da nova aliança é que Deus trabalha para que o povo da aliança cumpra as suas condições de fé e obediência. Na antiga aliança da Lei, dada no monte Sinai, a graça foi oferecida (Êxodo 34.6-7) e a obediência que procede da fé foi exigida. Mas para a maioria das pessoas não foi dada a graça transformadora. “O SENHOR não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje” (Deuteronômio 29.4).

Na nova aliança, a promessa é: “O SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração... para amares o SENHOR, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas” (Deuteronômio 30.6). “Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem... Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardéis os meus juízos e os observeis” (Ezequiel 11.19-20; 36.27). “Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei” (Jeremias 31.33). “Porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim” (Jeremias 32.40).

Em outras palavras, a nova aliança é a base de nossa esperança de que — frágeis e instáveis como somos — perseveraremos na fé e seremos salvos. É a base de nossa segurança de que Deus nos guardará “de tropeços” e nos apresentará “com exultação, imaculados diante da sua glória” (Judas 24).

Considere, porém, em que se torna esta precisa esperança da nova alian-

ça, se Deus não conhece de antemão as escolhas responsáveis dos homens. Toda a estrutura da nova aliança se desfaz. O seu fundamento se desintegra. A nova aliança é a promessa de que Deus trabalhará para garantir a santidade de seu povo. Isso significa que Ele produzirá escolhas santas em seu povo. Ele está agindo em nós para querermos e realizarmos a sua boa vontade. Deus está trabalhando para produzir em nós “o que é agradável diante dele” (Hebreus 13.21; Filipenses 2.13). Mas aquele antigo erro destrói esta esperança, por dizer que Deus não pode fazer isso, pois, se o fizesse, conheceria antecipadamente nossas escolhas, o que, conforme é afirmado, Ele não pode conhecer.

Portanto, visto que nossa salvação final depende do cumprimento das promessas da nova aliança, e visto que o sangue de Jesus obteve o cumprimento dessas promessas, a deterioração da nova aliança é uma injúria à cruz de Cristo e um enfraquecimento da obra do Espírito em nossa vida. Que Deus nos proteja do ressurgimento desse velho erro e nos ajude a valorizar as promessas fortalecedoras e preciosas da nova aliança.





QUÃO DISPENSÁVEL É O GÊNERO?

PRESERVANDO OS PRECIOSOS E SATISFATÓRIOS
PADRÕES DE DEUS PARA A VIDA

A *Edição de Linguagem Inclusiva*, da Bíblia NVI, publicada na Inglaterra, em 1995, diz no prefácio: “Achamos apropriado silenciar o patriarcalismo da cultura dos escritores bíblicos, por meio de uma linguagem inclusiva de gêneros, quando isso pôde ser feito sem comprometer a mensagem do Espírito” (p. vii). Há duas suposições questionáveis nesta afirmação. Uma é a suposição de que o tipo de patriarcalismo refletido na Bíblia é mau e deve ser silenciado. A outra é que “a mensagem do Espírito” flui independentemente das palavras inspiradas pelo Espírito. Não estou convencido de que qualquer dessas suposições seja verdadeira.

Eis algumas perguntas para considerarmos a respeito deste assunto:

1. Por que Deus é chamado, predominantemente, de nosso Pai, em vez de nossa Mãe ou nosso Parente? (Mateus 6.9)
2. Por que Deus é revelado como Rei e não como Rainha? (Salmos 95.3)
3. Por que Deus criou primeiro o homem e, depois, a mulher? (Gênesis 2.7, 22; 1 Timóteo 2.13)
4. Por que Deus criou a mulher como uma “auxiliadora... idônea” para o homem? (Gênesis 2.18)

5. Por que Satanás direcionou seu esquema de engano a Eva, e não a Adão? (Gênesis 3.1; 1 Timóteo 2.14)
6. Por que Deus chamou primeiramente a Adão para que este explicasse a desobediência do casal? (Gênesis 3.9)
7. Por que Deus outorgou ao homem e à mulher o nome de “homem” (*adam*), que no versículo seguinte é o nome próprio do marido, Adão? (Gênesis 5.2-3)
8. Por que todos os sacerdotes no Antigo Testamento eram homens? (Êxodo 39.41)
9. Por que as genealogias da Bíblia são quase totalmente patriarcais? (Gênesis 5; Mateus 1.1-16)
10. Por que a Segunda Pessoa da Trindade encarnou como homem? (Lucas 2.7)
11. Por que João resolveu usar um pronome masculino para se referir ao Espírito Santo? (João 16.7-8)
12. Por que Jesus escolheu somente homens para serem apóstolos? (Mateus 10.2-4)
13. Por que Paulo não permitiu que uma mulher ensinasse ou tivesse autoridade sobre os homens? (1 Timóteo 2.12)
14. Por que Paulo usava o termo “irmãos”, quando se dirigia às igrejas? (Romanos 1.13)
15. Por que todos os crentes são chamados “filhos de Deus”, embora em Cristo não haja “nem homem nem mulher”? (Gálatas 3.26, 28)
16. Por que o marido é chamado o cabeça de sua mulher? (Efésios 5.23)
17. Por que a mulher é exortada a submeter-se ao marido? (Efésios 5.24)
18. Na comparação de Cristo e a igreja, por que o marido é comparado a Cristo, e a mulher, à igreja? (Efésios 5.24-25)
19. Por que Paulo diz que o homem é o cabeça da mulher? (1 Coríntios 11.3)
20. Por que Paulo disse: “O homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem”? (1 Coríntios 11.8)
21. Por que ele disse: “Também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem”? (1 Coríntios 11.9)
22. Por que Paulo moveu-se da honra aos pais e mães, para dirigir-se aos

homens em particular — “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira”? (Efésios 6.4)

23. Por que a Bíblia se refere, repetidas vezes, aos nossos antepassados crentes chamando-os de “pais”? (Hebreus 1.1; 3.9; 8.9; 2 Pedro 3.4)
24. Por que João diz que escreveu aos pais e aos jovens? (1 João 2.13-14)
25. Por que a Bíblia usa freqüentemente o genérico “ele”, mas nunca usa o genérico “ela”? (Apocalipse 3.20; João 14.23)
26. Por que Paulo exorta toda a igreja a portar-se como homens maduros? (No grego, *andrizesthe* — 1 Coríntios 16.13.)

A resposta para essas perguntas não é más notícias para as mulheres. Deus é um Deus de infinita sabedoria e amor. As suas idéias quanto a macho e fêmea são as melhores e mais satisfatórias do universo. A sua visão da feliz complementariedade da masculinidade e feminilidade é uma visão gloriosa. O pecado tem distorcido essa visão, desde a Queda, e a graça está redimindo-a, mas não descartando-a. A Bíblia transforma a supremacia masculina, mas não a rejeita.

Então, qual é a resposta para essas vinte e seis perguntas? Uma resposta inclusiva e abrangente diria assim: devido ao fato de que o homem e a mulher são igualmente valiosos na imagem de Deus e enquanto ambos têm papéis fundamentais e satisfatórios no drama da vida humana, que exalta a Deus, o homem possui uma responsabilidade primária (não isolada) de liderança, proteção e provisão na raça humana. Por essa razão, os homens têm um papel representativo no que concerne à prestação de contas (Gênesis 3.9; Romanos 5.12-14). Esta chamada singular é uma *responsabilidade* que se expressa em amor sacrificial, e não em um *direito* de subjugar com poder dominante. Onde essa responsabilidade é abraçada com coragem servil que honra a Cristo e apoiada por mulheres que têm alegria plena de fé, ousada e inteligente, ali prevalece a melhor harmonia entre um homem e uma mulher.





FAZENDO A DIFERENÇA PELO ZELO

“QUE FAZES AQUI...?”

“TENHO SIDO ZELOSO PELO SENHOR, DEUS DOS EXÉRCITOS.”

1 REIS 19.9-10, 13-14

Você já orou palavras como estas: “Senhor, permita-me fazer, para a tua glória, uma diferença totalmente desproporcional a quem eu sou”? Essa foi a oração que escrevi na margem de um livro recente, ao lado de uma citação de David Brainerd. Você lembra que Brainerd foi um missionário que ministrou aos índios da Nova Inglaterra, 250 anos atrás. Ele escreveu:

Oh! que eu seja uma labareda de fogo no serviço do Senhor! Eis me aqui, Senhor, envia-me a mim! Envia-me aos confins da terra... envia-me de tudo o que chamamos conforto terreno; envia-me até à própria morte, se isso fizer parte de teu serviço e da promoção do teu Reino.

Brainerd fez, para a glória de Deus, uma diferença totalmente desproporcional a quem ele era. Brainerd era um missionário ignorado na Nova Inglaterra. Morreu aos vinte e nove anos de idade. Não era muito conhecido. Era extremamente vulnerável à depressão. Mas sua vida inspirou o movimento missionário protestante moderno, talvez mais do que qualquer outra pessoa, desde a época dos apóstolos. Por quê?

Uma das razões é que Brainerd era completamente *inflamado por Deus*. O

grande pastor e teólogo Jonathan Edwards percebeu o zelo de Brainerd e o conhecimento em que esse zelo estava arraigado, bem como a obediência que tal zelo produziu; e foi levado por Deus a colocar na forma de livro os cinco anos da breve carreira missionária de Brainerd. Esse livro e a vida de Brainerd têm mudado muitas pessoas. É admirável o que Deus pode fazer por meio de uma vida breve, porém zelosa por sua glória. O impacto pode ser desproporcional ao que a pessoa é.

Espero que milhares de crentes orarão: “Senhor, permita-me fazer, para a tua glória, uma diferença totalmente desproporcional a quem eu sou”. Essa é uma oração que os chamados “ninguém” do mundo podem fazer sem temor de presunção. Essa forma de oração contém uma renúncia: “Senhor, eu não sou grande, mas tu és grande em extremo. Em tua admirável soberania, tu podes levar minha vida insignificante a fazer uma diferença que vai muito além de todas as minhas capacidades”.

Mas, qual é o segredo de fazer a diferença para a glória de Deus? Não é um zelo intenso por Deus, um zelo saturado com a verdade? Deus perguntou duas vezes a Elias, na caverna do monte Horebe: “Que fazes aqui?” Elias respondeu duas vezes: “Tenho sido em extremo zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos” (1 Reis 19.9-10, 13-14). Paixão pela glória de Deus é o segredo para fazermos uma diferença completamente fora de proporção ao que somos. Isso não é prerrogativa do velho ou do novo, do inteligente ou do simples, de homens ou mulheres. Essa paixão pode inflamar o coração de qualquer crente. Desejamos isso com suficiência, a ponto de buscá-lo.

Resulta da imersão nas Escrituras, com oração. Em Lucas 24.32, os discípulos que haviam conversado com Jesus na estrada de Emaús disseram: “Porventura, não nos *ardia* o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as *Escrituras*?” O fogo do zelo pelo Senhor resulta da exposição das Escrituras na conversa com Jesus (ou seja, na oração encharcada com as Escrituras).

Pergunta: se você não arde com o zelo pelo qual anela, está disposto a fazer algumas experiências com alta dosagem de meditação demorada nas Escrituras, direcionada por oração? Sendo bastante honesto, há em minha própria vida uma correspondência íntima entre a quantidade de tempo em que medito, com oração, nas Escrituras e a intensidade de meu zelo por Deus.

Sem doses profundas e amplas da Palavra de Deus, sou bem vulnerável às inclinações mundanas. Uma igreja na Coréia espera que seus membros leiam cinco capítulos da Bíblia todos os dias e que seu pastor leia vinte capítulos. A pergunta é: se você quer o ardor dos discípulos de Emaús e o zelo de Brainerd, está disposto a fazer experiências sérias?

Estou orando que milhares de leitores deste livro *inflamem-se* pela glória de Deus. E orem comigo: “Senhor, concede-me fazer, para a tua glória, uma diferença totalmente desproporcional a quem eu sou?”





ALGUMAS PERGUNTAS A FAZER QUANDO SE CONSIDERA UMA OPORTUNIDADE DE TRABALHO

PONDERANDO A VOWÇÃO COMO UM SERVIÇO PARA CRISTO

A liberdade de escolher sua própria vocação é uma novidade histórica. Até épocas recentes, se você era um filho, e o seu pai, um fazendeiro, um ferreiro, um sapateiro ou um padeiro, era quase certo que você também o seria. Se você era uma filha, era quase certo que você seria uma dona de casa ou sócia dos negócios centralizados na família. As escolhas eram poucas. E uma leitura como esta seria quase ininteligível.

Hoje, poucos filhos admitem que seguirão a vocação de seus pais. E as filhas têm um amplo escopo de carreiras que podem seguir, junto a ou em vez de seguirem a tradicional carreira de dona de casa. Não somente isso, mudanças no meio da carreira são comuns. Isso significa que as crises de escolher uma vocação ocorrem não somente uma vez, mas diversas vezes para muitas pessoas.

Uma das coisas que aprecio fazer como pastor é plantar constantemente as sementes do Reino. Retrato a minha pregação como o pegar árvores pelo tronco e movê-las para frente e para trás, para afrouxar as raízes. Minha idéia é que isso resultará em que as raízes da vida das pessoas, na vocação em que estiverem, se aprofundarão mais na vontade de Deus, ou resultará em que serão arrancadas e plantadas em uma vocação diferente, para que sejam mais frutíferas no reino de Deus. Não desejo que os membros de minha igreja apenas assumam um trabalho ou sejam bem sucedidos em seu trabalho sem qualquer senso de chamada

ou de importância para a supremacia de Deus no que eles fazem.

Por isso, preparei algumas perguntas para eles na esperança de que serão estimulados a encontrarem trabalho e fazerem-no conforme disse Paulo: “Não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus” (Efésios 6.6).

1. *Posso fazer todas as parte deste trabalho “para a glória de Deus”, ou seja, de um modo que O ressalta como mais importante do que todas as outras coisas? (“Quer comais, quer bebaís ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” — 1 Coríntios 10.31.)*
2. *Assumir este trabalho é uma estratégia para eu crescer em santidade pessoal? (“Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos absteinhais da prostituição — 1 Tessalonicenses 4.3.)*
3. *Este trabalho promoverá ou impedirá o meu progresso na apreciação do valor de conhecer a Cristo Jesus, meu Senhor? (“Considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” — Filipenses 3.8.)*
4. *Este trabalho resultará em pressões inapropriadas que me farão pensar, sentir e agir contra meu Rei, Jesus? (“Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens” — 1 Coríntios 7.23.)*
5. *Este trabalho me ajudará a estabelecer um padrão de vida geral que produzirá um envolvimento significativo em cumprir o grande propósito de exaltar a Cristo entre todas as pessoas ainda não evangelizadas do mundo? (“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” — Mateus 28.18-20.)*
6. *Este trabalho será digno de minhas melhores energias? (“Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” — Eclesiastes 9.10.)*

7. *As atividades e o ambiente deste trabalho tenderão a moldar-me ou serei capaz de moldá-los para cumprir o propósito de exaltar a Cristo? (“Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” — Romanos 12.2.)*
8. *Este trabalho me dará ocasião de ser um crente comprometido, de modo que minha luz resplandeça para a glória de Deus, ou a minha participação na visão da empresa tenderá a apagar o meu pavio? (“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” — Mateus 5.16.)*
9. *O alvo deste trabalho é coerente com o meu desejo crescente de ser frutífero e publicamente dedicado a Cristo, não importando o custo? “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos 8.34.)*
10. *Este trabalho parecerá um bom investimento de minha vida, quando este vapor de preparação para a eternidade se acabar? (“Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa” — Tiago 4.14.)*
11. *Este trabalho se harmoniza com aquilo que creio sobre o motivo por que fui criado e comprado por Cristo? (“A todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória” — Isaías 43.7; “Fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” — 1 Coríntios 6.20.)*
12. *Este trabalho se harmoniza com a verdade crucial de que todas as coisas existem para Cristo? (“Tudo foi criado por meio dele e para ele” — Colossenses 1.16.)*





SOBERANIA AGRADÁVEL E SEGURANÇA DE SALVAÇÃO

O QUE PODE SER MAIS AGRADÁVEL DO QUE SER
“GUARDADO PELO PODER DE DEUS”?

Quando entendemos corretamente a soberania de Deus, todas as outras coisas ficam mais claras. Errar neste aspecto levará a erros em outros aspectos inesperados. Oh! como eu rogo a Deus que nos dê clareza, convicção e gozo em nossa visão da absoluta soberania dEle sobre as nossas vidas frágeis e instáveis!

Considere, por exemplo, o assunto da segurança, da eterna segurança e da possibilidade de afastar-se de Cristo. Certo domingo, abordei no sermão o texto solene de Hebreus 6.4-8. Esse texto diz que você pode ter sido iluminado, haver provado o dom celestial, se tornado participante do Espírito Santo, experimentado a boa Palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro e, depois, apostatar e se perder.

Em vez de afirmar que você pode perder a sua salvação, eu disse que o significado desse texto de Hebreus é quase chocante, ou seja, que você pode ter experimentado todas essas coisas (iluminação, o Espírito Santo, a Palavra de Deus e milagres) e *nunca ter sido salvo*! Isto é chocante porque significa que as pessoas podem estar enganadas em pensar que são crentes, quando não o são.

O texto e a mensagem suscitam o assunto da segurança. Como podemos estar certos de que perseveraremos até ao final e não cairemos, tornando-nos como Esaú que tentou retornar, mas não pôde arrepender-se (Hebreus 12.16-

17). Este é o ponto em que a soberania de Deus se torna tão crucial.

O livro de Hebreus se regozija em uma nova e melhor aliança que Deus estabeleceu por meio do sangue de Cristo, com todo o seu povo. A antiga aliança, feita no monte Sinai, era vulnerável à fraqueza das pessoas (Romanos 8.3). Hebreus 8.9 diz: “Eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor”. Mas a nova aliança é sobremodo diferente, visto que ela *não* é vulnerável à nossa fraqueza. Pelo contrário, ela nos garante que a soberania de Deus vencerá a nossa fraqueza e nos impedirá de quebrar a aliança.

Hebreus 8.10 afirma: “Esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: *na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei*; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Em outras palavras, Deus não somente nos dirá o que temos de fazer, mas também cuidará para que o façamos, por agir em nós. Isto é o que Hebreus 13.21 diz a respeito da nova aliança: “[Deus] vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, *operando em vós o que é agradável diante dele*, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre”. Isto é uma ação da soberania de Deus, santificadora, preservadora e salvadora. É mais doce do que o mel para a alma desanimada.

Na nova aliança, nossa segurança descansa firmemente na soberania de Deus sobre a nossa tendência ao tropeço. Sabemos que não cairemos porque esta é uma promessa da nova aliança selada com o sangue de Jesus. Por exemplo, em Jeremias 32.40, Deus promete: “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim”. Se me perguntarem como sei que amanhã ainda creerei em Cristo, minha resposta não será que isso acontecerá porque sou uma pessoa disciplinada, ou que sempre termino o que começo, ou que minha vontade é digna de confiança, ou que os benefícios excedem os custos, ou que minha igreja ora por mim. Minha resposta será: Cristo derramou seu sangue como preço da nova aliança (Lucas 22.20), e nesta aliança Deus promete: “Eles não se apartarão de mim”. A soberania e a graça de Deus sobre a minha vontade instável é minha única esperança de perseverar até ao final.

Esta é a realidade mais agradável da soberania de Deus. Espero que você a entenda, creia e exulte na segurança e no gozo dessa realidade. O que pode ser mais agradável do que ser guardado por Deus” (1 Pedro 1.5).





MAIS, MAIS, MAIS

DEZESSETE ASPECTOS DA INSATISFAÇÃO SANTA

Uma das marcas da autenticidade cristã é a insatisfação com qualquer coisa menos do que “toda a plenitude de Deus” (Efésios 3.19). *Desfrutar a vida sem compromisso não é discipulado. Flutuar no rio de auto-satisfação não é o mesmo que banhar-se ao sol na piscina da segurança; antes, é prosseguir dormente em direção às cataratas. “Importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos” (Hebreus 2.1).*

Existe um descontentamento santo. Não é uma incerteza aflitiva a respeito de nossa posição diante de Deus. É o apetite crescente daqueles que têm experimentado e visto que o Senhor é bom (1 Pedro 2.2-3). É a busca daqueles que têm sido buscados e cativados pelos fortes braços do amor. “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas *prossigo* para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus” (Filipenses 3.12).

Portanto, as passagens bíblicas que apresento em seguida são uma maneira de despertarmos nossa alma dormente, a fim de sentir uma pura e santa insatisfação, e de estimular-nos a buscar “toda a plenitude de Deus”.

- “Cresci na graça”; “Ele dá maior graça” (2 Pedro 3.18, Tiago 4.6).
- “Não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno

conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus"; "Crescei... no *conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*" (Colossenses 1.9-10, 2 Pedro 3.18).

- "Aumenta-nos a *fé*"; "Cumpre-nos dar sempre graças a Deus... pois a vossa *fé* cresce sobremaneira"; "Tendo esperança de que, crescendo a vossa *fé*" (Lucas 17.5; 2 Tessalonicenses 1.3; 2 Coríntios 10.15).
- "E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de *esperança* no poder do Espírito Santo" (Romanos 15.13).
- "E o Senhor vos faça crescer e aumentar no *amor* uns para com os outros e para com todos" (1 Tessalonicenses 3.12; 4.10; 2 Tessalonicenses 1.3; Filipenses 1.9).
- "Como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis... *agradar a Deus*... continueis progredindo cada vez mais" (1 Tessalonicenses 4.1).
- "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de *glória em glória*, na *sua própria imagem*, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Coríntios 3.18).
- "Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa *santidade* no temor de Deus" (2 Coríntios 7.1).
- "[Deus] multiplicará os frutos da vossa *justiça*"; "Se a vossa *justiça* não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus" (2 Coríntios 9.10; Mateus 5.20).
- "Sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes *na obra do Senhor*" (1 Coríntios 15.58; 2 Coríntios 9.8).

- “Enchei-vos do *Espírito*” (Efésios 5.18).
- “A *palavra do Senhor* crescia e se multiplicava” (Atos 12.24; 6.7).
- “Em Jerusalém, se multiplicava o *número dos discípulos*”; “Fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o *maior número possível*”; “As igrejas... dia a dia, *aumentavam em número* (Atos 6.7; 1 Coríntios 9.19; Atos 16.5).
- “Visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, *para a edificação da igreja*” (1 Coríntios 14.12).
- “Como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele... crescendo em *ações de graças*”; “Dando sempre *graças* por tudo a nosso Deus e Pai” (Colossenses 2.6-7; Efésios 5.20; 2 Coríntios 4.15).
- “Seguindo a verdade em amor, cresçamos *em tudo* naquele que é a cabeça, Cristo” (Efésios 4.15).
- “Sede vós *perfeitos* como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mateus 5.48; Filipenses 3.12).

Pai, sentimos nossa tendência de seguir o curso deste mundo, quando deveríamos estar avançando em direção contrária. Ó Deus, tem misericórdia de nós e desperta-nos novamente para os perigos de sermos indiferentes na vida cristã. Ajuda-nos a atentar a Hebreus 2.1: “Importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos”. Ai daqueles que seguem o curso de um mundo em que toda a correnteza se encaminha para a destruição! Faze-nos ver e sentir que não somente a vida, mas também a alegria, está no “bom combate” que só terminará no descanso final.





“FINALMENTE, IRMÃOS, ORAI POR NÓS”

UM APELO EM FAVOR DOS PASTORES

O apóstolo Paulo fez um apelo claro e direto à igreja de Tessalônica: “Irmãos, orai por nós” (2 Tessalonicenses 3.1). Aprecio a simplicidade desse apelo. Foi proferido de forma emocionalmente branda. Você conhece a profunda necessidade que este apóstolo tinha da ajuda de Deus? “Em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez” (2 Coríntios 11.26-27).

Nós a percebemos, com mais veemência, em Romanos 15.30: “Luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor”. Temos aqui um grande homem. Ele possui grandes dons e experiências com Deus. É muitíssimo inteligente; é um valoroso guerreiro espiritual. É um instrumento escolhido por Deus. No entanto, faz um apelo por oração: “Orem por mim. Lutem comigo nas orações a Deus a meu favor”.

Por quê? Há duas razões:

1. Porque as coisas mais importantes no ministério cristão não podem ser realizadas pelo homem que confia em si mesmo.
 - “Não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre *aquelas que Cristo fez por meu intermédio*, para conduzir os gentios à obediência” (Romanos 15.18).
 - “Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Coríntios 15.10).
 - “Se alguém serve, faça-o *na força que Deus supre*, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo” (1 Pedro 4.11).
 - “Ora, o Deus da paz... vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, *operando em vós o que é agradável diante dele*, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre” (Hebreus 13.20-21).
2. Porque Deus estabeleceu o mundo de tal modo que a transformação moral e os triunfos no ministério ocorrem por meio da oração:
 - a) transformação moral:
 - “E também faço esta oração: *que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção*” (Filipenses 1.9).
 - “Não cessamos de orar por vós... *a fim de viverdes de modo digno do Senhor... frutificando em toda boa obra*” (Colossenses 1.9-10).
 - “Orai, para que não entreis em tentação” (Lucas 22.40).
 - b) triunfos no ministério:
 - “Luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, *para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos*” (Romanos 15.30-31).

- “Orai por nós, *para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada*” (2 Tessalonicenses 3.1).
- “Também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, *para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho*” (Efésios 6.19).
- “*Suplicai*, ao mesmo tempo, também *por nós*, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado; *para que eu o manifeste, como devo fazer*” (Colossenses 4.3-4).

Falo em benefício de milhares de pastores. Pedimos humildemente: ore por nós. Que estes versículos sejam o seu guia. Imagine o que Deus pode fazer! Sonhe com os efeitos contagiantes em nosso país — durante muitas décadas. “Finalmente, irmãos, orai por nós.”





SENDO AMADO E SENDO ODIADO

CONSIDERAÇÃO SOBRE O LADO OSCURO DE MISSÕES

Procurarei ser sensível na maneira como descreverei esta história — alguns nomes e detalhes foram mudados para proteger o inocente. Esta história chegou a mim por um e-mail que recebi depois de falar em outro Estado.

Havia terminado minha segunda palestra àquele grupo, enfatizando a soberania de Deus no sofrimento e mesmo no martírio. Uma das mulheres presentes àquela conferência (eu a chamo de Mary) descobriu que uma de suas amigas (eu a chamo Raquel), que ela não encontrava havia dez anos, estava hospedada numa casa próxima ao lugar da conferência. Elas se reencontraram. Raquel disse que dez anos antes, quando seguiram caminhos diferentes, ela se mudara para a França (vamos dizer), encontrara e se casara com um ex-muçulmano (eu o chamo de Ahmed), convertido a Cristo. Haviam retornado da França fazia três anos.

Neste ano, uma semana antes da conferência em que eu estava pregando, Ahmed retornou à sua terra natal, no Norte da África, para tratar de questões familiares. Levou consigo secretamente algumas Bíblias para os crentes. Abreviando uma história complicada, Ahmed foi descoberto, preso e torturado. Mary enviou-me um e-mail e disse: “O julgamento dele é hoje; e, se for declarado culpado, será executado”. Enquanto escrevo esta meditação, a perspectiva é mais positiva. Contudo, isto não é o mais importante.

O mais importante é o que ela disse a respeito de Raquel durante aquela crise. Mary disse que Raquel era um exemplo vivo de fé no cuidado soberano de Deus, enquanto esperava o resultado do julgamento de seu esposo, estan-

do distante 5.000 quilômetros. Suas palavras foram: “Ela está proclamando a soberania de Deus apenas com seu comportamento. Sinto-me tão humilhada quando a vejo atravessar esta situação, observando que não me pareço com ela. No entanto, por sua graça, Deus está me mudando, para que eu O glorifique por meio das provas que Ele determinou que eu e minha família passemos”.

Por que contar esta história? Por que estou orando que Deus, por meio das meditações deste livro, levante crentes como Raquel e Ahmed. Ó Deus, dá-nos homens e mulheres que considerem tudo como perda em troca do supremo valor de disseminar uma paixão por tua supremacia, para a alegria dos povos ainda não alcançados. Senhor, levanta crentes dedicados que conheçam o “lado obscuro de missões” e o considerem o maior gozo.

O que significa “lado obscuro”? Bem, pense na expressão “todas as nações” (no grego, *panta ta ethne*). Geralmente pensamos nesta frase em conexão com a Grande Comissão, apresentada em Mateus 28.19: “Ide, portanto, fazei discípulos de *todas as nações*”. Mas há outro uso desta expressão em Mateus 24.9: “Sereis odiados de *todas as nações*, por causa do meu nome”. Este é o lado obscuro de missões. O ódio será tão disseminado quanto a colheita.

Diante dessa realidade, que o Senhor levante crentes dedicados que estão dispostos não somente a amarem as nações, mas também a serem odiados por elas. Foi assim que Jesus cumpriu sua missão. Essa é a única maneira de realizarmos a nossa missão. Jesus disse: “Se o mundo vos odeia, sabe que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (João 15.18-19).

Ore comigo, pedindo a Deus que milhares de crentes atenderão à chamada de serem odiados por amor aos outros. Se o motivo que o impulsiona é ser amado e apreciado, você achará muito difícil ser um crente, especialmente um crente-missionário. Os missionários são pessoas que decidiram que serem amadas por Deus é o suficiente para capacitá-los a amar. Não precisamos ser amados pelos outros. Sim, isso parece bom, mas não é essencial. Amar, e não ser amado, é o essencial.

Ó Senhor, põe o teu Espírito de amor no coração de milhares de crentes, por amor às nações.





ENTRE A RESIGNAÇÃO E O TRIUNFALISMO

ACHANDO O LUGAR SEGURO ENTRE A PRESUNÇÃO E A PARALISIA

Na segunda-feira de manhã, eu estava me deleitando, por alguns minutos, com a leitura de *Santidade, Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor...* escrito por J. C. Ryle.¹ Li estas palavras:

Todas as coisas estão envelhecendo. O mundo está envelhecendo. Nós mesmos estamos envelhecendo. Mais alguns invernos, mais alguns verões, mais algumas enfermidades, mais algumas aflições, mais alguns casamentos, mais alguns falecimentos, e... o que acontecerá? A grama crescerá sobre os nossos túmulos!

Às vezes, isto é um grande consolo; às vezes, uma grande ameaça. Depende muito da maneira como somos dominados pelas inquietações da vida ou como somos revigorados com os desafios da vida.

Oscilamos entre dois erros: a resignação e o triunfalismo. A resignação possui em si mesma uma verdade, mas não é o caminho de Deus. A brevidade da vida, a obscuridade de nossos labores, a insignificância de nossa influência, a fraqueza de nossas capacidades, os desapontamentos de sonhos frustrados, o deboche incessante de nossa cultura — todas essas coisas nos fazem anelar pelo céu e pelo fim de nossa milícia. Por isso, nos damos à resignação e perde-

mos as energias para a obra que temos às mãos.

O triunfalismo também possui em si mesmo uma verdade, mas também não é o caminho de Deus. Alguns sucessos de nossos labores, ou um encorajamento oportuno de uma pessoa respeitada, ou o surgimento de um movimento correto em algum lugar do mundo, ou a absolvição de um famoso líder cristão, ou a boa avaliação da saúde por parte de um médico, ou uma linda manhã de primavera, ou uma nova amizade — tudo isso pode nos encher com um senso tão grande das possibilidades, desafios e estímulos da vida, que caímos num esquecimento triunfalista de que somos pó. Nossa perspectiva é profundamente limitada; nossa importância no mundo é relativamente pequena; nosso tempo é breve; e a igreja, missões e o reino de Deus são todos capazes de sobreviver, quando morrermos e formos esquecidos.

Nem a resignação nem o triunfalismo é um lugar seguro para vivermos e ministrarmos. Minha oração em favor dos crentes ao redor do mundo e de minha própria igreja é que Deus nos mostre com clareza em que ponto estamos nesta oscilação e que Ele nos mova ao lugar em que devemos estar. E onde é esse lugar? Um lugar de fé profunda em duas verdades bíblicas que se completam:

VERDADE 1. “Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso [quando nosso coração presume grandes planos para o futuro], devíeis dizer [humildemente]: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo” (Tiago 4.14-15).

VERDADE 2. “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos... E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mateus 28.18-20). “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gálatas 6.9).

Entre a presunção e a paralisia — é neste ponto que precisamos aprender a viver. Todos nós tendemos a uma ou a outra destas atitudes. E, em épocas

diferentes de nossa vida, tendemos a extremos diferentes. Os jovens possuem uma tendência, os velhos, outra. Uma cultura se inclina para um lado, e outra cultura, para outro lado. Conheça os seus excessos naturais e exerça pressão para o lado oposto. Deus o ajudará. Ele dá forças e descanso. Ele dá paixão e quietude de alma. “Entrega o teu caminho ao SENHOR, confia nele, e o mais ele fará” (Salmos 37.5).



1 RYLE, J. C., *Santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor*. Editora Fiel, São José dos Campos, SP., 1997.



“SE FEZ POBRE POR AMOR DE VÓS.”

ASSUMINDO NO CORAÇÃO A POBREZA DE JESUS

Se Cristo tivesse evangelizado somente aqueles que eram semelhantes a Ele, ninguém teria sido salvo. Não havia ninguém semelhante a Jesus — e Deus não precisava de evangelização. Portanto, “Jesus Cristo... sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Coríntios 8.9). De modo semelhante, se a igreja bem nutrida evangelizar somente aqueles que lhe são semelhantes, grandes segmentos da humanidade perdida continuarão não alcançados, porque são absolutamente pobres. Não somente isso, existem milhões de cristãos entre os pobres que são nossos irmãos e irmãs.

Compartilhamos nosso planeta com um bilhão de pessoas que vivem em uma condição que chamamos de pobreza absoluta. Pobreza absoluta não é desnutrição total, mas também não é subsistência. Pobreza absoluta significa ganhar menos do que 370 dólares por ano. Metade de todas as crianças desta população não sobreviverá aos cinco anos de idade.

David Barrett estima que, no meio desse um bilhão de pessoas que vivem em pobreza absoluta, 200 milhões são nossos irmãos em Cristo Jesus. Algo está desesperadamente errado no corpo de

Cristo espalhado entre as nações, quando alguns de nós vivemos de um modo confortável e outros não podem manter seus filhos alimentados (Tom Sine, “The Demographic Revolution and Whole-Life Stewardship”, *Faces of Poverty and Population*, Monrovia, CA: World Vision, 1992, p. 18).

No entanto, mais importante e mais poderoso em nossas vidas do que tais estatísticas é o ensino de Jesus Cristo, nosso Senhor. Precisamos manter nossos olhos fixos nEle — o Jesus autêntico da História, não somente alguma idéia vaga a respeito de Deus flutuando no ar. O que Ele fez, o modo como viveu e o que Ele disse nos transformarão, se O ouvirmos verdadeiramente e meditarmos no propósito de nossa predestinação: “Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8.29).

1. *Jesus se tornou pobre.*

“Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Coríntios 8.9).

2. *A mãe de Jesus era pobre.*

“Porque [Deus] contemplou na humildade da sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada” (Lucas 1.48).

3. *Ele nasceu em um estábulo.*

“E ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lucas 2.7).

4. *Jesus foi consagrado com a oferta de pessoas pobres.*

“Passados os dias da purificação deles segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor... e para oferecer um sacrifício, segundo o que está escrito na referida Lei: Um par de rolas ou dois pombinhos” (Lucas 2.22-24; ver também Levítico 12.6-8)).

5. *Ele foi ungido para pregar aos pobres.*

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar liberdade aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos” (Lucas 4.18).

6. *Jesus chamou os pobres de bem-aventurados e lamentou a condição dos ricos.*

“Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus... ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação” (Lucas 6.20, 24).

7. *Ele disse que seria difícil um rico ser salvo.*

“Jesus, vendo-o assim triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus” (Lucas 18.24-25).

8. *Jesus exigiu venda dos bens, ausência de ansiedade e um apego a um estilo de vida árduo.*

“Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir... Buscai, antes de tudo, o seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas. Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino. Vendei os vossos bens e dai esmola... porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” (Lucas 12.22, 31-34).

9. *Ele exigiu uma busca amorosa pelos pobres.*

“Voltando o servo, tudo contou ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traz para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos” (Lucas 14.21).

“Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos” (Lucas 14.13-14).

10. *Jesus viveu sem possuir até mesmo uma casa.*

“As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mateus 8.20).

Existe na vida e nos ensinamentos de Jesus uma tendência inflexível à simplicidade. Há um impulso resolutivo em direção a viver em risco, com um tipo de entrega aos cuidados do Pai que parece loucura para este mundo abastado. Há uma desconcertante atitude contrária ao mundo, uma atitude que tornou Jesus e seus primeiros discípulos bastante úteis neste mundo sem perspectivas. Existe, *em benefício do reino*, um desprendimento *das* coisas, o qual cativa o coração dos discípulos.

Senhor, dá-nos este desprendimento. A qualquer custo, livra-nos da escravidão a este mundo e à sua imagem de sucesso e poder. Abre nossos olhos, a fim de percebermos que “aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus” (Lucas 16.15). Concede-nos viver como peregrinos e forasteiros. Fixa nossos olhos na alegria plenamente satisfatória e duradoura de chegarmos ao céu seguindo a senda de amor e serviço do Calvário.





A SOBERANIA DE DEUS: UMA DOCTRINA PRÁTICA E PRECIOSA

USUFRUINDO DA SOBERANIA DE DEUS NA VIDA DE GEORGE MÜLLER

Um dos grandes deleites de ministrar em uma igreja durante vinte anos é que você pode ver as pessoas atravessarem as épocas obscuras da vida, dependendo da bondade soberana de Deus e chegando ao outro lado com fé e gozo inabaláveis. A soberania de Deus é uma doutrina muito preciosa. É o caule vigoroso da árvore que impede que a nossa vida seja abalada pelos ventos da adversidade. É a rocha que se ergue para nós em meio ao dilúvio de incerteza e confusão. É o olho do furacão no qual permanecemos firmes com Deus, olhando para o céu azul de sua maestria, quando tudo está sendo destruído. Conheço um hino que diz: “Quando tudo ao redor de minha alma desaparece”, isto é a minha esperança e firmeza.

A palavra “soberania”, tal como a palavra “trindade”, não ocorre na Bíblia. Estou usando-a para referir a esta verdade: Deus está no controle do mundo, desde o conflito internacional mais amplo até à queda de um pequeno pássaro na floresta. Eis como a Bíblia apresenta a soberania de Deus: “Lembra-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Isaías 46.9-10). “E, segundo a sua vontade, ele [Deus] opera com

o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?" (Daniel 4.35) "Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai" (Mateus 10.29) "O que ele deseja, isso fará. Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo" (Jó 23.13-14). "No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada" (Salmos 115.3). "Aquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Efésios 1.11). "Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão" (Romanos 9.15). "Devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo" (Tiago 4.15).

Uma das razões por que esta doutrina é tão preciosa para os crentes é o fato de sabermos que o grande desejo de Deus é mostrar misericórdia e bondade para aqueles que confiam nEle. "Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim. Alegregar-me-ei por causa deles e lhes farei bem... de todo o meu coração e de toda a minha alma" (Jeremias 32.40-41). A soberania de Deus significa que o desígnio dEle a nosso respeito não pode ser frustrado. Nada, absolutamente nada, acontecerá àqueles que Deus ama e que são chamados segundo o seu propósito, exceto o que lhes for profundo e altamente bom. (Romanos 8.28; Salmos 84.11).

Por isso, a misericórdia e a bondade de Deus são os dois pilares de minha vida. São a esperança de meu futuro, a energia de meu serviço, o centro de minha teologia, o vínculo de meu casamento, o melhor remédio para todas as minhas enfermidades, o fortificante de todos os meus desencorajamentos. E, quando eu morrer (em breve ou não), essas duas verdades estarão à minha cabeceira e, com mãos infinitamente fortes e carinhosas, me erguerão à presença de Deus.

George Müller tem sido admirado por cento e cinquenta anos como um grande homem de fé, por causa das obras que realizou, especialmente os orfanatos em Londres. Nem todos sabem que ele viveu de um modo maravilhoso, em completa dependência da preciosa verdade da soberania de Deus. Quando faleceu a sua esposa, com a qual estava casado havia trinta e nove anos, Müller pregou o sermão do funeral com base no texto de Salmos 119.68: "Tu

és bom e fazes o bem". Ele conta como orou quando descobriu que ela estava com febre reumática:

Sim, meu Pai celestial, os dias de minha querida esposa estão em tuas mãos. Tu farás o que é melhor para ela e para mim, quer seja a vida, quer seja a morte. Se quiseres, restaura a saúde de minha preciosa esposa. Tu és capaz de fazer isso, embora ela esteja tão doente. Mas o que fizeres comigo somente me ajudará a continuar a ser perfeitamente satisfeito com tua santa vontade (*Autobiography of George Müller*, London: J. Nisbet and Co., 1906, p. 442).

A vontade de Deus foi levá-la. Portanto, com grande confiança na soberana misericórdia de Deus, Müller disse:

Eu aceito. Estou satisfeito com a vontade de meu Pai celestial. Busco perfeita submissão à sua vontade santa, para glorificá-Lo. Honro constantemente Aquele que me afligiu... Sem qualquer esforço, minha alma se regozija na felicidade da amada que partiu. A felicidade dela me dá regozijo... Deus mesmo o fez; estou satisfeito com Ele (*Autobiography*, p. 444, 440).

Isto expressa a preciosidade da doutrina da soberania de Deus.





O QUE SIGNIFICA O MASSACRE DOS AMORREUS?

QUANDO DEIXAR O JULGAMENTO COM DEUS

Para entendermos o que estava acontecendo quando o povo de Israel destruiu as cidades de Canaã e matou seus habitantes, precisamos retornar a aproximadamente 1.500 anos antes da invasão dos israelitas. Em Gênesis 15.13 e 16, Deus havia dito a Abraão: “A tua posteridade será peregrina em terra alheia [Egito], e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos.... Na quarta geração, tornarão para aqui; *porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus.*”

O retorno dos israelitas à terra prometida, provenientes do Egito, corresponderia com o enchimento da medida da iniquidade dos amorreus. Este é o significado do massacre dos povos de Canaã. Deus fixou o tempo da chegada do julgamento em harmonia com a plenitude do pecado a ser julgado. Não antes. Deus não faz as coisas antes do tempo certo. De fato, Ele se mostrara longânimo, suportando durante muitos séculos a idolatria e os pecados daqueles povos, dando-lhes “chuvas e estações frutíferas”, enchendo-lhes o coração “de fartura e de alegria” (Atos 14.17). Conforme disse Derek Kidner: “Até que fosse *correto* invadir, o povo de Deus teria de esperar, ainda que isso lhes custasse séculos de dificuldades. [Gênesis 15.16] é uma das afirmações centrais do Antigo Testamento” (*Genesis*, Downers Grove: InterVarsity Press, 1967, p. 125).

Mas chega o tempo em que o pecado de um povo se torna “completo”. Esse é o tempo para o julgamento decisivo. O instrumento designado por

Deus foi o exército de Israel. Mas Deus vê a *Si mesmo* como o guerreiro e juiz eficaz que estava por trás da derrota dos amorreus. Ele disse a Josué: “Eu vos trouxe à terra dos amorreus... os quais pelejaram contra vós outros; porém os entreguei nas vossas mãos, e possuístes a sua terra; e os destruí diante de vós” (Josué 24.8). Deus realizou a destruição. Esta ocorreu pelas mãos de Israel, mas foi o julgamento de Deus. Isto não significa que o motivo de Israel era sempre puro. Às vezes, não o era. Mas os justos propósitos de Deus estavam sendo realizados, embora, às vezes, Israel tivesse motivos errados.

De fato, Deus advertiu o povo contra o orgulho impiedoso: “Quando, pois, o SENHOR, teu Deus, os tiver lançado de diante de ti, não digas no teu coração: Por causa da minha justiça é que o SENHOR me trouxe a esta terra para a possuir, porque, pela maldade destas gerações, é que o SENHOR as lança de diante de ti... para confirmar a palavra que o SENHOR, teu Deus, jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó” (Deuteronômio 9.4-5). Em outras palavras, esta mortandade não estava relacionada à justiça humana, era um juízo de Deus. Por meio de sua idolatria, os amorreus provocaram a ira de Deus durante séculos. E o fizeram com tamanha intensidade, que séculos depois o rei Acabe foi comparado aos amorreus — ele “fez grandes abominações, seguindo os ídolos, segundo tudo o que fizeram os amorreus, os quais o SENHOR lançou de diante dos filhos de Israel” (1 Reis 21.26).

Uma implicação disto para nós é o fato de que, como igreja de Jesus Cristo, *não* podemos imitar a Israel. A igreja não é o instrumento do juízo de Deus no mundo; é o instrumento de evangelização e reforma do mundo. Não temos uma identidade étnica, política ou geográfica. Somos “peregrinos e forasteiros” (1 Pedro 2.11). O lidar de Deus com os israelitas foi singular na história da redenção. Ele os escolheu e os governou como uma demonstração de sua santidade, justiça e graça eletiva entre as nações. Mas à igreja Ele diz: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (João 18.36).

Portanto, tremamos ante as prerrogativas de Deus — julgar e destruir. Amemos nosso inimigo e oremos por aqueles que nos perseguem. Testemunhemos (se necessário, com a perda de nossa vida) que “não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hebreus 13.14).





A REGRA DE MARTINHO LUTERO A RESPEITO DE COMO SE TORNAR UM TEÓLOGO

ORAÇÃO, MEDITAÇÃO E PROVAÇÕES

— O CAMINHO PARA O ENTENDIMENTO

Martinho Lutero nasceu em 10 de novembro de 1483, em Eisleben, Alemanha. Morreu em 18 de fevereiro de 1546. Durante esses anos, ele pregou mais de 3.000 sermões e escreveu 50.000 páginas. De seu cargo como Professor de Teologia, na Universidade de Wittenberg, ele desempenhou um papel importante na criação da Reforma.

Ele nos dá conselhos profundos a respeito de obter o máximo de nossa Bíblia. Não seja desestimulado pela palavra “teologia”. O que Lutero tinha em mente era uma leitura e uma meditação firme e consistente a respeito do que Deus diz. Isto é para todos: “Quero que vocês saibam como estudar teologia de maneira correta. Eu mesmo tenho praticado este método... O método do qual estou falando é aquele que o rei Davi nos ensina em Salmos 119... Neste salmo, encontramos três regras, que são: *oração, meditação e provação*.” As citações que apresentamos em seguida vêm da obra *What Luther Says: An Anthology*, compilada por Ewald M. Plass (St. Louis: Concordia Publishing House, 1959, v. 3, p. 1359-1960).

1. Oração

“Você deve sentir-se completamente desesperado de seus próprios sentimentos e razão, pois, mediante essas coisas, você não atingirá o objetivo.... Dobre seus joelhos em seu quarto, em particular, e com sincera humildade e zelo ore a Deus por meio de seu amado Filho, para lhe conceder graciosamente o seu Espírito Santo, que o iluminará, guiará e dará entendimento. Conforme podemos ver, Davi orava constantemente neste salmo...”

SALMOS 119

Verso 18: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei”.

Versos 27, 33: “Faze-me atinar com o caminho dos teus preceitos... Ensina-me, SENHOR, o caminho dos teus decretos”.

Versos 34-37: “Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei... Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo. Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça... vivifica-me no teu caminho”.

“Davi usou muitas outras palavras dessa natureza, embora conhecesse bem o texto de Moisés e de outros livros, os lesse e os ouvisse diariamente. Apesar disso, ele desejava ter o verdadeiro Senhor das Escrituras, a fim de, por todos os meios, assegurar-se de que não penetraria nas Escrituras com seu próprio entendimento e se tornaria o senhor delas.”

2. Meditação

“Em segundo lugar, você deve meditar. Isto significa não somente que deve considerar a Palavra em seu coração, mas também que deve usar constantemente meios externos, examinando e comparando, lendo e relendo a Palavra pregada, bem como as palavras gravadas nas Escrituras, observando e meditando, com dedicação, sobre aquilo que o Espírito Santo quer dizer... Observe, então, neste salmo, como Davi

sempre diz que fala, pensa, conversa, ouve, lê, dia e noite, constantemente — mas nada menos do que a Palavra e os mandamentos de Deus. Pois Deus quer lhe dar seu Espírito tão-somente por meio da Palavra.”

SALMOS 119

Verso 11: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti”.

Verso 15: “Meditarei nos teus preceitos e às tuas veredas terei respeito”.

Verso 48: “Para os teus mandamentos, que amo, levantarei as mãos e meditarei nos teus decretos”.

Verso 24: “Com efeito, os teus testemunhos são o meu prazer, são os meus conselheiros”.

Verso 47: “Terei prazer nos teus mandamentos, os quais eu amo”.

Verso 93: “Nunca me esquecerei dos teus preceitos”.

Verso 97: “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia!”.

3. *Provações*

“Em terceiro, existem as *provações*. Isto é a pedra de toque. Elas nos ensinam não somente a conhecer e a entender, mas também a experimentar quão exata, verdadeira, agradável, poderosa, amável e confortadora é a Palavra de Deus; ela é sabedoria suprema. Essa é a razão por que você observa que, no salmo indicado, Davi se referia freqüentemente a todo tipo de inimigo... Pois, logo que a Palavra de Deus se torna conhecida para você, o diabo o afligirá, tornando-o um verdadeiro teólogo”.

Salmos 119

Versos 67-68: “Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua palavra. Tu és bom e fazes o bem; ensina-me os teus decretos”.

Verso 71: “Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos”.

Talvez você diga que não quer ser um teólogo. Não tropece nesta palavra; pois, Lutero queria dizer: alguém que conhece verdadeiramente a Deus. Você quer conhecer a Deus? Quer conhecer os caminhos dEle neste mundo e na sua vida? Quer ser capaz de entender e aplicar a Bíblia à sua situação? Quer ser um bom médico da alma para curar as feridas de outros? Então, este é um excelente conselho. Medite na Palavra de Deus, noite e dia. Derrame sua alma em oração, rogando iluminação e amor. Seja paciente no sofrimento. Não permita que as suas lições se percam, enquanto você resmunga a respeito dos árdus dons de Deus. Confie nEle e aprenda as coisas mais profundas dentre todas.





RESPOSTA À ORAÇÃO EM MEIO A RESPOSTAS NEGATIVAS

MEDITAÇÃO SOBRE OS TRANSTORNOS DA PARTE DE DEUS

De viagem à Carolina do Sul, no calor de junho, a bomba de água travou a vinte e cinco quilômetros a leste de Knoxville, na rodovia interestadual. O carro superaqueceu, e tivemos de parar. O próximo posto de gasolina estava a vinte e sete quilômetros; e aquele dia era um domingo, pela manhã. Situação sombria. O sol estava muito quente, elevando a temperatura acima dos 32°C. Eu não tinha qualquer idéia acerca do que fazer. Estávamos nos apressando para chegar a Myrtle Beach, a fim de desfrutarmos de um período raro de cinco dias com meu pai. Ele e seus únicos netos (meus filhos) estavam planejando fazer uma pescaria em alto mar, que já estava completamente organizada.

Depois de desperdiçarmos vinte minutos ou mais mexendo no motor, percebi que não poderia fazer nada. Ninguém parava para nos ajudar. Mas precisávamos de ajuda. Você pode imaginar como era difícil eu tentar parar um carro naquela rodovia de alta velocidade? Foram necessários dez minutos andando em círculos para que eu obtivesse a coragem (ou abaixasse o orgulho) para tentar parar um carro.

Finalmente, apanhei um pano do banco dianteiro e fui para trás do trailer que levávamos conosco; levantei aquele pano ao ar, para sinalizar nossa infelicidade. Fiquei ali por dois, três ou quatro minutos; e os carros apenas passavam velozmente. Não podia acreditar. Ali eu estava, implorando, por

assim dizer, com uma bandeira em minha mão, de pé como a Estátua da Liberdade; e eles não paravam. Foi humilhante. (Não foi difícil perceber por que a bandeira de trégua do arrependimento e da fé salvadora é tão desagradável para as pessoas.)

Abraham (que tinha nove anos naquela época) veio até mim e disse: “Acho que precisamos orar”. Respondi: “Você está certo”. Então, abaixei minha bandeira por um momento. Abraham e eu oramos ali mesmo, ao lado do trailer. Quando abrimos os olhos, dois carros haviam parado. Um deles era de um mecânico. Ele olhou nosso carro, diagnosticou o problema e disse: “Você sabe que tudo está fechado hoje. Se você for à cidade, terá de esperar até segunda-feira. Eu poderia ir lá, conseguir a peça e consertar seu carro aqui mesmo, na estrada”. Bem, foi isso que aconteceu; e, depois de mais ou menos quatro horas, prosseguimos a viagem.

Ora, isso é algo admirável! Creio, de todo coração, que Deus respondeu a oração de Abraham, com uma possibilidade que se cumpre apenas em uma dentre mil ocasiões — um mecânico, no domingo pela manhã, a vinte e cinco quilômetros de casa, que trabalhava para uma empresa de caminhões que estava aberta aos domingos, disposto a ir até à cidade e retornar para ajudar-nos. Incrível! Creio que Deus fez isso. Mas, o cético diz: “Se o seu Deus é tão poderoso e maravilhoso, por que Ele não manteve a bomba de água funcionando?” De fato, havíamos pedido ajuda ao Senhor mais cedo naquela manhã. Tínhamos pedido que o carro funcionasse bem durante todo o dia.

No entanto, Deus não nos deu um dia isento de problemas. Em vez disso, Ele nos levou ao problema (que poderia ter impedido) e nos ajudou de um modo tão admirável em meio aos nossos temores, frustrações, suor e desapontamento. Portanto, nesta ocasião, como em muitas outras de minha vida, eu me encontrei agradecendo a Deus por sua graça — não a graça de impedir-me de ter problemas, doença, frustração e desapontamento — e sim a graça de proporcionar-me ajuda admirável em meio ao problema.

Por que Ele age desta maneira? Há quatro respostas iniciais:

1. Deus sabe melhor do que eu como reger o universo, incluindo o tempo de minha chegada (ou não!) a Myrtle Beach. “Eu sou Deus, e não há

outro semelhante a mim... que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Isaías 46.9-10).

2. Deus gosta muito de ensinar lições de oração e fé a pessoas de nove anos (e de quarenta e três anos!). “A natureza da tribulação que nos sobreveio... para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos” (2 Coríntios 1.8-9). “Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos” (Salmos 119.71).
3. Deus valoriza a disciplina da humildade, mais do que os dias isentos de problemas. “Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são... a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Coríntios 1.28-29).
4. Deus tinha um evangelho a ser anunciado àquele mecânico. Eu lhe dei o folheto *Quest for Joy* (Busca por Alegria). E, quando nos dirigíamos a Knoxville, a fim de conseguir uma nova bomba de água, eu lhe falei a respeito da fé em Cristo.

Somente a eternidade mostrará a completa sabedoria e misericórdia de Deus em seu modo curioso de redirecionar nossos planos e “reinterpretar” nossas orações em favor de “um dia excelente”. Esses são os bons propósitos de Deus nos transtornos que ocorrem em nossas vidas. Tendo um Deus assim, devemos ser as pessoas mais confiantes e mais livres de murmurações do mundo.





“ELES AMAM A TODOS”

PENSAMENTOS A RESPEITO DE COMO TORNAR CRISTO CONHECIDO

A melhor maneira de começar esta leitura é tomar agora cinco segundos e orar: “Pai celestial, permite que o teu amor se manifeste em minha vida da maneira como se manifesta no céu”. Com todo o seu *ensino* sobre o amor, o apóstolo Paulo também *rogou* a Deus que fizesse o amor crescer no coração dos crentes. “E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção” (Filipenses 1.9). “O Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco” (1 Tessalonicenses 3.12). “Assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor” (Efésios 3.17).

Ao orar desta maneira, Paulo fazia um apelo urgente. Por quê? Porque o que estava em jogo no amor de “uns para com os outros e para com todos” era um conceito imenso. O que estava em jogo era uma demonstração convincente da realidade de Deus no mundo. Jesus descreveu assim o impacto da unidade do amor: “A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste,

como também amaste a mim” (João 17.21-23). Talvez não possamos entender tudo isso plenamente. No entanto, é claro que algo tremendo está em jogo, na unidade prática do amor no corpo de Cristo.

Ou considere João 13.34-35, quando Jesus disse: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”. Uma das marcas públicas indispensáveis de um crente é o amor aos outros crentes. Jesus admitiu que o mundo está observando e fazendo julgamentos a respeito disso. Ele tenciona que seja desta maneira.

Ou considere Mateus 5.16: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”. A glória de nosso Pai celestial está em jogo no tipo de boas obras que fluem de nossa vida.

Com base em todas estas passagens, entendo que crescer no amor significa também crescer em evangelismo e missões, no cuidado pastoral, no casamento e na maneira como nos relacionamos com as pessoas das quais discordamos — e em quase todos os outros aspectos de nosso viver. Não causa admiração o fato que Paulo tenha chamado o amor de “o maior destes” (1 Coríntios 13.13).

Nos primeiros séculos da igreja cristã, os crentes vivenciavam um tipo de amor que nem sempre recebia aprovação, mas que, na verdade, testemunhava a respeito de Cristo. A *Epístola a Diogneto*, escrita no século II, afirma: “Eles amam a todos e são perseguidos por todos... são pobres e enriquecem a muitos; carecem de tudo e têm abundância de tudo... São injuriados e bendizem; são insultados e pagam o insulto com honra. Fazem o bem e são punidos como malfeitores; e, na sua punição, se regozijam como se por meio disso recebessem uma nova vida” (citado em *A New Eusebius*, editado por J. Stevenson, London: SPCK, 1968, 59).

Justin Martyr, escrevendo sobre o mesmo tema, descreve os cristãos de seus dias: “Antes odiavam e destruíam um ao outro, e por causa de maneiras diferentes de ser não se associavam com pessoas de outros grupos; agora, desde que conhecem a Cristo, vivem familiarmente com eles, oram por seus inimigos e se esforçam por persuadir aqueles que os odeiam injustamente a viverem de conformidade com os bons preceitos de Cristo, a fim de que, no final, eles pos-

sam tornar-se participantes da mesma esperança e alegria, como recompensa da parte de Deus, o soberano de tudo” (*First Apology*, capítulo 13).

Esses testemunhos da igreja primitiva não nos enchem com um intenso desejo de amar da maneira como eles amaram? Oh! que tornemos famoso o nome de Cristo, por meio da diferença radical de nosso amor — aos amigos e aos inimigos! Para obter isso, eu oro como Paulo: “O Senhor... [nos] faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos” (1 Tessalonicenses 3.12). Esta é a grande obra de Deus, o grande e primeiro fruto do Espírito Santo: o amor (Gálatas 5.22). “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1 Coríntios 13.13).





OUTRO PARADOXO DA ORAÇÃO: “VÃS REPETIÇÕES” VERSUS “INSISTÊNCIA”

CONSIDERANDO MATEUS 6.7, LUCAS 11.8 E LUCAS 18.5

Qual é a diferença entre as “vãs repetições” dos gentios que desejavam ter suas orações respondidas com base em seu “muito falar” (Mateus 6.7) e a insistência da viúva que vinha ao juiz e o molestava, em busca de proteção legal (Lucas 18.5), ou a importunação do homem que procurou seu amigo à meia-noite e prevaleceu, fazendo o outro levantar-se e dar-lhe pães (Lucas 11.8)?

- Em Mateus 6.7-8, Jesus introduziu a Oração do Pai Nosso, dizendo: “E, orando, não useis de *vãs repetições*, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos”.
- Em Lucas 11.5-8, depois de ensinar a Oração do Pai Nosso, Jesus contou uma parábola sobre um homem persistente que procurou seu amigo à meia-noite: “Digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da *importunação* e lhe dará tudo o de que tiver necessidade” (v. 8).
- Em Lucas 18.1-5, Jesus contou uma parábola sobre uma viúva que apelava a um juiz injusto. Jesus disse que o objetivo da parábola era ensinar “o dever de orar sempre e nunca esmorecer” (v. 1). O clímax traz estas

palavras: “Como esta viúva me *importuna*, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me” (v. 5).

Embora Mateus 6.7 advirta contra as “vãs repetições”, todas estas passagens têm algo em comum: nos encorajam a orar a Deus vez após vez. Em Mateus, depois da advertência a respeito de “vãs repetições”, Jesus disse: “Portanto, vós orareis assim... o pão nosso de cada dia dá-nos *hoje*” (6.9,11). Observe a palavra “hoje”. Significa que Jesus espera que oremos assim, pelo menos, diariamente. Ele não deseja que oremos no primeiro dia do ano: “Dá-nos neste ano pão suficiente para cada dia” e não oremos mais a respeito de pão neste ano. Ele disse que devemos pedir pelo pão diário, “hoje”. Portanto, embora “vãs repetições” sejam más, pedir o pão diário, pelo menos 365 vezes no ano, não é mau.

E, se até a súplica por pão deve ser repetida a cada dia, isso provavelmente se aplica também às outras petições da Oração do Pai Nosso. Todos os dias, devemos orar pela santificação do nome de Deus, a vinda de seu reino, o cumprimento da sua vontade conforme ela se realiza no céu e o perdão dos pecados. Portanto, o ensino de Mateus 6 concorda com o ensino de Lucas 11 e Lucas 18, no sentido de que a oração freqüente e persistente é uma coisa boa.

A questão-chave é esta: Qual o perigo que Mateus 6.7-8 nos adverte no tipo de oração contínua e persistente, que não desiste, mas continua a pedir, a buscar, a bater (Mateus 7.7; Lucas 11.9)? Em Mateus 6.7-8, há duas cláusulas que nos oferecem a solução: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; *porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos*. Não vos assemelheis, pois, a eles; *porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais*.”

1. “Porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.”

A advertência, neste caso, parece referir-se a pensar que nossas orações são capazes de impressionar e constranger a Deus. Era como se Jesus quisesse dizer: “Sim, vocês podem entender as parábolas do amigo importuno e da viúva persistente com o sentido de que Deus se impressiona com muitas palavras e outros recursos humanos. Mas, na realidade, não é a isso que eu desejo chamar a atenção de vocês. Eu lhes chamo a atenção à ausência de

recursos humanos em quaisquer outras fontes, exceto em Deus". A oração correta sente-se destituída, sem recursos. Se recorrermos ao nosso íntimo em busca de mais e mais frases para mostrar a Deus o que pretendemos dizer, estamos em perigo de "vãs repetições". Se procurarmos mais palavras tendo em vista mostrar a Deus que somos mais dignos do que se tivéssemos apenas um clamor, estamos em perigo de "vãs repetições".

2. *"Porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais."*

A advertência nestas palavras é que existe um tipo de oração com a qual Deus não se importa. Jesus disse: *"Deus... sabe o de que tendes necessidade"*. Portanto, Ele não está desatento. Além disso, Deus é vosso Pai e se interessa por vocês. Então, não orem de um modo que faça parecer que Ele ignora as necessidades ou é indiferente a vocês".

Mas, por que a persistência e a tenacidade da oração contínua não o fazem parecer assim? Elas podem. Por isso, somos chamados por Jesus a achar o equilíbrio. Existe uma razão por que Jesus não nos chama apenas à simplicidade e à brevidade, mas também à persistência e à tenacidade. A exigência da oração que prevalece reprovava aqueles que oram de maneira rápida, como se eles estivessem apenas tentando encobrir seus motivos. Não estão buscando a Deus como sua única esperança. Estão buscando a Ele e a outros recursos, simultaneamente. Tais orações não prevalecem.

Em outras palavras, existem perigos em ambos os lados: um perigo necessita da admoestação de "orar sempre e nunca esmorecer" (Lucas 18.1); e o outro perigo necessita da admoestação de evitar "vãs repetições" (Mateus 6.7). Não sejamos mais temerosos da persistência do que o foi Jesus, quando orou durante toda a noite (Lucas 6.12). Também não sejamos mais temerosos da repetição do que Jesus o foi, quando orou três vezes a mesma coisa: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice" (Mateus 26.39, 42, 44). Se orarmos no Espírito e sentirmos que Deus é nossa única esperança, acharemos a maneira certa de orar.





A INCONDICIONALIDADE ANULA O VERDADEIRO REMÉDIO?

SABEDORIA PROVENIENTE DE OUTRO SÉCULO

J. C. Ryle, em seu livro do século XIX, *Santidade, Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor*,¹ oferece muitos remédios para os problemas do século XX. Por exemplo, considero as seguintes palavras como um antídoto para grande parte da conversa contemporânea sobre a “incondicionalidade do amor de Deus”, no contexto de curar nosso senso de distanciamento e desarmonia com Ele:

Acima de tudo, não entristeça o Espírito Santo. Não apague o Espírito. Não sufoque o Espírito. Não O afaste para longe, por brincar com pequenos hábitos maus e pecadilhos. Pequenas desavenças entre marido e mulher tornam o lar infeliz, e pequenas incoerências, reconhecidas mas permitidas, introduzem uma estranha alienação entre o crente e o Espírito... O homem que anda mais intimamente com Deus, em Cristo Jesus, é aquele que será mantido na paz mais profunda. O crente que segue mais completamente o Senhor e cujo alvo é o mais elevado grau de santidade, esse crente desfrutará geralmente de esperança mais firme e terá a mais clara persuasão de sua salvação (p. 164-165).

Você pode realmente afastar para longe o Espírito de Deus, “por brincar com pequenos hábitos maus”? “Pequenas incoerências... introduzem uma estranha alienação” entre você e o Espírito? A paz mais profunda é realmente desfrutada por aqueles que andam “mais intimamente com Deus”? A esperança mais firme é conhecida daqueles “cujo alvo é o mais elevado grau de santidade”?

Sim, este é o ensino claro das Escrituras. “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros” (Tiago 4.8).

Isto significa que existe uma preciosa experiência de paz, segurança, harmonia e intimidade que não é incondicional. Depende de não entristecermos o Espírito de Deus. Depende de lançarmos fora os hábitos maus. Depende de descartarmos as pequenas incoerências da nossa vida cristã. Depende de andarmos intimamente com Deus, tendo como alvo o mais elevado grau de santidade.

Se isto é verdade, receio que seguranças infundadas de que o amor de Deus é incondicional podem levar o povo de Deus a parar de fazer aquilo que a Bíblia lhes exige e que lhes proporciona a plena experiência da paz que tanto anelam. Ao tentarmos oferecer a paz por meio da “incondicionalidade”, podemos estar privando as pessoas do próprio remédio que a Bíblia prescreve.

Proclamemos incessantemente as boas-novas de que nossa justificação se fundamenta na dignidade da obediência e do sacrifício de Cristo, e não em nossa dignidade (“Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” — Romanos 5.19). Declaremos que nossa eleição e nossa chamada são totalmente incondicionais (Romanos 9.11; 11.5-6; Efésios 2.5). Mas declaremos também a verdade bíblica de que o gozo daquela justificação, em seus efeitos sobre a nossa alegria, confiança e poder para crescer em semelhança a Jesus, está condicionado a abandonarmos ativamente os pecados e renunciarmos hábitos maus, mortificando as concupiscências e buscando a intimidade com Cristo, não entristecendo o Espírito.

É verdade que Deus é Aquele que inicia e capacita o satisfazermos essas condições. “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2.12-13). “Trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Coríntios 15.10). Sim, isto é verdade. Mas

as condições ainda existem, ainda são reais e precisam ser satisfeitas — com a capacitação da parte de Deus. Não contar às pessoas a verdade que Ryle está ensinando é enganá-las com um cristianismo superficial e fraco. De fato, pergunto: a técnica de cura em nossos dias (que enfatiza a “incondicionalidade infundada”) está produzindo pessoas sábias, firmes, constantes, inabaláveis? Ou está ajudando a produzir uma geração de pessoas frágeis cujo vínculo com a realidade é tênue, porque está fundamentado em um entendimento excessivamente simplificado de como devemos nos relacionar com Deus, de modo alegre e resolutivo?



¹ RYLE, J. C., *Santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor*. Editora Fiel, São José dos Campos, SP., 1997.



DE ONDE PROCEDE O VIVER CRISTÃO?

REFLEXÃO SOBRE O PODER DO CONHECIMENTO CORRETO

É admirável que o apóstolo Paulo confronte diversas vezes o fracasso em *fazer* o que é certo com a falta de conhecimento do que é certo. Por exemplo:

O conhecimento correto impede a permanência no pecado.

“Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum... *Ou, porventura, ignorais* que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?” (Romanos 6.1-3).

O conhecimento correto impede o aviltamento da Graça.

“Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum! *Não sabeis* que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedecéis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?” (Romanos 6:15-16).

O conhecimento correto impede a jactância.

“Não é boa a vossa jactância. *Não sabeis* que um pouco de fermento leveda a massa toda?” (1 Coríntios 5.6).

O conhecimento correto capacita a resolução de conflitos.

“Ou *não sabeis* que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? *Não sabeis* que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!” (1 Coríntios 6.2-3).

O conhecimento correto impede a fornicação.

“*Não sabeis* que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou *não sabeis* que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne... Acaso, *não sabeis* que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1 Coríntios 6.15-19).

Paulo está apenas ecoando a ênfase de Jesus, que disse: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8.32); “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17.17).

Portanto, não vagueie em seus pensamentos. Não seja passivo no que concerne à sua mente. Em vez disso,

*Faze o teu ouvido atento à sabedoria
e inclina o coração ao entendimento.
Clama por inteligência
e por entendimento alça a voz.
Busca a sabedoria como a prata,
Procura-a como a tesouros escondidos.*

(ver Provérbios 2.2-4)





VOCÊ PODE SER DIGNO DE DEUS?

ACHANDO AQUILO QUE SE HARMONIZA COM A FIDELIDADE DE DEUS

Na Bíblia Revista e Atualizada, o advérbio grego *aksios* é traduzido pela expressão “por modo digno de” na maioria das vezes que o Novo Testamento o emprega. Dos seis usos deste vocábulo grego, cinco se referem ao nosso agir “por modo digno de Deus”, ou do evangelho de Cristo, ou de nossa vocação celestial. O que isto significa? Significa que nos tornamos “dignos” do favor de Deus? Ou seja, “dignos de” transmite a idéia de que merecemos ou temos direito ao favor de Deus? Esse vocábulo nos chama atenção à nossa dignidade, que obriga a Deus a reconhecê-la, porque ela enriquece a dignidade dEle, assim como um programador é digno de um grande salário em uma grande empresa de software?

Considere estes cinco usos do vocábulo *aksios*:

“Os quais, perante a igreja, deram testemunho do teu amor. Bem farás encaminhando-os em sua jornada *por modo digno de Deus*” (3 João 6).

“Exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes *por modo digno de Deus*, que vos chama para o seu reino e glória” (1 Tessalonicenses 2.12).

“A fim de viverdes *de modo digno* do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus” (Colossenses 1.10).

“Vivei, acima de tudo, *por modo digno* do evangelho de Cristo” (Filipenses 1.27).

“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis *de modo digno* da vocação a que fostes chamados” (Efésios 4.1).

Não creio que estes versículos significam que merecemos a Deus, ou a nossa chamada, ou o evangelho, e sim que eles merecem respeito e honra de nossa parte. Ou seja, viver “de modo digno do Senhor” significa viver de um modo que seja agradável ao Senhor. Significa viver de modo a demonstrar aquilo que o Senhor merece receber de nossa parte, e não o que nós merecemos dEle. Um indicativo disso se acha em Colossenses 1.10, que afirma: “A fim de viverdes de modo digno do Senhor, *para o seu inteiro agrado*”. Todavia, Hebreus 11.6 declara: “Sem fé é impossível agradar a Deus”. Portanto, a chamada para vivermos de modo digno do Senhor é, pelo menos, uma chamada a vivermos pela fé.

No entanto, a *fé* olha para longe de si mesma, para a dignidade, a capacidade, a graça e o poder de outro. Então, viver “de modo digno do Senhor” significa agir de um modo que demonstre quão digno, capaz, gracioso e poderoso é o Senhor. A fé se focaliza na dignidade e capacidade daquele em quem ela confia. Portanto, viver pela fé é uma evidência de que o Senhor em quem confiamos é digno de nossa obediência e confiança. Viver “de modo digno do Senhor” — embora pareça bastante estranho (isto é o que geralmente acontece quando consideramos a absoluta singularidade da graça de Deus), significa que o Senhor merece e é digno de que confiemos nEle.

Outro indicativo dessa interpretação se acha na palavra de João Batista, quando ele disse: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3.8). Certamente isso não significa agir de um modo que merece arrependimento. Isso não faz sentido — sou digno de arrependimento. Pelo contrário, “produzi... frutos dignos de arrependimento” sugere que o arrependimento já

está presente como algo extremamente valioso, que nos impele a agir de um modo que *se harmoniza com o valor e a natureza do arrependimento*.

Isso também é verdade nas expressões “digno de Deus”, “digno do Senhor”, “digno do evangelho” e “digno da vocação”. Elas significam agir de um modo que se harmoniza com o grande valor e a natureza gloriosa de Deus, do evangelho e de nossa vocação. E o que se harmoniza com esse grande valor? A fé. Acima de tudo, a fé e seu fruto de amor se harmonizam com a dignidade de Deus e do evangelho.

Então, pense assim: eu *não* preciso ter fé e amor de modo a ser digno do favor de Deus; *pelo contrário*, o favor de Deus é gratuito e infinitamente digno de minha confiança. Viver de um modo digno desse favor significa andar pela fé, porque a fé é a única coisa que se harmoniza com a nossa incapacidade e a infinita dignidade de Deus. Olhar para a infinita dignidade de Deus, para ser nossa ajuda e satisfação, é “viver por modo digno de Deus”.

Fixe seus pensamentos nesta grandeza. Experimente a incomparável dignidade das promessas de Deus. Medite em atos que se harmonizam com isso. Disponha-se e viva “por modo digno do Senhor”.





SE ACHEI GRAÇA AOS TEUS OLHOS, ROGO-TE, Ó DEUS, QUE...

MEDITAÇÃO SOBRE CONHECER A DEUS EM ÊXODO 33.13

*Agora, pois, se achei graça aos teus olhos,
rogo-te que me faças saber... o teu caminho,
para que eu te conheça e ache graça aos teus olhos;
e considera que esta nação é teu povo.*

O fato notável sobre esse texto é que ele deixa claro aquilo que está apenas implícito em outras partes da Bíblia; ou seja, que as condições estabelecidas para receber bênçãos do Senhor são, elas mesmas, satisfeitas como bênçãos do Senhor. Satisfazer as condições para receber graça é, em si mesmo, um dom da graça.

Em primeiro lugar, Moisés acha graça aos olhos do Senhor. Isso foi dito pelo Senhor no versículo 12, sem qualquer referência à satisfação de uma condição anterior. O Senhor dissera a Moisés: “Conheço-te pelo teu nome; também achaste graça aos meus olhos”. No versículo 19, vemos que Deus é completamente livre em outorgar sua graça: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer”. Portanto, Moisés se via como um recipiente da graça incondicional e espontânea, com base no fato de que Deus o conhecia por nome e de que havia achado graça aos olhos de Deus.

Fundamentado nesta maravilhosa graça, Moisés clama a Deus, rogando-Lhe o privilégio de conhecer os caminhos dEle: “Agora, pois, se achei graça aos teus olhos, rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho”. Ou, conforme o parafraseia um antigo estudioso das Escrituras: “Mostra-me as tuas opiniões e propósitos, tuas *maneiras intencionais* de agir e tuas exigências para mim em referência a este grande objetivo” (George Bush, *Notes on Exodus*, v. 2, p. 234 — ênfase acrescentada).

Ainda mais importante: o alvo de Moisés em conhecer os caminhos de Deus era o de que ele pudesse conhecer o próprio Deus. “Rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, *para que eu te conheça*”. Ver os alvos e os propósitos de Deus são meios de ver e conhecer pessoalmente a Deus. Essa é a razão por que existe uma história de redenção. Vemos e conhecemos a Deus em seus caminhos. Temos de entender a Deus com base em seus atos na história de seu povo e suas ações no mundo. Este não é um conhecimento meramente acadêmico. Existe um conhecimento de Deus no agir de Deus. Este é um conhecimento pessoal e concreto, se Deus, em sua graça, conceder que tenhamos uma apreensão espiritual de sua glória e de sua pessoa em seus caminhos. Era isso que Moisés estava pedindo. “Rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, *para que eu te conheça*.”

No entanto, Moisés disse que a razão para querer conhecer a Deus era que ele achasse graça aos olhos de Deus. “Rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça e *ache graça aos teus olhos*.”

Percebemos, assim, que a bênção de conhecer a Deus é a condição que Moisés afirmou ter de ser satisfeita, para se obter alguma bênção adicional. Portanto, quando você leva em conta todo o versículo, conhecer a Deus é, primeiramente, o *resultado* de Deus ser gracioso para com Moisés e, em segundo, a *causa* para Deus ser mais gracioso para com Moisés. “Se *achei graça aos teus olhos*, rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça e *ache graça aos teus olhos*.” Conhecer a Deus é o resultado e a causa da graça. Ou podemos dizer: a graça é a causa de Moisés conhecer a Deus e o resultado de ele conhecer a Deus.

Graça gratuita > conhecer a Deus > mais graça

Portanto, se lermos em alguma passagem das Escrituras que a graça está

condicionada ao conhecimento ou a outro ato humano, não devemos presumir que o querer humano é o elemento determinante para que a graça seja concedida ou não. Pode existir uma graça no querer ou no realizar do homem que não é mencionada. Nesta passagem de Êxodo, ela é mencionada, e aprendemos que, se a graça é *a resposta* de Deus ao conhecimento do homem, ela também é *a causa* anterior desse conhecimento, de modo que a condição *essencial* da graça é a graça.

E o que era essa graça adicional que Moisés desejava? A resposta mais simples é: ele queria mais da mesma coisa. A primeira graça mostrada a Moisés o encheu com um desejo de conhecer os caminhos de Deus e o próprio Deus; então, a nova graça pela qual ele anela seria conhecer mais a Deus e, desta vez, não *mediante* os caminhos de Deus, e sim *mediante* uma revelação mais direta. E foi exatamente isso que Moisés pediu: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (v. 18).

Mas, antes de pedir isso, Moisés suplica a Deus que suba com o povo até à terra de Canaã, a fim que de fossem distinguidos de todos os outros povos, por causa da presença de Deus entre eles (v. 16). Logo, a bênção maior, desejada por Moisés, depois de conhecer os caminhos do Senhor e o próprio Senhor, era que o povo fosse marcado pela presença do Senhor entre eles — que o conhecimento do Senhor e a manifestação de seus caminhos se tornassem evidentes no meio de seu povo.

Em outras palavras, Moisés estava interessado não somente em sua experiência pessoal dos caminhos e da glória de Deus. Moisés também queria que isso fosse uma experiência pública, compartilhada por todos. A bênção maior é mais revelação da glória de Deus a Moisés (v.18), bem como uma manifestação dessa presença gloriosa entre o povo; e ambas as coisas deveriam ocorrer para o bem deles e para o louvor do nome de Deus entre as nações.

Esta é a grande paixão de nossa vida: conhecer a Deus, por meio da graça, e fazê-Lo conhecido, por meio da graça; vê-Lo em seus caminhos entre o seu povo, e vê-Lo tão imediatamente quanto Ele nos permitir neste mundo decaído e no outro mundo glorioso. Oramos e ministramos com este objetivo: disseminar uma paixão pela glória deste grande Deus, para alegria de todos os povos.





OS CRENTES ESTÃO PLENAMENTE SATISFEITOS?

CONSIDERANDO (NOVAMENTE) O LUGAR ENTRE
A PARALISIA E O TRIUNFALISMO

Falsas expectativas podem tornar um bom relacionamento em uma coisa má. Jesus disse: “Aquele... que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede” (João 4.14). Podemos concluir entusiasticamente que, vindo a Jesus, todos os nossos anelos são satisfeitos aqui e agora. Não haverá mais nenhuma insatisfação.

Mas considere as seguintes sugestões bíblicas nos instruindo que a insatisfação não somente é, mas *tem de ser*, parte de nossa experiência cristã:

- “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus” (Filipenses 3.12).
- “Chorai com os que choram” (Romanos 12.15).
- “Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite...?” (Lucas 18.7)
- “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7.24)

- “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós... Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós” (1 João 1.8, 10).
- “Também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8.23).

Quando convidamos uma pessoa a vir a Cristo — a vir à fonte da água da vida — oferecemos *realmente* satisfação. Cristo é a fonte de toda a satisfação profunda e duradoura. Somos até exortados a rogar que nossa experiência de Deus seja plena de satisfação — “*Sacia-nos* de manhã com a tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias” (Salmos 90.14). Mas a profundidade dessa satisfação não é experimentada de uma vez para sempre.

Por exemplo, nesta vida, nosso corpo definhará, nos trará dores e, por fim, morrerá. Conforme Paulo disse, “o nosso homem exterior” se corrompe (2 Coríntios 4.16). É verdade que esta experiência de decadência é transformada pela esperança e pela maneira como Deus a usa para o nosso bem (Romanos 8.24, 28). Mas continuamos não satisfeitos com esta condição dolorosa. Sabemos que Deus promete algo melhor, e Romanos 8.23 o descreve de forma realista e triste: “Também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente *gememos em nosso íntimo*, aguardando... a redenção do nosso corpo”.

Outro exemplo de nossa satisfação parcial é a corrupção remanescente em nosso coração. Ainda pecamos e necessitamos de perdão. “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1 João 1.8). Na realidade, pecamos todos os dias. Essa é razão por que o Senhor nos ensinou a orar não somente: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, mas também: “Perdoa-nos as nossas dívidas” (Mateus 6.11, 12). Sim, esta imperfeição também é transformada pela esperança e pela purificação diária que podemos ter em Jesus. Apesar disso, não estamos satisfeitos com esta pecaminosidade e clamamos para que sejamos mais puros, santos e amáveis. “Faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais” (Filipenses 1.9).

Outro exemplo é a profunda fraqueza da carne. Jesus disse aos discípulos que dormiam: “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mateus 26.41). Queremos adorar, orar e servir, mas achamos que a fraqueza nos torna indolentes. Temos de ser advertidos a respeito disso: “Não vos torneis *indolentes*... restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos” (Hebreus 6.12; 12.12). Desfalecemos quando desejamos experimentar somente o zelo fervoroso. Por isso, ficamos insatisfeitos com nossos próprios esforços de adoração e obediência. Isso também é mudado por Cristo, porque Ele está disposto a aceitar menos do que sacrifícios perfeitos de louvor e obediência que procedem de corações que exercitam sua fé. “Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Salmos 51.17).

Sim, Cristo oferece *total* satisfação e oferece muito dessa satisfação agora na esperança, no perdão e no poder crescente de amarmos, mas a plenitude da satisfação só virá na era vindoura, quando seremos perfeitos em um mundo perfeito. Naquele tempo, não haverá mais o sentimento de que nos desapontaremos em nós mesmos ou em nossas circunstâncias.

Temos de aprender a atravessar o caminho estreito entre o desespero e a presunção. De um lado, há o abismo da paralisia desesperada; do outro lado, o abismo do triunfalismo prematuro. “Não se gabe quem se cinge como aquele que vitorioso se descinge” (1 Reis 20.11). O equilíbrio é a humilde, vigorosa, feliz e sempre penitente confiança no poder e na promessa da graça.





INDO ALÉM DOS LIMITES DA EXPIAÇÃO LIMITADA

CRISTO MORREU POR TODOS, MAS ESPECIALMENTE POR SUA NOIVA

Os arminianos pegam todas as passagens que afirmam a morte de Cristo “por nós” (Romanos 5.8; 1 Tessalonicenses 5.10), ou por suas ovelhas (João 10.11, 15), ou pela “igreja” (Efésios 5.25; Atos 20.28), ou pelos “filhos de Deus” (João 11.52), ou por aqueles que “estão sendo santificados” (Hebreus 10.14) e dizem que o significado é este: Deus planejou e designou a expiação em favor de todas as pessoas, mas aplica-a de modo eficaz e salvífico somente àqueles que crêem e se tornam parte de “nós”, das “ovelhas”, da “igreja” e dos “filhos de Deus”.

Neste ponto de vista, a sentença “Cristo morreu por você” significa: Cristo morreu por todos os pecadores, de modo que, se você se arrepender e crer em Cristo, a morte de Jesus se tornará eficaz no seu caso e removerá os seus pecados. “Morreu por você” significa: se você crer, a morte de Jesus cobrirá os seus pecados.

Até certo ponto, isto é ensino bíblico. Mas os arminianos *negam* algo que creio a Bíblia ensina. Eles negam que a morte de Cristo, por “nós”, por suas “ovelhas”, pela sua “igreja” e pelos “filhos de Deus” foi tencionada por Deus a fim de obter para o seu povo *mais* do que os benefícios que eles recebem *depois de crerem*. Negam, especificamente, que a morte de Cristo foi intencionada por Deus não somente para obter os benefícios *depois de crerem* (o que é verdade),

mas também que a morte de Cristo foi intencionada por Deus para obter *a própria disposição de crer*. Em outras palavras, a graça divina que é necessária para vencer a dureza de nosso coração, para que nos tornemos crentes, *também* foi obtida pelo sangue de Jesus. Eles negam isso.

Não há contendas a respeito do fato de que Cristo morreu para obter grandes benefícios para todos que crerem. Além disso, não há disputas sobre o fato de que Cristo morreu para que pudéssemos dizer a todas as pessoas, em todos os lugares, sem exceção: Deus entregou seu Filho unigênito para morrer pelo pecado, a fim de que, se você crê nEle, tenha a vida eterna. Assim, afirmamos as palavras de João 3.16.

Existe discordância sobre o fato de haver Deus planejado que a morte de Cristo obtivesse mais do que estas duas coisas: 1) benefícios salvadores, depois da fé; 2) um convite genuíno dirigido a qualquer pessoa para que ela creia em Cristo para a salvação. Falando de modo específico, Deus tencionou que a morte de Cristo obtivesse o dom da fé (Efésios 2.8) e do arrependimento (2 Timóteo 2.25)? O sangue de Jesus obteve *tanto* os benefícios posteriores *como* a própria fé?

A interpretação histórica dos arminianos referente a qualquer dos textos “universais” quanto à expiação contradiz, necessariamente, este “mais” que estou afirmando a respeito da intenção de Deus para a morte de Cristo? (Textos como 1 Timóteo 2.6; 1 João 2.1-2; Hebreus 2.9; 2 Coríntios 5.19; João 1.29.)

Creio que não — pelo menos, a interpretação deles não tem de contradizer. Historicamente, os arminianos têm se mostrado tão zelosos como os calvinistas em evitarem dizer que esses versículos ensinam uma salvação universal. Portanto, eles não ensinam que a morte de Cristo “por todos” salva, de fato, a todos. Pelo contrário, eles dizem, nas palavras de Millard Erickson: “Deus planejou que a expiação tornasse a salvação *possível* a todas as pessoas. Cristo morreu por todos, mas esta morte expiatória se torna *eficaz* somente quando é aceita pelo indivíduo”. Erickson diz em seguida: “Este é o ponto de vista de todos os arminianos” (*Systematic Theology*, Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p. 829 — ênfase acrescentada).

É crucial que vejamos o que os arminianos *não* dizem. Eles não dizem que na morte de Cristo Deus planejou salvar *eficazmente* todos aqueles em favor dos quais Cristo morreu. Afirmam apenas que Deus tenciona *tornar possível* a

salvação de todos em favor dos quais Cristo morreu. Mas esta interpretação desses textos “universais” *não* contradiz a afirmação calvinista de que Deus *realmente* tenciona obter a graça da fé e do arrependimento para um grupo definido de pessoas por meio da morte de Cristo.

Os arminianos podem negar essa afirmação, mas não podem negá-la com base em sua interpretação dos textos “universais” concernentes à expiação. A interpretação apenas afirma que todos podem ter a salvação, *se* crerem. Não discuto isso. Mas vou além.

Eis a solução: se Deus fez este “mais” na morte de Cristo, Ele não o fez por todos. Portanto, neste nível, a expiação se torna “limitada”. É nesse ponto que os arminianos tropeçam: existe algo que Deus faria para ter alguns incrédulos salvos e que não o faria por todos? Essa limitação de “mais graça” para alguns implica uma escolha da parte de Deus, para intervir, decisiva e eficazmente, para salvar alguns e não todos. Essa é a verdadeira pedra de tropeço para aqueles que dão ao homem, e não a Deus, a decisão final a respeito de quem será salvo.

No aspecto prático, que diferença tudo isso faz? Muita. Quando afirmamos não somente a essência do que os arminianos crêem (ver a citação anterior de Millard Erickson), mas também “o mais” que os calvinistas crêem (o sangue de Cristo obtém a fé e a perseverança dos eleitos), os crentes se tornam capazes de apreciar a morte de Cristo como um ato de amor onipotente, por meio do qual Cristo, nosso esposo, pagou por nós, buscou-nos, capacitou-nos com amor e nos preserva como sua única esposa amada, para sempre. O Amante de nossa alma pagou com seu próprio sangue, não somente para tornar possível o seu casamento, mas também para destruir as portas da prisão e tomar sua amada para Si mesmo. Vigor, estabilidade, coragem e regozijo resultam de reconhecermos a nós mesmos como pessoas amadas dessa maneira.





UM ENCONTRO ALEGRE COM JOSEF TSON

COLEGAS NA MESMA VISÃO SOBRE O SOFRIMENTO

Regozijeime por duas horas com o Dr. Josef Tson em meu escritório, na quarta-feira, 31 de janeiro de 1996. Naquela época, o Dr. Tson, que morava em sua terra natal, a Romênia, era o presidente da Sociedade Missionária da Romênia e presidente do Instituto Bíblico Emanuel, em Oradea (Romênia). Quando ouvi que ele estava em nossa cidade, apressei-me em ter um momento com ele, porque seu artigo “Teologia do Martírio” me comovera profundamente vários anos antes.

Na primavera de 1972, quando ele estava concluindo sua graduação em teologia, em Oxford, foi advertido de que, se retornasse à Romênia comunista, provavelmente seria preso, encarcerado e, talvez, morto. Ele deveria retornar para casa?

Naquela época, um dos professores mais populares de teologia, em Oxford, era G. B. Caird. Eu apreciava assistir às aulas dele, para absorver seus comentários sobre os diferentes livros do Novo Testamento... Tinha em mãos seu comentário sobre o livro de Apocalipse. Foi esse livro que me introduziu no ensino bíblico sobre o martírio. Foi ali que eu vi como Deus sempre conquista por meio de um amor altruísta e sacrificial. Foi ali que entendi o método de

Deus de enviar seu Cordeiro ao mundo, seguido por milhares de outros cordeiros, para vencer o mundo por proclamarem o amor de Deus e morrerem por amor à sua proclamação.

Este admirável princípio bíblico de que Deus sempre vence por meio do povo que pregará o evangelho e morrerá por ele me ajudou, sobremaneira, a ser capaz de retornar à Romênia. Deu-me a análise racional firme que eu necessitava para enfrentar o perigoso retorno ao lar. Sustentado por esse ensino, preguei, ensinei, escrevi durante quase uma década, pronto para ser martirizado pelo que estava fazendo, reconhecendo que a morte seria minha arma suprema de vitória e meu caminho para a glória mais sublime, no céu (Prefácio a Josef Tson, *Suffering, Martyrdom, and Rewards in Heaven*, Lanhan: University Press of America, 1997, p. xi-xii).

Que tempo admirável tivemos juntos naquela tarde, no mês de janeiro. Nunca havia experimentado algo semelhante. Não houve quase nenhuma conversa trivial. Logo fomos absorvidos pelos sublimes assuntos do sofrimento e da teologia bíblica. Numa consideração superficial, ele desaprovou veementemente o meu termo “hedonismo cristão”, que defendo e descrevo em meu livro *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist* (Sisters, Ore.: Multnomah Publishers, 1996). Uma pessoa não sofre às mãos do comunismo e aceita facilmente qualquer coisa chamada “hedonismo”.

Mas, numa consideração profunda (sobre a qual conversamos rapidamente), houve um coleguismo quase instantâneo. A certa altura de nossa conversa, ele me surpreendeu, ao levantar-se, dar dois passos em minha direção e, com um grande sorriso, apertar a minha mão, por causa do deleite que sentira por concordarmos teologicamente em relação ao papel do sofrimento e da renúncia no plano de salvação e no término da Grande Comissão. Em anos recentes, tenho chegado cada vez mais à conclusão de que o sofrimento está no âmago do que significa ser um cristão e fazer missões.

O Dr. Tson falou-me sobre o seu relacionamento pessoal com Martyn Lloyd-Jones (famoso pastor em Londres), que morreu em 1981. Contou-me que era o único estrangeiro nas reuniões de pastores, realizadas às segundas-feiras, quando ainda estudava em Oxford. Ele conhecia o doutor pessoalmente;

e Lloyd-Jones lhe disse que, juntamente com sua esposa, orava regularmente por ele, Josef Tson.

A respeito de gozo, o Dr. Tson disse que, em certa ocasião durante a opressão na Romênia, sua casa foi vasculhada pelos oficiais comunistas, porque ele era um pastor. Quase todos os seus livros foram confiscados. Ele disse que os soldados precisavam de provas de que estavam recebendo os livros dele mesmo. Por isso, disseram-lhe que sentasse à mesa e dedicasse por escrito cada livro achado em sua casa. Depois, ele precisou autografar o livro, enquanto os soldados tiravam fotos dele. Em um momento daquele processo tenso, o Dr. Tson pegou um livro cujo título era “Gozo Indizível e Plenitude de Glória”, que tinha o subtítulo “Esta é a sua Experiência Agora?”

Enquanto lia o título, o Dr. Tson fez a si mesmo aquela pergunta e — naquele momento — foi enchido pelo Espírito com um admirável gozo. A mudança foi tão profunda, que ele pediu a sua esposa que trouxesse café para os soldados e ficou livre de sua raiva e temor. Ele ainda tinha de pregar naquela semana. Toda a sua igreja sabia que ele havia sido despojado de seus livros e estava sendo interrogado diariamente pelas autoridades, de modo que não tivera tempo de preparar-se para a pregação. Quando ele pregou, falou sobre “a alegria do SENHOR é a vossa força” (Neemias 8.10). Disse que um dos homens foi tão cativado pela intensa força de seu regozijo, em meio àquela atmosfera de sofrimento, que não pode ouvir nada além do texto e foi quebrantado e profundamente mudado.

Senhor, agradeço-te pelo encontro e por Josef Tson. Peço-te que eu seja fiel à tua chamada e que a alegria do Senhor seja a força que me liberta, para amar os que me perseguem e pregar a verdade (quer chamem esta alegria de *Hedonismo Cristão*, quer não). Amém!





QUANDO JESUS NÃO RESPONDE UMA PERGUNTA

COMO NÃO SER UM CÃO NEM UM PORCO

MEDITAÇÃO SOBRE MARCOS 11.27-33

Os escribas e anciãos perguntaram a Jesus: “Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres?” Em vez de responder imediatamente, Jesus lhes disse: “Eu vos farei uma pergunta; respondi-me, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas” (Marcos 11.28-29).

Isso pode ser apenas uma ilustração do mandamento de Jesus: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas” (Mateus 7.6). Em outras palavras, Jesus estava testando os escribas e anciãos com uma pergunta. Queria mostrar-lhes se eram “porcos”. Se eram, Jesus não responderia a pergunta deles. Não daria aos cães o que era santo, nem lançaria as suas pérolas ante os porcos.

Então, Jesus perguntou: “O batismo de João era do céu ou dos homens?” (Marcos 11.30)

Os escribas e os anciãos foram encurralados por essa pergunta. Eles raciocinaram (se podemos chamá-lo assim): “Se dissermos: Do céu, dirá: Então, por que não acreditastes nele? Se, porém, dissermos: dos homens, é de temer o povo. Porque todos consideravam a João como profeta” (Marcos 11.31-32). O que é este suposto raciocínio? Isto é assumir uma postura, e não uma busca da verdade; é evasão e o prelúdio da decepção. Isto é viver pela conveniência, e não pela integridade.

Por isso, responderam a Jesus: “Não sabemos”. Essa é uma resposta de motivações políticas, sem qualquer compromisso com a verdade. Isto é o oposto do que o apóstolo Paulo apresentou como modelo aos crentes de Corinto: “Antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2 Coríntios 2.17). Para o apóstolo Paulo, a comunicação entre os homens estava relacionada primariamente com Deus. Esses escribas e anciãos conferenciaram secretamente e raciocinaram como se Deus não estivesse ouvindo — como se a principal Pessoa do universo não se importasse com a verdade.

Conseqüentemente, Jesus lhes disse: “Nem eu tampouco vos digo com que autoridade faço estas coisas” (Marcos 11.33). Em outras palavras, não responderei a pessoas como vocês. Não lançarei a pérola da verdade diante daqueles que desprezam a verdade com os cochichos da conveniência. Não responderei perguntas que procedem de corações que colocam a autopreservação acima da honestidade. Cães e porcos não se importam com a verdade. Importam-se apenas com o não serem apedrejados pelas multidões.

Quando Paulo disse aos crentes de Filipos: “Acautelai-vos dos cães” (3.2), explicou que no caso destes indivíduos “o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas” (Filipenses 3.19). Isto é o que os porcos e os cães fazem: fixam sua mente no retorno imediato de lavagem e de carne. Este é o deus deles.

Cães e porcos não se importam com honestidade e verdade, que lhes privará de algum conforto. Quando os escribas e os anciãos (ou você e eu) agimos desse modo, merecemos os nomes de “cão” e “porco”.

Se você quer andar com Jesus, não pode ser um cão ou um porco. Ele não falará com você, se você não for sincero e esconder o que pretende dizer, usando evasivas politicamente corretas. Portanto, aproximemo-nos de Cristo e falemos “na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2 Coríntios 2.17).





EM BUSCA DE REPOUSO

CONSIDERANDO O PROPÓSITO DE DEUS PARA O SONO

Nesta época do ano, às cinco horas da manhã de um domingo, o mundo não está às escuras, mas ainda não há qualquer cor. Tudo é preto, branco e cinza, exceto a luz de cor laranja que brilha sobre a garagem, à frente da rua, e se reflete pela janela de meu quarto. Não há brisa, e as folhas das árvores são vistas como uma foto na quietude. As estrelas já se foram, mas o sol ainda não despontou. Portanto, não podemos dizer se o céu cinzento é claro ou nublado. Logo saberemos.

Sento-me na beira da cama para tentar desenvolver uma teologia do sono. Por que Deus planejou que dormíssemos? Dormimos um terço de nossa vida. Pense nisto: um terço de nossa vida gasto como uma pessoa morta. Pense em todas as coisas que deixamos de fazer e que poderiam ter sido feitas, se Deus não tivesse idealizado que precisamos dormir. Não há dúvida de que Ele poderia nos ter criado sem a necessidade do sono. E como isto seria admirável: todas as pessoas poderiam se dedicar a duas carreiras e não se sentiriam cansadas. Todo crente poderia ser um “obreiro de tempo integral” e ainda manter sua carreira secular. Há tantas coisas que poderíamos fazer na obra de nosso Pai.

Por que Deus imaginou o sono? *Ele nunca dorme!* Deus teve essa idéia a partir do nada. Ele pensou no sono para as suas criaturas terrenas. Por quê?

Salmos 127.2 afirma: “Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão que penosamente granjeastes; aos seus amados ele o dá enquanto dormem”. De acordo com este versículo, o sono é um dom de amor, mas esse dom é freqüentemente desprezado pelo trabalho repleto de ansiedade. O sono tranqüilo é o contrário da ansiedade. Deus não quer que seus filhos se tornem ansiosos, e sim que confiem nEle. Então, chego à conclusão de que Deus fez o sono como uma recordação permanente de que não devemos ficar ansiosos, e sim descansar nEle.

O sono é instrumento da parte de Deus para recordar-nos, todos os dias, que não somos Deus. “É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel” (Salmos 121.4). Mas nós dormimos, pois não somos Deus. Uma vez por dia, Deus nos manda para a cama, como pessoas tomadas por uma doença. A doença é uma tendência crônica de pensarmos que estamos no controle e de que nosso trabalho é indispensável. Para nos curar dessa enfermidade, Deus nos torna em sacos de areia uma vez por dia. Quão humilhante para aquela pessoa que, por esforço pessoal, se tornou diretor de uma grande empresa é o fato de que ela tem de abandonar todo o controle e tornar-se tão frágil como uma criança que mama, todos os dias.

O sono é uma parábola de que Deus é Deus e de que somos apenas homens. Deus controla muito bem o mundo, mesmo enquanto um hemisfério dorme. O sono é como um disco riscado que repete a mesma mensagem todos os dias: o homem não é soberano... o homem não é soberano... o homem não é soberano. Não perca esta mensagem. Deus quer que confiemos nEle como o Grande Trabalhador, que nunca se cansa e nunca dorme. Deus está mais interessado em nossa confiança tranqüila, que lança sobre Ele todas as nossas ansiedades e dorme, do que nas noites mal dormidas e nas madrugadas em que acordamos cedo. “Não faz caso da força do cavalo, nem se compraz nos músculos do guerreiro. Agrada-se o SENHOR dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia” (Salmos 147.10, 11).





AMAREMOS A CRISTO NO FINAL DO ANO?

MEDITAÇÃO SOBRE 1 CORÍNTIOS 16.22

Se alguém não ama o Senhor, seja anátema.

Amaremos a Cristo no final do ano? Esta é uma pergunta absolutamente crucial, visto que Paulo disse: “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema” (1 Coríntios 16.22). Se não amamos a Cristo, somos anátemas e não salvos. Esta mesma urgência de amor está expressa em Mateus 24.12-13: “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”. Alguns tipos de amor podem se tornar frios e desfalecer. Isso não é o amor que persevera “até o fim” e “será salvo”. Temos de amar a Cristo para que sejamos salvos. Isto é sério e essencial. Não é uma opção ou algo supérfluo do cristianismo. A eternidade está em jogo. Mas, como você sabe que amará a Cristo até ao final deste ano e até ao final de sua vida? Qual é a sua esperança e plano para sustentar o amor a Cristo?

Encontrei ajuda num livro de 350 anos, escrito por Thomas Shepard, o fundador da Universidade Harvard e pastor em Cambridge (Massachusetts), que fora exilado da Inglaterra como um puritano. *The Parable of the Ten Virgins* (Morgan, PA: Soli Deo Gloria Publications, 1997) contém 635 páginas de me-

dições ricas em conteúdo bíblico no que diz respeito à diferença entre dois tipos de cristãos: o verdadeiro e o falso — as virgens que têm óleo nas lâmpadas e vão ao encontro do Noivo; as virgens que não têm óleo e são excluídas da festa de casamento na eternidade.

Uma secção é intitulada “A Verdadeira Graça Salvadora no Coração dos Crentes Nunca Pode Falhar”. O fato mais importante sobre esse livro e essa secção é que estão repletos das Escrituras. Ler uma obra como esta é como ler a Bíblia com os olhos de um grande santo que aprendeu a combater a incredulidade com o arsenal da Bíblia e a conquistar mil vitórias.

Eis um vislumbre de como Thomas Shepard responde à nossa pergunta. Ele aborda um temor após outro que pode roubar nossa confiança na perseverança de nosso amor por Cristo. Você teme a Satanás? — ele pergunta. Então, considere Mateus 16.18: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Satanás não prevalecerá contra você, que dará o último golpe e o ferirá (p. 357).

Você teme o mundo ou os seus enganos? Shepard aconselha: considere Mateus 24.24: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos”. Não é possível, anime-se. Você teme as coisas boas ou más do mundo? Considere João 17.15: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal”. Jesus orou por você, suplicando a Deus que o guarde do mal que há no mundo. Quanto mais Ele o guardará do bem perigoso!

Você teme que o seu pecado o separará de Deus? Considere Romanos 6.2: “Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” “O pecado é um inimigo forte, porém é um inimigo ferido, desfalecendo” (p. 358). Você teme ao Senhor, teme que tenha andado de modo indigno dEle? Considere Mateus 12.20: “Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja, até que faça vencedor o juízo”. “Oh! Conforte-se com esta verdade, nestes dias de declínio, e louve o Senhor!” (p. 358).

Isto é bastante sério: “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema”. Você ama o Senhor? Não somente creia nos fatos a respeito do Senhor, mas também ame o Senhor. A sua família ama o Senhor? Seus irmãos crentes amam o Senhor? E ainda mais crucial é esta pergunta: você continuará amando o Senhor? O que Thomas Shepard nos ensina é que conhecer a Palavra de Deus é essen-

cial para travarmos a batalha de permanecer em amor a Jesus. Rogo a todos vocês: não suponham que o amor a Cristo perpetua-se a si mesmo. Não. Esse amor tem de ser nutrido constantemente pela Palavra de Deus. Seus inimigos são inúmeros neste mundo. Contudo, “maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 João 4.4). E a Palavra de Deus é maior do que todas as promessas do pecado que matam o amor. Devemos ler freqüentemente a Palavra de Deus, estudá-la com profundidade, memorizá-la com sabedoria e usá-la decisivamente contra os inimigos do amor a Cristo. Sejam estimulados por advertências como a de 1 Coríntios 16.22 e por promessas como a de 1 Coríntios 2.9: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam”. Ame o Senhor. Ame-O.





“VEDE, POIS, COMO OUVIS”

A PREPARAÇÃO PRÁTICA PARA OUVIR

A PALAVRA DE DEUS NO DOMINGO DE MANHÃ

UMA MEDITAÇÃO SOBRE LUCAS 8.18

*Vede, pois, como ouvis;
porque ao que tiver, se lhe dará;
e ao que não tiver, até aquilo que
julga ter lhe será tirado.*

1. Peça a Deus que lhe dê um coração sincero e reto.

O coração de que necessitamos é uma obra de Deus. Esta é a razão por que temos de pedi-lo a Deus. “Dar-vos-ei coração novo” (Ezequiel 36.26). “Dar-lhes-ei coração para que me conheçam que eu sou o SENHOR (Jeremias 24.7). Devemos orar: “Senhor, dá-me um coração voltado para Ti. Dá-me um coração reto e sincero. Dá-me um coração sensível e receptivo. Dá-me um coração humilde e manso. Dá-me um coração frutífero”.

2. Medite na Palavra de Deus.

“Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia” (Salmos 34.8). No sábado à noite, leia algumas

porções deliciosas de sua Bíblia, tendo em vista despertar a sua fome por Deus. Este é o aperitivo para a refeição no domingo de manhã.

3. Purifique sua mente deixando de lado entretenimentos mundanos.
“Despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tiago 1.21). Admiro-me de que muitos crentes assistam aos mesmos programas de televisão, banais, vazios, tolos, triviais, excitantes, sugestivos e indecentes aos quais os incrédulos assistem. Isso nos torna insignificantes, fracos, mundanos e falsos em nossa adoração. Em vez disso, desligue a televisão no sábado à noite e leia algo verdadeiro, grande, belo, puro, honrável, excelente e digno de louvor (Filipenses 4.8). Seu coração se dilatará e será capaz de sentir grandeza novamente.
4. Confie na verdade que você já possui.
O ouvir da Palavra de Deus que falha no tempo da provação não tem raiz (Lucas 8.13). Qual é a raiz de que precisamos? É a confiança. Jeremias 17.7-8 diz: “Bendito o homem *que confia* no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas *raízes* para o ribeiro”. Confiar na verdade que você já possui é a melhor maneira de preparar-se para receber mais.
5. Descanse o suficiente no sábado à noite, para que esteja alerta e esperançoso no domingo de manhã.
“Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Coríntios 6.12). Não estou prescrevendo uma lei. Estou dizendo que há usos da noite de sábado que estragam a adoração no domingo de manhã. Não se deixe dominar por tais usos. Sem o sono suficiente, nossa mente fica obtusa, nossas emoções são superficiais, nossa tendência à depressão se eleva, e o nosso pavio se encurta. Meu conselho: decida a que hora você se levantará no domingo, de modo que tenha tempo para se alimentar, vestir-se, orar e meditar na Palavra de Deus, preparar a família e dirigir-se à igreja. Antes de tudo

isso, calcule que você precisará de oito horas de sono e assegure-se de que estará na cama uns quinze minutos antes daquela hora. Leia a sua Bíblia na cama e durma com a Palavra de Deus na mente. Exorto os pais a ensinarem os filhos adolescentes que sábado à noite *não* é a ocasião para ficarem até tarde com os amigos. Se precisam de uma noite especial para ficarem juntos até tarde, façam isso na sexta-feira. É terrível ensinar aos filhos que a adoração é tão opcional, que não importa se você está exausto quando vem ao culto.

6. Sejam pacientes uns com os outros no domingo de manhã, sem criticismo ou murmuração.

“Murmuraram em suas tendas e não acudiram à voz do SENHOR” (Salmos 106.25). A murmuração, as queixas e os conflitos no domingo de manhã podem arruinar o culto de adoração para uma família. Quando há algo por que você está irado ou algum conflito que você acha que precisa realmente ser tratado, tolere. É claro que, se *você* é o problema e precisa desculpar-se, faça-o tão imediatamente quanto possível (Mateus 5.23-24). Mas, se você está irado por causa das brincadeiras dos filhos ou erros de seu cônjuge, seja paciente, seja tardio em irar-se e pronto para ouvir (Tiago 1.19). Em adoração, abra seu coração para Deus e exponha a trave em seu olho. Talvez você seja humilhado e corrigido, e nenhum conflito sério seja necessário.

7. Seja manso e disposto a aprender quando chegar à igreja.

“Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tiago 1.21). A mansidão e a disposição de aprender não são ingenuidade. Você tem a sua Bíblia e sua mente. Use-os. Mas, se chegamos à igreja mal-humorados e com suspeita da pregação, semana após semana, não ouviremos a Palavra de Deus. Mansidão é uma prontidão humilde em relação à verdade de Deus, com um anelo de ser mudado por ela.

8. Permaneça quieto, quando entrar no local de culto e focalize sua mente e afeições em Deus.

“Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Salmos 46.10). Quando entrarmos no local de culto, cheguemos interessados por Deus e saíamos interessados pelas pessoas. Venha com um humilde e profundo desejo de buscar a Deus e o seu poder. Não seremos uma igreja desagradável, se formos ativos em nossa busca por *Deus*, durante o prelúdio, e ativos em nossa busca pelos *visitantes*, durante o poslúdio.

9. Pense sinceramente a respeito dos hinos e dos cânticos, das orações e da pregação.

“Irmãos, não sejais meninos *no juízo*; na malícia, sim, sede crianças; quanto *ao juízo*, sede homens amadurecidos” (1 Coríntios 14.20). Paulo disse a Timóteo: “*Pondera* o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas” (2 Timóteo 2.7). Tudo que é digno de ser ouvido também é digno de que pensemos a seu respeito. Se você presta atenção à maneira como ouve, pense também sobre aquilo que você ouve.

10. Deseje a verdade da Palavra de Deus mais do que você deseje riquezas ou refeições.

“Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação” (1 Pedro 2.2). Enquanto você permanece assentado e medita no texto bíblico, nos hinos e nos cânticos, recorde-se do que Salmos 19.10-11 afirma a respeito das palavras de Deus: “São mais *desejáveis* do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos”.



“POR QUE ME CHAMAS BOM? NINGUÉM É BOM, SENÃO UM, QUE É DEUS.”

O QUE O JOVEM RICO PRECISAVA APRENDER SOBRE A BONDADE DE DEUS

Em Lucas 18.18-19, lemos: “Certo homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus”.

Por que Jesus respondeu assim? O foco da pergunta não é meramente por que Jesus desviou de Si mesmo para Deus uma atribuição de bondade, e sim por que Ele tomou esse curso, ao responder. Por que Jesus selecionou aquela que parecia ser uma palavra incidental da afirmação de um homem, focalizando-a, em vez de abordar imediatamente a pergunta sobre a vida eterna? Há mais do que podemos observar à primeira vista. Considere comigo o que significavam as palavras de Jesus ditas ao jovem rico — “Ninguém é bom, senão um, que é Deus”.

1. Jesus quis dizer: “Você não é bom. Se somente Deus é bom, e você não é Deus, você não é bom. E sua busca pela vida eterna não achará satisfação, se você levar em conta a sua própria bondade. Ser bom é aquilo que Deus é. Você é mau (Mateus 7.11). Atente, então, ao que você dirá: ‘Tudo isso [esses mandamentos] tenho observado desde a minha juventude’ (Lucas 18.21)”.

2. Jesus quis dizer: “A bondade de Deus é sua única esperança de vida eterna. Esta é a razão por que mencionei a bondade de Deus bem no início. Não estou me prendendo a uma palavra especial em sua pergunta dirigida a mim (*‘Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?’*). Estou focalizando sua atenção na fonte da vida eterna que você deseja. A bondade de Deus, e não a sua — ou a de qualquer outro homem (como você me vê) lhe dará a vida eterna. Eu sei que você não me vê como Deus, e sim como um homem, meramente um homem. Esta é razão por que desviei de mim o vocábulo ‘bom’ e o atribuí a Deus. É o seu ponto de vista, e não o meu, que me leva a fazer isso. Enquanto você me vir como um homem qualquer, resistirei à sua atitude de chamar-me bom”.
3. Jesus quis dizer: “Sua única esperança não é o falar com bons mestres, e sim o invocar a Deus e clamar: ‘Ó Deus Salvador, sacia-me de manhã com a tua benignidade (Salmos 90.14) e mostra-me a tua bondade em conceder-me a vida eterna, porque eu olho, não para mim mesmo ou para qualquer homem, e sim para Ti’ ”.
4. Jesus quis dizer: “Minha ênfase na bondade de Deus, que nos satisfaz plenamente, é o principal ensino dos primeiros quatro dos Dez Mandamentos — e essa ênfase é a razão por que não os mencionei a você (*‘Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe’* (Lucas 18.20). *Somente Deus é bom*. Este é o ensino principal da primeira tábua da Lei. Não tenha outro Deus, além desse Deus todo-bondoso, não tome seu bom nome em vão, santifique a sua maravilhosa bondade a cada sete dias, desfrutando a sua boa dádiva do descanso, não faça um ídolo que você adorará, porque Deus, somente Deus, é bom”.
5. Jesus quis dizer: “Os mandamentos que citei são aqueles que lhe mostrarão se você tem valorizado somente a Deus como o bem que satisfaz completamente a sua vida. Se você mata, ou mente, ou come-te adultério, ou rouba, está evidentemente apreciando algum outro bem acima de Deus”.

6. Jesus quis dizer: “Quando citei a segunda tábua dos Dez Mandamentos, deixei fora o mandamento de *não cobiçar* porque quero torná-lo penetrante e mostrar-lhe que você não tem concordado com o seguinte princípio: venda tudo o que você tem, dê-o aos pobres... venha e siga-me. Ou seja, pare de cobiçar riquezas e segurança. Em vez disso, comece a descansar somente na bondade de Deus. Pare de permitir que seu amor à posição social, ao poder e à tranquilidade o torne insensível para com os pobres. O problema de sua vida é que você não percebe quão bom é Deus”.
7. Jesus quis dizer: “Quando eu disse: ‘Siga-me’, essas palavras significam: junte-se àqueles que estão dispostos a deixar tudo e achar, em minha presença e comunhão, a bondade de Deus. Se você me seguir, logo saberá quão perto e quão distante você está do reino, ao chamar-me bom”.

Ó Pai misericordioso, Tu és bom. Achegamo-nos a Ti para aprender sobre a tua bondade e experimentá-la. Nenhum homem é bom. E, se Jesus não fosse um contigo no mistério da encarnação, Ele seria um mero homem e não seria bom. Jesus é bom, porque Ele é um contigo e Tu és bom. Teu coração é bom; tuas promessas, boas; tuas advertências, boas; teus mandamentos, bons. Não temos qualquer bem à parte de Ti. Abandonamos todo o “bem” e todas as “bondades” do mundo. Tu és o nosso tesouro. Mantém-nos neste caminho estreito que conduz à vida. Que o desprendimento deste mundo dê glória à tua bondade. Na terra, não existe nada que anelamos além de Ti.





VOCÊ QUASE NÃO PODE ENSINAR NOVOS TRUQUES A CACHORRO VELHO

REFLEXÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

Depois de eu haver ensinado sobre Lucas 5.39 (“Ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente”), alguém me sugeriu: “Talvez o que Jesus estava dizendo era que você não pode ensinar novos truques a cachorro velho”. Isso está quase correto. A verdade é esta: Jesus e seus ensinamentos eram o vinho novo que viera ao mundo, mas os escribas e os fariseus não podiam levar a si mesmos a provar aquele vinho, e menos ainda a desfrutá-lo.

No que diz respeito a mudanças de convicções religiosas sustentadas durante muito tempo, essas mudanças são quase impossíveis de acontecerem. Suponha que você tenha abraçado uma convicção doutrinária por mais de cinquenta anos, e a tenha ensinado em aulas da escola dominical, e tenha se regozijado nessa convicção em seus momentos de devoção pessoal. E suponha que você esteja errado. Alguém aparece e lhe oferece o vinho novo de um ponto de vista contrário à sua convicção doutrinária, e este ponto possui apoio bíblico convincente e uma grande tradição histórica. Você, o “cachorro velho”, aprenderá esse “novo truque”? Os obstáculos são imensos.

Em primeiro lugar, a fim de mudar minha convicção aos 65 anos, tenho de admitir que pensei e cri de modo errado durante várias décadas. Isso é

muito difícil para o meu ego. Como pude ignorar a verdadeira evidência por tanto tempo? Como pude ter sido ilógico em todo este tempo? Fechei meus olhos de propósito, indiferente à verdade? Nossa natureza humana se rebela contra o fazer essas admissões e quase sempre podemos achar desculpas para não aceitar o “novo truque”, não importando quão convincente seja o seu respaldo bíblico.

Em segundo lugar, durante todos estes anos, tenho desenvolvido meu relacionamento com Deus servindo-me de uma idéia errada. Tenho me deleitado num ponto de vista que não é verdadeiro. Isto não somente é árduo para o meu ego, mas também ameaça fazer com que meu relacionamento com Deus pareça superficial e abstrato.

Em terceiro lugar, se eu estou errado neste ponto, tenho enganado outras pessoas em todos estes anos. Ensinei coisas erradas a meus filhos, a meus alunos de escola dominical e à minha igreja. A disposição de rejeitar perante os outros essa acusação de meu ministério é tão forte, que meu subconsciente se engaja numa campanha injuriadora, para desacreditar esse “vinho novo”.

No entanto, eu ainda afirmo: você *quase* não pode ensinar novos truques a um cachorro velho. Há razões por que a mudança é possível. A mais importante é que o Espírito Santo dá o fruto de humildade, de modo que as ameaças ao nosso ego são anuladas. Ele abre nosso coração, para que atentemos ao que temos resistido (Atos 16.14). O que a carne e o sangue não podem fazer, Deus pode: “Não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (Mateus 16.17). Paulo tinha muita confiança nesta obra de Deus. Ele a expressou em Filipenses 3.15: “Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, *também isto Deus vos esclarecerá*”. Os cachorros velhos em Filipos seriam mudados no devido tempo.

Uma das maneiras que o Espírito Santo usa para ajudar-nos a mudar é ensinar-nos que Deus é misericordioso para com nossas idéias incorretas a respeito dEle e está disposto não somente a ter comunhão conosco, mas também a abençoar outros, apesar de nossas concepções defeituosas. Paulo nos recorda: “Porque, em parte, conhecemos... Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado... Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido” (1 Coríntios 13.9-12). Então,

podemos descansar no fato de que nosso relacionamento com Deus tem sido autêntico e que pessoas têm sido abençoadas por nosso ministério, embora tenhamos espalhado idéias defeituosas a respeito de Deus e de seus caminhos.

Isto não significa que a verdade não é importante. A má teologia prejudicará, eventualmente, as pessoas e desonrará a Deus na proporção de sua má qualidade. J. I. Packer nos lembra: “A teologia evangélica é exata e bem definida, porque resulta de séculos de controvérsia que refletem a convicção de que, *onde a verdade fracassa, ali a vida fracassa também*” (*Keep in Step with the Spirit*, Old Tappan, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1984, p. 173). Entretanto, Deus é paciente e misericordioso, enquanto a fé tateia o seu caminho rumo ao entendimento. E isso nos liberta, como cachorros velhos que somos, para fazermos os ajustes necessários, enquanto nos esforçamos para eliminar a madeira, o feno e a palha que serão queimados no Último Dia (1 Coríntios 3.12-13). Packer nos dá uma opinião equilibrada e cheia de esperança a respeito da verdade crucial e da tolerância compassiva no coração:

É certo que Deus abençoa os crentes exata e invariavelmente por revelar para eles parte da sua verdade, e aquela crença errada, como tal, é em sua natureza espiritualmente exposta e destruída. Contudo, aqueles que lidam com as pessoas se admirarão, vez após vez, da graciosa generosidade com que Deus abençoa os necessitados, os quais esperam de nós aquilo que parece ser uma verdade minúscula escondida em um amontoado de erro mental. Como já disse, inúmeros pecadores experimentam realmente a graça salvadora de Cristo Jesus e o poder transformador do Espírito Santo, enquanto suas idéias a respeito de ambos são esquisitas e, em grande parte, erradas. Onde estaria qualquer um de nós, se a bênção de Deus fosse concedida somente quando nossas idéias estivessem corretas? Todo crente, sem exceção, recebe mais ajuda e misericórdia do que a qualidade de suas noções lhe garantem (*Keep in Step with the Spirit*, p. 20).



JESUS NOS LIVRA DA IRA VINDOURA

FELICIDADE IRRESTRITA

MEDITAÇÃO SOBRE 1 TESSALONICENSES 1.10

Jesus... nos livra da ira vindoura.

Já disse em outra ocasião como foi muito bom para mim, quando ainda era jovem, ouvir meu pai-pregador dizer, com a expressão mais sincera que eu podia imaginar: “Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hebreus 9.27).

Para que o evangelho seja lógico, temos de esperar e temer a ira de Deus. Mas temer e esperar a ira de Deus implica que temos de desprezar o pecado como uma ofensa a Deus. Todavia, para desprezarmos o pecado dessa maneira, devemos conhecer e amar a Deus como supremamente santo, puro e justo. Essa é a razão por que a afirmação do propósito que fundamenta a visão de nossa igreja é tão relevante: “Existimos para disseminar a paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas, para a alegria de todos os povos, por meio de Jesus Cristo”. Enquanto não houver uma paixão por essa supremacia, haverá pouco temor da ira de Deus. E, sem o temor da ira de Deus, quem cantará e anunciará estas palavras: “Jesus... nos livra da ira vindoura” (1 Tessalonicenses 1.10)? E, se não estamos cantando e anunciando as boas-novas, por que nos importariamos em contá-las aos outros?

Temos de pensar demoradamente no ponto de vista bíblico sobre o mundo, até que ele substitua o ar mundano que respiramos todos os dias. E um dos aspectos do ponto de vista bíblico sobre o mundo é a realidade da ira de Deus. Fala-se pouco sobre ela. Mas, que assunto poderia ser mais crucial e relevante? Sem conhecê-lo e senti-lo como deveríamos, nossa seriedade será superficial e nossa felicidade, restrita. Então, por causa da autenticidade de sua vida cristã, por causa de sua própria alegria e de sua estabilidade, quando os ventos da frivolidade ameaçarem sua alma, medite sobre a ira de Deus.

“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Romanos 1.18).

“Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça” (Romanos 2.5-8).

“Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição” (Romanos 9.22).

“Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei” (Romanos 12.19).

“Éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Efésios 2.3).

“Por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” (Efésios 5.6).

“Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza,

paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria; por estas coisas é que vem a *ira de Deus* sobre os filhos da desobediência” (Colossenses 3.5-6).

“E disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da *ira do Cordeiro*, porque *chegou o grande Dia da ira deles*; e quem é que pode suste-se?” (Apocalipse 6.16-17).

“Deus não nos destinou para a *ira*, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5.9-10).

“Jesus... que nos livra da ira vindoura!”





UM SURPREENDENTE ENDOSSO À DOCTRINA

ENSINE-NOS O QUE A BÍBLIA DIZ

Deus atribui preeminência à doutrina. Mas os evangélicos não têm feito isso até recentemente. No livro de Deus, conhecer o Filho e crer nos fatos verdadeiros a respeito dEle significa liberdade. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8.32). A auto-revelação de Deus na Bíblia não é flexível e adaptável. Paulo a chama de “a forma de doutrina a que fostes entregues” (Romanos 6.17). Essa doutrina é um modelo, um padrão de medida. A verdade é medida pela doutrina. Em outras partes da Bíblia, Paulo a chamou de “todo o designio de Deus” (Atos 20.27), “o padrão das sãs palavras” e “o bom depósito” (2 Timóteo 1.13-14). Essa doutrina não muda. Nossa salvação eterna é determinada pelo fato de crermos nela: “O que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho” (2 João 9). Afaste-se da doutrina, e você se afastará de Cristo. Ou melhor, tenha cuidado da doutrina e você salvará “tanto a si mesmo como aos seus ouvintes” (1 Timóteo 4.16).

Isto é um sublime elogio à boa doutrina. Você talvez imaginaria que os evangélicos se mostram unânimes. Mas provavelmente ouviremos afirmações tais como: “Cristo une, a doutrina divide”; “Pergunte em quem você crê e não em que você crê”. A minimização da doutrina bíblica é comum. Contudo, se não estamos dispostos a receber de Deus uma sublime estimativa da doutrina bíblica, talvez possamos recebê-la de George Barna.

Ele tem feito pesquisas entre os evangélicos americanos, a fim de observar se praticamos o que pregamos. Está descobrindo que não pregamos doutrina com base nas Escrituras e, conseqüentemente, não agimos de modo diferente do mundo. Por exemplo, Barna disse que os evangélicos se divorciam quase à mesma taxa do restante da nação. Somente 9% dos evangélicos dão o dízimo. Dentre 12.000 jovens que assumiram o compromisso de esperar até ao casamento, 80% tiveram sexo fora do casamento, nos sete anos seguintes. 29% dos evangélicos tradicionais não pensa que é errado o sexo antes do casamento. Os evangélicos brancos se mostram mais dispostos a rejeitarem vizinhos negros do que os católicos e outros principais grupos protestantes.

De acordo com a definição de George Barna, um evangélico está pronto a dizer: “Fiz um compromisso com Jesus Cristo que até hoje é importante em minha vida”. Além disso, os evangélicos concordam em vários outros assuntos como: Jesus viveu uma vida sem pecados; a salvação eterna é somente por meio da graça, e não das obras; os crentes têm uma responsabilidade pessoal de evangelizar os não-crentes; Satanás existe. Barna disse que entre 7 a 8% da população dos Estados Unidos está neste grupo. E não vivem de um modo substancialmente diferentes das pessoas do mundo.

No entanto, Barna desenvolveu agora um novo conjunto de critérios que define um grupo no evangelicalismo que tem “um ponto de vista bíblico sobre o mundo”. Isso significa que eles dizem que “a Bíblia é o padrão moral” e que “verdades morais absolutas existem e são transmitidas em toda a Bíblia”. Além disso, eles crêem que Deus é o Criador onisciente e todo-poderoso, que governa o universo, que a salvação não pode ser obtida por meio dos atos deles mesmos e que a Bíblia é totalmente exata em todos os seus ensinamentos. Este grupo é substancialmente menor do que o grupo evangélico mais amplo.

Para aqueles que depreciam a doutrina, considerando-a problemática, pode ser uma surpresa que este grupo viva de modo diferente do mundo. Ronald Sider, em seu novo livro, *The Scandal of the Evangelical Conscience* (O Escândalo da Consciência Evangélica), descreve a diferença:

Eles são provavelmente 9 vezes mais dispostos do que todos os outros a rejeitar o material “somente para adultos” que veicula na Internet. Eles são 4 vezes mais capazes do que os outros cren-

tes a boicotar empresas e produtos questionáveis e 2 vezes mais aptos a escolher não assistir um filme especialmente por causa de seu péssimo conteúdo. São 3 vezes mais capazes do que os outros adultos a não usar produtos de tabaco e 2 vezes mais dispostos a ajudar pessoas necessitadas. 49% de todos os cristãos nascidos de novo que sustentam um ponto de vista bíblico sobre o mundo têm se oferecido como voluntários, trabalhando por mais de uma hora por semana, para uma organização que ministra aos pobres; enquanto somente 29% de cristãos nascidos de novo que não têm um ponto de vista bíblico sobre o mundo e 22% de cristãos não nascidos de novo fizeram isso.

A conclusão é que a doutrina é importante. Sider expôs este conceito assim:

As descobertas de Barna concernentes ao comportamento diferente de cristãos que têm um ponto de vista bíblico sobre o mundo enfatiza a importância da teologia. A ortodoxia bíblica é realmente importante. Uma maneira relevante de acabar com o escândalo do comportamento cristão contemporâneo é agir e orar fervorosamente em favor do crescimento da ortodoxia teológica em nossas igrejas.

Quem teria imaginado o que lhes diria o próprio sistema de pesquisas que seduz muitos a conhecerem a opinião popular: pare de buscar a opinião popular e ensine o que a Bíblia diz?





USE MÉTODOS, MAS NÃO CONFIE NELES; CONFIE EM DEUS

UMA LIÇÃO DA VIDA E ENSINO DE GEORGE MÜLLER

Isto parece tão simples; e, como um princípio, é bastante simples. Mas, na prática, nós, pecadores, somos inclinados a confiar nos meios e não em Deus. Faço planos freqüentemente e percebo que meu entusiasmo cresce ou diminui, à medida que os planos são perspicazes ou não. Isto é confiar em planos e não em Deus. Sem dúvida, Ele deseja que utilizemos meios para realizar a sua obra. Todavia, é evidente que Deus não deseja que confiemos nestes meios. “O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do SENHOR” (Provérbios 21.31). Portanto, nossa confiança deve estar no Senhor e não em cavalos. “Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, nosso Deus” (Salmos 20.7).

A vida de George Müller foi dedicada a comprovar esta verdade. Em certa ocasião, ele explicou como esta verdade se relaciona à nossa vocação. Devemos trabalhar para obter nosso sustento e suprir nossas necessidades. No entanto, não devemos confiar em nosso trabalho, e sim em Deus; pois, do contrário, sempre estaremos ansiosos pelo fato de que nossas necessidades não serão satisfeitas, se não pudermos trabalhar. Entretanto, se estamos confiando em Deus, não em nosso trabalho, e se Ele ordenar que percamos nosso trabalho, podemos estar certos de que Deus satisfará nossas necessidades; assim, não precisaremos ficar ansiosos. Eis a maneira como Müller apresentou o assunto:

“Por que estou realizando este trabalho? Por que estou envolvido neste negócio ou nesta carreira?” Em muitas instâncias, no que diz respeito à minha experiência, que reuni no ministério entre os crentes, durante os últimos cinquenta e um anos, creio que a resposta seria: “Estou envolvido em minha vocação terrena para que tenha meios de conseguir as coisas necessárias da vida, para mim e minha família”. No que se refere à vocação terrena dos filhos de Deus, este é o principal erro do qual resultam quase todos os demais erros nutridos por eles — não é bíblico nem correto estar envolvido em um negócio, uma profissão, uma vocação apenas para ter meios de conseguir as coisas necessárias à vida, pessoal e familiar. Mas, devemos trabalhar, porque é a vontade de Deus para nós. Isto é evidente das seguintes passagens bíblicas: 1 Tessalonicenses 4.11-12, 2 Tessalonicenses 3.10-12 e Efésios 4.28.

É verdade que o Senhor provê as necessidades da vida por intermédio de nossa vocação secular. No entanto, esta não é a razão por que devemos trabalhar; isto é bastante claro da seguinte consideração: se o possuímos as coisas necessárias à vida dependesse de nossa capacidade de trabalhar, nunca ficaríamos livres de ansiedade, pois sempre teríamos de perguntar a nós mesmos: “O que farei quando estiver velho e não puder mais trabalhar? Ou, quando, por causa de enfermidade, for incapaz de ganhar o pão de cada dia?” No entanto, se, por outro lado, estamos envolvidos em nossa vocação terrena, porque é a vontade de Deus que trabalhemos e que, fazendo isso, sejamos capazes de fazer provisão às necessidades de nossos queridos, bem como ajudar os fracos, os doentes, os idosos, os necessitados; assim, temos um motivo excelente e bíblico para dizermos: “Se agradar ao Senhor colocar-me na cama, por causa de enfermidade, ou impedir-me, por causa de doença, idade avançada ou falta de emprego, de obter o meu pão de cada dia, por meio do trabalho de minhas mãos, meus negócios ou minha profissão, Ele mesmo providenciará o necessário para mim” (*A Narrative of Some of the Lord's Dealing with George Mueller, Written by Himself, Jehovah Magnified. Addresses by George Mueller*

Complete and Unabridged, vol. 1, Muskegon, Mich., Dust and Ashes Publications, 2003, p. 393).

Esta verdade se aplica não somente à nossa vocação secular, mas a todas as áreas de nossa vida. Momento após momento, usamos meios para manter nossa vida e realizar os propósitos de Deus (comida, telefone, casa, remédios, carro, pedreiros, médicos, etc.). Temos de aprender a lição de não confiar nestas coisas, quando as usamos, e sim confiar plenamente em Deus. Isto se aplica também ao planejamento para a nossa igreja. Fazemos planos. Elaboramos orçamentos. Ensinamos, pregamos e aconselhamos. A tentação permanente é a de confiarmos nestas coisas e não em Deus, para agir com, por intermédio de ou sem estas coisas. Portanto, enquanto sonhamos a respeito de missões e de nosso ministério, utilizemos meios, mas confiemos em Deus. As promessas dEle são as únicas coisas seguras. Todos os nossos meios são falíveis.

George Müller resumiu assim este princípio: “Este é um dos grandes segredos relacionados ao serviço bem-sucedido para o Senhor — trabalhar como se todas as coisas dependessem de nossa diligência, mas, apesar disso, não depender do menor de nossos esforços, e sim das bênçãos do Senhor” (*Narrative*, vol. 2, p. 290). Ou, conforme a Bíblia o diz: “Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2.12-13). E, ainda mais de acordo com a ênfase desta meditação, Paulo declara: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Coríntios 15.10).





O QUE CRISTO COMPROU COM O SEU SANGUE PARA OS NOSSOS FILHOS?

A BÊNÇÃO E OS LIMITES DE ANCESTRAIS CRISTÃOS

Felizmente, o sangue de Cristo divide e une famílias. “Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão... Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe” (Lucas 12.51, 53). “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim” (Mateus 10.37). Isto é boas-novas. Significa que nascer em uma família incrédula não é uma maldição garantida. Uma família pode ser graciosamente quebrantada pela crença de um filho.

Quando Paulo disse aos gentios convertidos: “Fostes comprados por preço” (1 Coríntios 6.20; 7.23), ele sabia que o sangue de Cristo havia quebrado uma ascendência familiar de incredulidade. Se você é descendente de pessoas incrédulas, ouvir estas palavras de Paulo lhe será boas-novas: “Estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa” (Romanos 9.8).

A biologia não sela qualquer maldição, nem garante qualquer bênção. Isto é um aviso contra o desespero de ser nascido em uma família pagã e contra a presunção de possuir pais crentes.

Mas, o sangue de Cristo não comprou nenhum privilégio para os filhos dos crentes? O sangue de Cristo não uniu as famílias através das gerações?

O que você diz sobre Atos 2.39: “Para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar”? E o que acha de Salmos 103.17-18: “Mas a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos, para com os que guardam a sua aliança e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem”? E o que você diz sobre Êxodo 20.5-6: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”.

Sim, Cristo adquiriu privilégios para os filhos dos crentes. Mas não garantiu a salvação deles. Estas três passagens bíblicas deixam claro que as bênçãos que virão às futuras gerações de crentes alcançarão apenas aqueles que são chamados por Deus (Atos 2.39), que guardam a sua aliança (Salmos 103.18) e que O amam (Êxodo 20.6). Todos os filhos dos crentes amam a Deus e guardam a aliança com Ele, pela fé em Cristo? Não. Na Bíblia, há muitos exemplos de crentes cujos filhos não creram, e esses exemplos nos mostram que a fé dos pais não garante a dos filhos.

O objetivo de Romanos 9.7-13 é mostrar que Isaque e não Ismael, Jacó e não Esaú, recebeu a bênção completa proveniente de ser nascido de pais crentes. O sangue de Jesus divide não somente quando os pais são incrédulos, mas também quando os filhos são incrédulos. Isso era o que Jesus tinha em mente, quando disse: “Os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim” (Mateus 10.36, 37). Um pai crente pode encarar esta escolha: lealdade a Cristo ou ao filho?

Mas digo outra vez: Cristo comprou realmente privilégios para os filhos dos crentes. Pareceria sem lógica dizer: “Para vós outros é a promessa, para vossos filhos” (Atos 2.39), bem como: “A sua justiça, sobre os filhos dos filhos” (Salmos 103.17), se isso não tivesse mais significado para uma descendência cristã do que para uma descendência pagã. Há um bem para os filhos dos crentes.

Deus afirma em Jeremias 32.39: “Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, *para seu bem e bem de seus filhos*”. Este bem não é a garantia da fé, e sim o dom da Palavra de Deus (Deuteronômio 6.6-7), a restrição sob a disciplina orientada por Deus (Efésios 6.4), a demons-

tração do amor de Deus (Colossenses 3.21) e o poder da oração (Jó 1.5). Deus resolveu agir, regular e normalmente, por intermédio desses instrumentos para a salvação dos filhos dos crentes.

Foi por isso que Cristo morreu. Os pais crentes honram o sangue de Cristo quando, por amor aos seus filhos, seguem esses meios determinados por Deus.





DEUS OPERA MARAVILHAS

NUM ESTADO DE OEDIÊNCIA RESOLUTA

E NA COMPLETA DESOEDIÊNCIA

1. Não sonhe nem ore pequeno demais no que concerne ao que Deus pode fazer para salvar pecadores e glorificar seu nome em meio à obediência resoluta.

Regularmente, Deus realiza suas maravilhas de misericórdia e salvação em meio à nossa obediência resoluta. Por exemplo, Paulo disse:

“Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade” (2 Timóteo 2.24-26).

Nosso dever é a obediência resoluta: não viver a contender, ser brando e paciente, não retribuir o mal com o mal, corrigir com gentileza. Em meio a essa obediência resoluta, Deus pode lhes conceder “o arrependimento”. Não devemos supor que nada extraordinário acontecerá, enquanto perseveramos em nossa fidelidade diária. É neste ponto que Deus gosta de agir de manei-

ras sobrenaturais.

Então, devemos orar: “Senhor, faz com que o fruto de nossa vida seja maior do que a medida de nossa fidelidade”.

2. Não sonhe nem ore pequeno demais no que concerne ao que Deus pode fazer para salvar pecadores e glorificar seu nome em meio à completa desobediência.

Deus não está limitado a agir somente quando somos obedientes, oramos e sonhamos com suas intervenções.

Por exemplo, em Atos 22.5-8, Paulo nos fala a respeito de como Cristo irrompeu em sua vida completamente rebelde, quando ninguém havia planejado nem sonhado com isso.

“De que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes, recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos. Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente, grande luz do céu brilhou ao redor de mim. Então, caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Perguntei: quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues”.

Em meio à completa desobediência de Paulo, Deus interveio e o tornou um grande missionário. Eis uma versão contemporânea do poder de intervenção de Deus. D. James Kennedy, pastor da Igreja Presbiteriana de Coral Ridge, nos conta a história de sua conversão no livro *Indelible Ink* (Marca Indelével), editado por Scott Larsen (WaterBrook Press, 2003):

Aos vinte e três anos de idade, eu era um indiferente espiritual. Pior do que isso, estava completamente satisfeito com meu estilo de vida secular como instrutor no estúdio de dança Arthur Murray, em Tampa. Eu havia parado o curso na universidade, e estava

ganhando dinheiro por fazer algo que apreciava muito. Era solteiro, popular e livre de restrições morais. Não me recordo de ouvir antes o evangelho.

Isso foi antes de meu rádio-relógio surpreender-me com algo inesperado, em meu apartamento alugado em South Boulevard, em Tampa. Eu chegara de uma festa de danças que durara toda a noite e regulei o aparelho para me despertar na hora certa, com música apropriada, para um retorno tranqüilo à consciência. Mas o que ouvi naquela tarde de domingo foi... a voz trovejante do Dr. Donald Gray Barnhouse, pastor da Décima Igreja Presbiteriana na cidade de Philadelphia. Pulei imediatamente da cama para mudar a sintonia do rádio, mas fui barrado quase no meio do caminho por uma pergunta que não pude evitar.

Em seu tom penetrante e vigoroso, pelo qual ele era famoso, este grande pregador e evangelista de rádio perguntou: “Suponha que você morresse hoje, e comparecesse diante de Deus, e Ele lhe perguntasse: ‘Que direito você tem para entrar no meu céu?’, o que você responderia?” Fiquei completamente desorientado. Nunca havia pensado naquilo, e minha indiferença se evaporou.

Sentei-me na beira da cama, como se estivesse paralisado, tentando encontrar uma resposta para essa pergunta simples. Tive bom senso suficiente para compreender que, embora não tivesse qualquer familiaridade com a Bíblia, esta era a pergunta mais importante que já penetrara a minha mente (p. 69-70).

Em sua misericórdia, Deus levou Kennedy a uma banca de revistas na esquina mais próxima, onde ele perguntou: “Vocês têm livros religiosos?” Venderam-lhe uma cópia de *The Greatest Story Ever Told* (A Maior História Já Contada), escrito por Fulton Oursler. Desta maneira, sem qualquer plano ou sonho humano, Deus salvou o D. James Kennedy.

Portanto, sigamos a obediência resoluto, mas também oremos: “Senhor, dá vida nova e glorifica o teu nome onde nenhum homem sonhou ou planejou isso”.





A IGREJA DEVE SER GUIADA SOMENTE POR DECISÕES UNÂNIMES?

CARTA A UM AMIGO A RESPEITO DE COMO FUNCIONA A LIDERANÇA

Alguém me desafiou, recentemente, a mostrar-lhe por que todas as decisões da liderança da igreja não devem ser unânimes. Em outras palavras, por que devemos seguir adiante sem uma liderança unânime? A pergunta era: “Em que parte da Bíblia há uma passagem em que a discordância não incluiu pecado de uma das partes ou que não tenha levado à divisão? Onde há nas Escrituras um exemplo de discordância, sobre determinado assunto, na qual os crentes mantiveram a comunhão e trabalharam juntos?

Amamos a unidade e a unanimidade em nossas igrejas; e, tanto quanto possível, desejamos que haja concordância quando a igreja vota a respeito de um assunto. Mas não exigimos unanimidade para que a igreja siga adiante. Eis o que escrevi para explicar este assunto:

Em primeiro lugar, percebo uma mentalidade perfeccionista por trás dessa pergunta. Esta mentalidade tem dificuldades para viver com ambigüidades, imperfeições e incertezas. Ela tende a exigir respaldo bíblico para assuntos que podem não ser achados na Bíblia. Penso que é essencialmente errado aproximar-nos da Bíblia com a idéia de que a ausência de ensino sobre a necessidade de concordância pode ser substituída pela presença uniforme de

unanimidade (ainda que isso estivesse nas Escrituras, o que eu duvido). Isto equivaleria à mentalidade que pergunta: “No Novo Testamento, há alguma passagem que se refere ao templo de uma igreja?” Conclusão: não construa templos para a igreja; realize os cultos nos lares. Essa mentalidade tende ao isolamento sectário, caracterizada por um perfeccionismo crescente que torna missões e a evangelização quase impossível, porque métodos são sempre imaginados como algo que tem bases bíblicas insuficientes.

Mas, voltando à pergunta, eu consideraria inicialmente Romanos 14. Nesta passagem, há um evidente caso de discordância. O objetivo de Paulo não era criar uma maneira de pensar unânime (embora isso seja maravilhoso e seja motivo de nossas orações), e sim ajudá-los a achar a maneira de chegar à unidade, sem unanimidade, no assunto em questão. Vejamos, por exemplo, o versículo 5: “Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente”.

Em seguida, me reportaria a Filipenses 3. Nesta passagem, Paulo desejava que os crentes tivessem a mesma mente (o que ele costumeiramente defendia). Contudo, ele não visualizou uma inabilidade de continuarem trabalhando juntos, enquanto não atingiam a unanimidade. Ele disse: “Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá. Todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos” (3.14-16). Isso me impressiona como algo bastante realista. Há algumas pessoas que ainda não estão convencidas. Se houvesse uma votação agora, haveria diferenças. No entanto, Paulo não se referia a termos condicionais para que houvesse a comunhão. Ele via processo e movimento. Não há razão para imaginarmos que a igreja deve ficar paralisada, até que a minoria chegue à unanimidade. Isso pode até acontecer depois de uma votação em que eles discordaram.

Em terceiro, eu me dirijo àqueles textos que retratam os líderes admoestando os imaturos. Por exemplo, observe 1 Tessalonicen-

ses 5.14: “Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos”. Isso parece implicar que sempre haverá uma esfera de maturidade e sabedoria na igreja, bem como pessoas menos capazes de perceber o caminho sábio que os outros vêem. Seria muito insensato admitir que deve haver um momento na vida da igreja em que pecados e deficiências desaparecem por tempo suficientes, para votarmos algum assunto sem que entre em cena qualquer pensamento, sentimento ou ação imperfeitos. Existe uma teologia da graça e da soberania que reina nessa situação. Deus governa sobre as contínuas decisões imperfeitas. Esse é o único tipo de decisão que existe.

Por último, ocorre uma tragédia quando um corpo de líderes espirituais ou um corpo de crentes dá a pessoas imaturas o poder de veto sobre conselhos sábios. Na Bíblia, não há nada que diga que um crente fraco e imaturo possa paralisar o avanço do povo de Deus. Sempre existirão muitas dessas pessoas. A mentalidade que afirma que Deus lidera o seu povo tão-somente por meio de criar uma comunidade em que não há qualquer fraqueza, carnalidade e limitação — esse tipo de mentalidade é, em minha opinião, anti-bíblica e prejudicial.





SE CRISTO PREDISSE A GUERRA, O CRENTE DEVE ORAR POR PAZ?

DISTINGUINDO A OBRA DE DEUS E A NOSSA

Faço essa pergunta porque existem alguns crentes que acham que orar por paz nestes “últimos dias” é contrário à vontade de Deus, visto que Jesus disse: “Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim” (Marcos 13.7). Se guerras têm de acontecer, como você pode orar por paz, sem opor-se à vontade de Deus?

Nossas orações devem ser guiadas por aquilo que é moralmente correto para os homens fazerem, e não por aquilo que Deus, em sua providência soberana, pode trazer à realização. Raramente devemos orar para que o mal moral aconteça, mas Deus pode querer que o mal moral prevaleça por determinado tempo. Por exemplo: 1) Deus quis que Cristo fosse crucificado. Muitos dos atos necessários que estavam envolvidos na crucificação de Cristo eram moralmente errados. Logo, Deus quis que este mal prevalecesse por um tempo (Atos 2.23; 4.27-28). 2) Deus quis que os irmãos de José o vendessem para ser escravo no Egito, embora isso fosse errado para eles fazerem (Gênesis 50.20). 3) Deus ordena a vingança pecaminosa do final dos tempos (Apocalipse 17.17).

Em outras palavras, Deus ordena e prediz que males de implicações morais prevaleçam por algum tempo, mas isso não significa que devemos orar para que o mal moral aconteça. Devemos orar de acordo com a maneira como

Deus nos ordena que vivamos — em retidão e amor. Devemos orar que a vontade de Deus seja feita na terra do mesmo modo como ela é realizada no céu pelos anjos perfeitamente santos (Mateus 6.10), e não da maneira como ela é feita na terra por intermédio de homens pecaminosos.

De fato, Paulo nos ensina a orar pela paz entre as nações, para o bem do evangelho. O texto fundamental sobre a oração e a paz é 1 Timóteo 2.1-4: “Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.

Observe a relação entre orar pelos 1) líderes das nações, 2) a preservação da paz e da ordem e 3) o desejo de que “todos sejam salvos”. Há uma conexão entre orar pela 1) liderança da nação, 2) a paz e 3) o evangelismo e missões. É verdade que a igreja pode crescer em tempos de hostilidades e guerra. Contudo, também é verdade que as guerras têm devastado a igreja em muitas áreas. Não nos compete determinar os propósitos soberanos de Deus em ordenar que algumas guerras aconteçam. Cumpre-nos orar para que a justiça, a paz e a proclamação do evangelho prevaleçam. Compete-nos orar para que a igreja cristã não seja cúmplice nos atos da nação, como se a igreja e a nação fossem um. Nosso dever é orar para que a igreja seja vista como forasteira, na causa do amor e da justiça que exalta a Cristo, não tendo lealdade suprema a nenhuma nação.

Isso deixa aberta a possibilidade de que os crentes possam apoiar uma guerra justa. Deus outorgou às autoridades que governam o direito de usar a espada (Romanos 13.1-6). Há ocasiões em que a justiça e o amor exigem, infelizmente, a força militar por causa da oposição agressiva ou da libertação dos oprimidos. Nesses casos, nossas orações teriam como alvo a diminuição da miséria e o triunfo rápido da justiça, bem como a restrição da violência e da crueldade.

Portanto, devemos orar por amor, sabedoria, coragem, poder e frutos na igreja de Jesus Cristo, ao redor do mundo. Supliquemos que a igreja seja distinta de todas as nações e de todas as manifestações de orgulho nacional e étnico. Roguemos a Deus que a igreja, em sua função de sal e luz, seja uma

presença pacificadora em todos os lugares; e que ela não tenha medo de questionar qualquer nação, por amor à justiça e à humildade. Oremos que Jesus Cristo não seja exaltado como divindade nacional, e sim como Senhor dos senhores e Rei dos reis. Supliquemos que todos os senhores e todos os reis vejam isto, e se humilhem, e dêem lugar ao Senhor da glória.





O PODER TRANSFORMADOR DE SENTIR MISERICÓRDIA

USANDO A IMAGINAÇÃO E A REVELAÇÃO
PARA CONHECERMOS NOSSA CONDIÇÃO

Que diferença poderia fazer em todo o nosso viver, se nos sentíssemos como se havéssimos sido resgatados do tormento e da morte! Imagine-se em um navio da marinha, depois de haver sido resgatado do oceano, onde você passou semanas à deriva, em um bote salva-vidas. Ou imagine-se como uma pessoa resgatada de uma mina profunda que ruiu. Ou pense numa batalha de nove meses contra um câncer, depois dos quais você ouve o médico dizer: “Não posso explicar. O câncer desapareceu”. Pense no poder da paciência, da bondade e do perdão nas primeiras horas de alívio e júbilo.

Agora, acrescente isto à sua imaginação (embora isto não exija a imaginação, mas somente a revelação bíblica): o fato de que você não merece ser resgatado. Deixe isto aprofundar-se em sua alma — peça a Deus, agora mesmo, que o faça aprofundar-se — você e eu não merecemos nada, exceto problema, perseguição, enfermidade, morte e inferno. A Bíblia diz que somos, “por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Efésios 2.3). “Todos... estão debaixo do pecado... para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus” (Romanos 3.9, 19). O “salário” de nosso pecado “é a morte” eterna (Romanos 6.23). Estamos sob a maldição da lei de Deus, porque: “Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo” (Deuteronômio 27.26). “O pendor” de nossa mente natural é “inimizade con-

tra Deus” (Romanos 8.7). Somos “estranhos às alianças da promessa”, não temos esperança e estamos “sem Deus no mundo” (Efésios 2.12). Estamos destinados a ser lançados “fora, nas trevas”, onde haverá “choro e ranger de dentes” (Mateus 8.12; 25.30). Se alguém não intervir, nosso quinhão será no lago de fogo, onde “a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum” (Apocalipse 14.11).

Portanto, você, crente (resgatado pelo sangue de Cristo, que se tornou maldição em seu lugar), acrescente ao descanso e à felicidade de seu resgate a maravilha desconcertante e o regozijo contrito de que não merece nada disso; mas essas coisas lhe são dadas profusamente com incessante misericórdia.

Então, veja as suas aflições sob esta luz. Pense em sua condição, atentando a estas palavras de Jonathan Edwards:

Quão poucas são as grandes aflições com que nos deparamos nesta vida... são menos do que merecemos... Os maiores problemas e calamidades exteriores que enfrentamos... precisam parecer insignificantes diante da miséria que merecemos... Um homem pode se deparar com perdas muito grandes... seu gado talvez morra, sua colheita mirre, seu celeiro se incendeie, todos os seus bens sejam consumidos pelo fogo; e ele, levado de uma vida confortável a um estado de pobreza, necessidade e desventura. Isto é muito difícil de ser suportado, mas, infelizmente, quão poucas razões essas pessoas terão para lamentar, se realmente considerarem que essa situação é tão insignificante, quando comparada com a eterna destruição sobre a qual somos informados” (*The Works of Jonathan Edwards*, New Haven: Yale University Press, 1997, p. 321).

Devemos nos admirar de que Paulo tenha dito para pessoas em tais circunstâncias: “Fazei tudo sem murmurações nem contendas” (Filipenses 2.14)? Medite em como você reagiria, se vivesse, hora após hora, na consciência sincera de que você foi resgatado de uma morte horrível e do sofrimento eterno; e de que, a despeito de não merecer qualquer ajuda, você é abençoado com misericórdia abundante, a cada dia (até nas situações difíceis) e se tornará perfeita e eternamente feliz na era vindoura.

Além disso, acrescente mais uma coisa ao seu pensamento. Aquele que o resgatou teve de morrer, para conseguir isso; Ele era a única Pessoa no universo que *não* merecia a morte. “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Pedro 3.18).

Ó crente, conheça a sua condição — a miséria e a misericórdia. Permita que o horror do qual você foi resgatado, a misericórdia em que você vive e o preço que Cristo pagou tornem-no humilde, agradecido, paciente, amável e perdoador. Deus nunca o tratou pior do que você realmente merece. E, em Cristo, você é tratado dez milhões de vezes melhor. Sinta isso. Viva isso.





O MAIOR ACONTECIMENTO NA HISTÓRIA

DOIS PARADOXOS NA MORTE DE CRISTO

Como deveríamos esperar, o maior acontecimento na História do mundo é complexo. Visto que Jesus é homem e Deus, em uma única pessoa, a morte de Jesus foi a morte de Deus? Para responder esta pergunta, temos de falar sobre as duas naturezas de Cristo — a divina e a humana. Desde o ano 451 d. C., a definição do Concílio de Calcedônia a respeito das duas naturezas de Cristo em uma pessoa tem sido aceita como o ensino ortodoxo das Escrituras. O Concílio de Calcedônia disse:

Nós, então... ensinamos os homens a confessarem... o único e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que deve ser reconhecido em duas naturezas, inconfundível, imutável, indivisível, inseparável. A distinção entre as duas naturezas não é, de modo algum, removida pela união; pelo contrário, a propriedade de cada natureza é preservada e coincidente em uma única Pessoa e uma única Subsistência, não partida nem dividida em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, o unigênito, Deus, a Palavra, o Senhor Jesus Cristo.

A natureza divina é imortal (Romanos 1.23; 1 Timóteo 1.17). Não pode

morrer. Isso faz parte do que significa ser Deus. Portanto, quando Cristo morreu, foi a sua natureza humana que sofreu a morte. O mistério da união entre a natureza divina e a humana, naquela experiência de morte, não é revelado para nós. O que sabemos é que Cristo morreu e naquele mesmo dia foi ao Paraíso (“Hoje estarás comigo no paraíso” — Lucas 23.43). Portanto, parece ter havido conscientização na morte, de modo que a união entre a natureza humana e a divina não precisasse ser interrompida, embora Cristo tenha morrido somente em sua natureza terrena.

Outro exemplo da complexidade da morte de Cristo é como Deus Pai a experimentou. O ensino mais comum dos evangélicos é que a morte de Cristo é a experiência, por parte de Cristo, da maldição do Pai. “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)” (Gálatas 3.13). Que maldição? Alguém poderia abrandar isso, dizendo: “A maldição da lei”. Mas a lei não é uma pessoa, que pode amaldiçoar a outrem. Uma maldição é uma maldição quando há alguém que amaldiçoa. Aquele que amaldiçoa por meio da lei é Deus, que a escreveu. Por conseguinte, a morte de Cristo por nosso pecado e por nossa transgressão da lei foi a experiência da maldição do Pai.

Essa foi a razão por que Jesus disse: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27.46) Na morte de Cristo, Deus lançou sobre Ele os pecados de seu povo (Isaías 53:6), os pecados que Ele odiava. E, sentindo ódio pelo pecado, Deus se afastou de seu Filho carregado de pecados, entregando-O a sofrer toda a força da morte e da maldição. A ira do Pai foi derramada sobre o Filho, e não sobre nós, para que a ira de Deus para conosco fosse propiciada (Romanos 3.25) e removida.

Mas eis o paradoxo. Deus aprovou profunda e alegremente o que o Filho estava fazendo naquela hora de sacrifício. De fato, Deus a havia planejado juntamente com o Filho. E o amor de Deus para com o Deus-Homem, Jesus Cristo, na terra se devia à própria obediência que levou Jesus Cristo à cruz. A cruz foi o ato que coroou a obediência e o amor de Cristo. E o Pai aprovou e se alegrou profundamente com esta obediência e amor. Por isso, Paulo disse estas palavras admiráveis: “Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave” (Efésios 5.2). A morte de Jesus foi uma fragrância para Deus.

Assim, existe ainda mais uma gloriosa complexidade. A morte de Cristo foi a maldição de Deus e a ira de Deus; porém, ao mesmo tempo, foi agradável a Deus e um aroma suave. Enquanto Deus se afastava de seu Filho e O entregava à morte, levando sobre Si o nosso pecado, Deus se deleitava na obediência, no amor e na perfeição do Filho.

Portanto, permaneçamos em temor e contemplemos com tremor e alegria a morte de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Não existe acontecimento mais importante na História. Não existe coisa mais grandiosa para que a nossa mente pondere e nosso coração admire. Permaneça neste acontecimento. Tudo que é importante e bom se une aqui. É um lugar de sabedoria, felicidade e relevância; é aqui que devemos permanecer.





UMA CHAMADA AO RISCO CRISTÃO

COMO A REMOÇÃO DO RISCO ETERNO

PRODUZ A CHAMADA AO RISCO TEMPORAL

Ao livrar o seu povo do risco da condenação eterna, Cristo o chama ao risco temporal permanente. O risco final desapareceu para os seguidores de Cristo. “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8.1). “Nem a morte, nem a vida... poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8.38-39). “Sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós.... Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça” (Lucas 21.16,18). “Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (João 11.25).

Quando a ameaça da morte se torna um acesso ao Paraíso, a barreira final do risco temporal é quebrada. Quando um crente afirma de coração: “O viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Filipenses 1.21), ele está livre para amar, não importando o que lhe possa acontecer. Algumas formas de islamismo radical podem instigar os homens-suicidas com sonhos semelhantes, mas a esperança cristã é o poder que capacita a amar, e não a matar. A esperança cristã produz doadores de vida e não destruidores de vida. O Cristo crucificado chama o seu povo a viver e a morrer por seus inimigos, como Ele o fez. Os únicos riscos permitidos por Cristo são os riscos do amor. “Digo-vos, porém, a vós outros que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; ben-dizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam” (Lucas 6.27-28).

Com promessas surpreendentes de gozo eterno, Jesus desencadeou um movimento radical de pessoas que assumem riscos por amor. “Sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós” (Lucas 21.16). Apenas alguns. Isso significa que pode ser você, mas pode não ser. Isto é o que está implícito no risco. Não é arriscado atirar na própria cabeça, porque o resultado é certo. Arriscado é servir a Cristo em uma zona de guerra. Você pode levar um tiro. Mas pode não levá-lo.

Cristo nos chama a assumir os riscos em favor dos propósitos do reino. Quase todas as mensagens do consumismo contemporâneo dizem o contrário: dê grande valor ao conforto e à segurança — agora, e não no céu. Cristo não se une a esse coro. A todos os crentes temerosos, que estão à beira do precipício de alguma aventura perigosa de evangelização, Cristo diz: “Não temais os que matam o corpo” (Lucas 12.4). Sim, por todos os meios, maximize o seu gozijo! Como? Por causa do amor, assumo o risco de ser injuriado, perseguido e morto, “porque é grande o vosso galardão nos céus” (Mateus 5.12).

Na Bíblia, há um grande legado de pessoas amáveis que assumiram riscos. Joabe, quando enfrentava os sírios, por um lado, e os amonitas, pelo outro, disse a seu irmão, Abisai: “Sê forte, pois; pelejemos varonilmente pelo nosso povo... e faça o SENHOR o que bem lhe parecer” (2 Samuel 10.12). Ester transgrediu a lei real para salvar o seu povo e disse: “Se perecer, pereci” (Ester 4.16). Sadraque e seus companheiros recusaram-se prostrar-se perante o ídolo do rei e disseram: “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará... Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses” (Daniel 3.17-18). E, quando o Espírito Santo revelou a Paulo que, em cada cidade, o aguardavam prisões e aflições, ele declarou: “Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira” (Atos 20.24).

Stephen Neil afirmou a respeito da igreja primitiva: “Todo crente sabia que, mais cedo ou mais tarde, deveria testemunhar a sua fé ao custo de sua vida” (*A History of Christian Missions*, Penguin, 1964, p. 43). Isso era normal. Tornar-se um cristão significava colocar em risco a vida. Milhares fizeram isso. Por quê? Porque fazer isso significava ganhar a Cristo; e não fazê-lo implicava perder a alma. “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á” (Mateus 16.25).

Na América e no mundo todo, o preço de seguir a Cristo está se tornando elevado. As coisas estão voltando ao normal neste “mundo perverso”. 2 Timóteo 3.12 se tornará cada vez mais evidente: “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos”. Aqueles que têm feito dos riscos do evangelho um estilo de vida se mostrarão mais dispostos a sofrer, quando não tivermos qualquer outra escolha. Portanto, insto-o com as palavras da igreja primitiva: “Saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério. Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hebreus 13.13-14). *Quando Deus removeu todos os riscos eternos, Ele liberou milhares de riscos de amor.*



OS JUDEUS TÊM ALGUM DIREITO DIVINO NA TERRA DA PROMESSA?

O QUE OS CRENTES DEVEM PENSAR A RESPEITO
DO CONFLITO ENTRE JUDEUS E PALESTINOS

Como os cristãos evangélicos devem se posicionar em relação ao conflito entre judeus e palestinos? Há razões bíblicas para abordarmos ambos os lados com justiça pública compassiva, da mesma maneira como deveriam ser resolvidos os outros conflitos entre nações. Em outras palavras, a Bíblia não nos ensina a sermos parciais em relação a Israel ou aos palestinos porque qualquer deles tem um *status* divino especial.

Não estou negando que Israel foi escolhido por Deus, dentre todos os povos do mundo, para ser o foco de bênção especial na história da redenção, que culminou em Jesus Cristo, o Messias. “O SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra” (Deuteronômio 7.6).

Também não estou negando que Deus prometeu, desde o tempo de Abraão, a Israel a terra que hoje é alvo de disputas. Ele disse a Moisés: “Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: à tua descendência a darei” (Deuteronômio 34.4).

No entanto, nenhum desses fatos bíblicos nos leva a apoiar Israel atual como o possuidor legítimo de toda a terra disputada. Israel talvez tenha esse direito, mas talvez não o tenha. Mas essa decisão não está fundamentada em privilégio divino. Por que não?

Em primeiro lugar, um povo que não cumpriu a aliança não tem um direito divino de possuir a terra santa. Tanto o estado de bem-aventurança como o direito privilegiado de possuir a terra estão condicionados a Israel guardar a aliança que Deus fez com esse povo. Deus havia dito a Israel: “Se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos” (Êxodo 19.5). Israel não tem qualquer garantia para experimentar no presente o privilégio divino, porque não está guardando a aliança com Deus.

Mais do que uma vez foi negado a Israel o seu direito divino à terra, quando rompeu sua aliança com Deus. Por exemplo, quando Israel desfalecia no cativeiro babilônico, Daniel orou: “Ah! Senhor!... temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente... A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha, como hoje se vê; aos homens de Judá, os moradores de Jerusalém, todo o Israel, quer os de perto, quer os de longe, em todas as terras por onde os tens lançado, por causa das suas transgressões que cometeram contra ti” (Daniel 9.4-7; ver Salmos 78.54-61). Israel não tem qualquer direito de estar na terra da promessa, quando está quebrando a aliança da promessa.

Isso não significa que outras nações têm o direito de molestar Israel, que ainda tem direitos humanos entre as nações, embora não tenha direito divino. As nações que exultaram com a disciplina divina sobre Israel foram punidas por Deus (Isaías 10.5-13).

Em segundo, Israel como um todo rejeita hoje o seu Messias, Jesus Cristo, o Filho de Deus. Este é o ato crucial do rompimento da aliança com Deus. Ele prometeu a Israel: “Um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9.6-7). Mas, com lágrimas, esse Príncipe da Paz, olhou para Jerusalém e disse: “Ah! Se conhecera por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos... porque não reconheceste a oportunidade da tua visita” (Lucas 19.42, 44).

Quando os construtores rejeitaram a maravilhosa Pedra Angular, Jesus declarou: “O reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (Mateus 21.43). Ele explicou: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no

reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas” (Mateus 8.11-12).

Deus tem propósitos de salvação para Israel como nação (Romanos 11.25-26). Mas, agora, o povo está em inimizade para com Deus, ao rejeitar o evangelho de Jesus Cristo, o seu Messias (Romanos 11.28). Deus expandiu sua obra de salvação a fim de incluir todos os povos (dentre estes, os palestinos) que crerem no seu Filho e dependerem da morte e ressurreição dEle para a salvação. “É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios, visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso” (Romanos 3.29-30).

O apelo cristão no Oriente Médio, tanto aos judeus como aos palestinos, é: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (Atos 16.31). E até aquele Grande Dia, quando judeus e palestinos seguidores do Rei Jesus herdarão a Terra (e não apenas a terra), sem levantarem espada ou metralhadoras, os direitos das nações devem ser decididos por princípios de justiça pública e compassiva, e não por reivindicações de *status* ou direito divino.





O QUE É O EVANGELHO CRISTÃO?

EXPLORANDO AQUILO QUE TORNA O EVANGELHO EM BOAS-NOVAS

O evangelho não é apenas uma sequência de passos (como as *Quatro Leis Espirituais*, da Cruzada Estudantil para Cristo, as *Seis Verdades Bíblicas*, do folheto *Busca por Gozo*). Esses são essenciais. Contudo, o que torna o evangelho em boas-novas é o fato de que ele une as pessoas com as “insondáveis riquezas de Cristo”.

Não existe nada em si mesmo que torne “o perdão dos pecados” em boas-novas. Se o perdão dos pecados é boas-novas, isso depende daquilo ao que ele pode conduzir. Você poderia ser declarado inocente de um crime, sair do tribunal e ser morto na próxima esquina. O perdão pode ou não levar ao regozijo. Escapar do inferno não é, em si mesmo, as boas-novas pelas quais anelamos — especialmente se achamos que o céu é bastante monótono.

Nem mesmo a justificação, em si mesma, é as boas-novas. Para onde ela conduz? Esta é a questão. Para que a justificação seja boas-novas, isso depende da recompensa que recebemos por causa da justiça imputada. O que recebemos por sermos considerados justos em Cristo? A resposta é comunhão com Jesus.

O perdão dos pecados e a justificação são boas-novas porque removem os obstáculos para chegarmos à fonte de gozo duradouro e plenamente satisfatório — Jesus Cristo. Ele não é apenas o meio de nos resgatar da condenação; é o objetivo de nossa salvação. Se não achamos satisfação em estar com Ele,

então, não há salvação. Jesus Cristo não é a corda que nos puxa das ondas ameaçadoras; Ele é a praia firme sob os nossos pés, o ar de nossos pulmões, a batida de nosso coração, o sol que arde em nossa pele, a canção em nossos ouvidos e os braços de nosso amado.

Essa é a razão por que o Novo Testamento define o evangelho chamando-o, apenas, de Cristo. O evangelho é “o evangelho de Cristo” (Romanos 15.19; 1 Coríntios 9.12; 2 Coríntios 2.12; 9.13; 10.14; Gálatas 1.7; Filipenses 1.27, etc.). Ou, mais especificamente, o evangelho é “o evangelho da glória de Cristo” (2 Coríntios 4.4). E, de um modo ainda mais admirável, Paulo disse que a pregação do evangelho é a pregação das “insondáveis riquezas de Cristo” (Efésios 3.8).

Portanto, crer no evangelho não é apenas aceitar as tremendas verdades de que: 1) Deus é santo; 2) somos pecadores sem esperança; 3) Cristo morreu e ressuscitou pelos pecadores; 4) esta grande salvação é desfrutada pela fé em Cristo. Crer no evangelho é também entesourar a Cristo como nossa riqueza insondável. O que torna o evangelho em “evangelho” é o fato de que este traz pessoas ao gozo eterno e sempre crescente de Cristo.

Estas serão as palavras que Jesus falará quando chegarmos ao céu: “Entra no gozo do teu senhor” (Mateus 25.21). A súplica que Jesus fez por nós terminou com esta observação: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória” (João 17.24). A glória que Ele deseja que vejamos são “as insondáveis riquezas de Cristo”; é “a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus” (Efésios 2.7).

Os termos “insondáveis” e “suprema” significam que não haverá fim para a nossa descoberta e gozo. Não haverá qualquer monotonia. Cada dia revelará coisas novas e admiráveis a respeito de Cristo, e estas farão com que as maravilhas das coisas de ontem sejam vistas sob nova luz, de modo que não somente haverá novas percepções de glória a cada dia, mas também a glória acumulada se tornará mais gloriosa a cada nova revelação.

O evangelho é as boas-novas de que podemos ter o gozo crescente e eterno do Cristo que nunca é enfadonho e sempre satisfaz; e de que podemos ter esse gozo, gratuita e eternamente, pela fé na morte que perdoa pecados e na ressurreição que outorga esperança, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

Que Deus nos conceda que sejamos fortalecidos “com poder”, para com-

preendermos, “com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Efésios 3.18-19).





UMA SÚPLICA POR NOSSA IGREJA

PEDINDO A DEUS QUE LEVANTE CERTO TIPO DE HOMEM E MULHER

Ó Senhor, por meio da verdade de tua Palavra, pelo poder de teu Espírito e pelo ministério de teu corpo, levanta homens e mulheres em nossa igreja que:

*não amam o mundo mais do que a Ti,
não se afadigam somente para ganhar muito dinheiro,
não se inquietam se não possuem uma casa,
não se amofinam se não têm um carro novo ou dois carros,
não precisam seguir estilos de vida mundanos,
não se perturbam se não são famosos,
não sentem falta de comidas finas ou banquetes,
não esperam que a vida seja confortável e sossegada,
não alimentam sua mente com TV todas as noites,
não medem a verdade com as tendências do momento,
não ficam paralisados ante a desaprovação dos outros,
não retribuem o mal com o mal,
não guardam rancores,
não fazem fofocas,
não torcem a verdade,
não se orgulham nem se vangloriam,*

*não choramingam, nem usam linguagem corporal para serem vistos com piedade,
não criticam mais do que elogiam,
não se prendem a grupos fechados,
não comem muito ou se exercitam pouco,*

Mas, em vez disso,

*são entusiasmados por Deus,
são completamente inundados com Deus,
são cheios do Espírito Santo,
se esforçam para conhecer a largura e a profundidade do amor de Cristo,
estão crucificados para o mundo e mortos para o pecado,
são purificados pela Palavra e norteados por retidão,
são poderosos em memorizar e usar as Escrituras,
guardam o dia do Senhor como um dia santo e restaurador,
são contristados pela consciência de pecado,
são comovidos pela maravilha da graça gratuita,
são pasmados, ao ponto de silêncio, pelas riquezas da glória de Deus,
perseveram constantemente em oração,
são implacáveis em negarem-se a si mesmos,
são destemidos no testemunho público do senhorio de Cristo,
são capazes de desmascarar o erro e dissipar o nevoeiro doutrinário,
são resolutos em permanecer firmes ao lado da verdade,
são gentis em tocar o coração das pessoas,
têm paixão por alcançar as pessoas de fora da igreja,
são a favor da vida, por amor aos bebês, às mães, aos pais e à glória de Deus,
cumprem todas as suas promessas, incluindo os votos de casamento,
contentam-se com o que têm e confiam nas promessas de Deus,
são pacientes, amáveis e mansos, quando a vida é árdua.*





SOMENTE O SENHOR SERÁ EXALTADO

COMBATENDO O ORGULHO

Durante os dias de oração e planejamento da diretoria da igreja, um dos focos de nossa oração era combater o orgulho. Para nos ajudar, consideramos a atitude de Deus para com o orgulho, a sua natureza e o seu remédio. Estamos cientes de que nosso coração é enganoso, e temos de permanecer incansavelmente vigilantes em nossa luta contra o orgulho.

A ATITUDE DE DEUS PARA COM O ORGULHO

Deus se opõe ao orgulho humano e, no momento certo, o abaterá.

“Porque o Dia do SENHOR dos Exércitos será contra todo soberbo e altivo e contra todo aquele que se exalta, para que seja abatido; contra todos os cedros do Líbano, altos, mui elevados; e contra todos os carvalhos de Basã; contra todos os montes altos e contra todos os outeiros elevados; contra toda torre alta e contra toda muralha firme; contra todos os navios de Társis e contra tudo o que é belo à vista. A arrogância do homem será abatida, e a sua altivez será humilhada; só o SENHOR será exaltado naquele dia” (Isaías 2.12-17).

A NATUREZA DO ORGULHO

Uma parte do orgulho consiste em tomarmos para nós o mérito por aquilo que Deus faz.

“O Senhor... castigará a arrogância do coração do rei da Assíria e a desmedida altivez dos seus olhos; porquanto o rei disse: Com o poder da minha mão, fiz isto, e com a minha sabedoria, porque sou inteligente... Porventura, gloriar-se-á o machado contra o que corta com ele? Ou presumirá a serra contra o que a maneja? Seria isso como se a vara brandisse os que a levantam ou o bastão levantasse a quem não é pau!” (Isaías 10.12-15).

O REMÉDIO PARA O ORGULHO

Admita em seu coração o fato de que tudo o que você tem é dom da graça gratuita.

“Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1 Coríntios 4.7).

Confie em Deus para Ele o exalte no devido tempo.

“Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1 Pedro 5.6).

Lembre-se de que a verdadeira e completa revelação de Deus vem somente para os humildes.

“Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (Mateus 11.25).

Reconheça que entrar no reino de Deus depende de humildade.

“Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18.3-4).

Descanse na verdade de que todas as coisas já lhe pertencem em Cristo.

“Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (1 Coríntios 3.21-23).

Ore conosco, suplicando a Deus que este seja um tempo de humilde auto-esquecimento, à medida que vemos e experimentamos a grandeza de Deus.



S U M Á R I O



1	A EXUBERANTE ONIPOTÊNCIA DE DEUS	
	<i>Reafirmando o legítimo lugar de Deus em todos os aspectos da vida</i>	11
2	DEZ LIÇÕES QUE APRENDI DE MEU PAI	
	<i>Honrando meu pai em seus oitenta anos</i>	14
3	QUANDO O QUERER E O DEVER NÃO SE HARMONIZAM	
	<i>Vivendo entre a permissão e a hipocrisia</i>	17
4	A SUA FAMÍLIA CAVARIA A SUA PRÓPRIA SEPULTURA?	
	<i>Meditação sobre famílias e martírio</i>	20
5	JÓ, O HOMEM JUSTO, E A ESTRELA DE ROCK	
	<i>Considerando o poder e a influência popular sobre os jovens</i>	23
6	SEU CORPO, SEU EGO, SEU DEUS	
	<i>Diários de ontem, de hoje e de amanhã</i>	26
7	COMO ORAR EM FAVOR DA ALMA (A SUA E A DE OUTROS)	
	<i>Orando em sincronia com a maneira como Deus age</i>	29
8	ACAUTELE-SE DA LÓGICA!	
	<i>"Ordena o que quiseres, e dá-me o que ordenares."</i>	32
9	A AUSÊNCIA DA ALEGRIA SOBERANA	
	<i>Uma lição de amor ministrada por Agostinho</i>	35
10	COMO SER CHEIO DO ESPÍRITO SANTO	
	<i>Como beber o vinho de Deus? Meditação sobre Efésios 5.18-21</i>	38
11	O QUE É A COMUNHÃO COM DEUS?	
	SABEDORIA DE JOHN OWEN	
	<i>Pensamentos sobre Hebreus 10.22</i>	41
12	SE O NOSSO MORRER FOR UMA DISCIPLINA?	
	<i>Meditação em 1 Coríntios 11.29-32</i>	44
13	"A COISA MAIS IMPORTANTE NO MUNDO É SER SALVO"	
	<i>Pensando sobre a grandeza do propósito da salvação</i>	47
14	O AGONIZANTE PROBLEMA DA SEGURANÇA DA SALVAÇÃO	
	<i>Para onde olhar quando é temível olhar para dentro de si</i>	49
15	VOCÊ É UM DESCENDENTE DO REI DAVI?	
	<i>Meditação sobre Salmos 18.50 e Isaías 55.3</i>	52
16	JUSTIFICADOS, MAS NÃO PERDOADOS?	

	<i>A diferença entre a ira judicial e o desprazer paternal.....</i>	<i>55</i>
17	IMPERFEIÇÃO: A MARCA DE TODOS OS PERFEITOS	
	<i>Meditação sobre Hebreus 10.14</i>	<i>59</i>
18	DEZ RAZÕES PARA AMAR A VERDADE	
	<i>O perigo do relativismo vulgar</i>	<i>62</i>
19	DEUS QUER REALMENTE QUE VOCÊ SEJA ENCORAJADO?	
	<i>Lançando mão do dom da esperança. Meditação sobre Hebreus 6.17-18</i>	<i>65</i>
20	DISCERNIMENTO POR MEIO DO DESEJO	
	<i>Achando a vontade de Deus por meio da fragrância do Santo.....</i>	<i>68</i>
21	A FONTE DA SAÚDE MENTAL: SER CURADO POR CONHECER A DEUS	
	<i>Não ajudando as pessoas a sentirem-se felizes em seu caminho para o inferno</i>	<i>70</i>
22	O SOM SIMULTÂNEO DO RISO E DO CHORO	
	<i>Vivendo no mundo real de sofrimento constante e prazeres (em algumas ocasiões)</i>	<i>73</i>
23	NOTÍCIAS! NOTÍCIAS! NOTÍCIAS!	
	<i>Colocando o evangelho e a teologia na ordem correta</i>	<i>76</i>
24	OS PERIGOS DA IRREALIDADE DO COMPUTADOR	
	<i>Cinco resoluções.....</i>	<i>79</i>
25	DARWINISMO À PORTA DA FRENTE	
	<i>Você é um tique-taque no relógio da evolução?</i>	<i>82</i>
26	DEUS NÃO SE ARREPENDE COMO O HOMEM	
	<i>Meditação sobre 1 Samuel 15.11, 29.....</i>	<i>85</i>
27	ESQUADRINHE A BÍBLIA COM ORAÇÃO	
	<i>Considerando a relação entre a oração e o estudo da Bíblia</i>	<i>88</i>
28	JESUS E AS CRIANÇAS	
	<i>Pensando nas crianças como detectores de orgulho</i>	<i>91</i>
29	O CORPO, O CAFÉ DA MANHÃ E O LEITO CONJUGAL	
	<i>Meditação sobre a adoração diária</i>	<i>94</i>
30	A ESTRELA PISTOL E O PODER DE DEUS	
	<i>Meditação sobre a ciência, o conhecimento e o esplendor divino</i>	<i>97</i>
31	SE CRERES VERÁS A GLÓRIA DE DEUS	
	<i>O ver é um alicerce da fé ou a fé é um alicerce do ver?</i>	<i>100</i>
32	COMO O ESPÍRITO SANTO PRODUZ AMOR?	
	<i>E por que Ele o faz desta maneira?</i>	<i>103</i>
33	O REGENERADO PODE SER RISCADO DO LIVRO DA VIDA?	
	<i>Meditação sobre Apocalipse 3.5</i>	<i>106</i>

34	FATOS, VISÍVEIS E INVISÍVEIS <i>O que significa andar pela fé e não pelo que vemos? Meditação sobre 2 Coríntios 5.7</i>	110
35	POR FAVOR, MAIS ALIMENTO! <i>O clamor de uma fé agonizante</i>	114
36	APRECIANDO A VERDADE EM BENEFÍCIO DO AMOR <i>Pensando sobre o obscurcimento da verdade para obter triunfo</i>	117
37	COMO UM ÚNICO PECADO NOS TORNA CULPADOS DE TODA A LEI? <i>Graus de culpa diante de Deus. Meditação sobre Tiago 2.10-11</i>	120
38	O PERIGO DE NEGAR A PRESENCIA DE DEUS ACERCA DAS ESCOLHAS DOS HOMENS <i>Deteriorando a Nova Aliança</i>	124
39	QUÃO DISPENSÁVEL É O GÊNERO? <i>Preservando os preciosos e satisfatórios padrões de Deus para a vida</i>	127
40	FAZENDO A DIFERENÇA PELO ZELO <i>"Que fazes aqui...?" "Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos." 1 Reis 19.9-10, 13-14</i>	130
41	ALGUMAS PERGUNTAS A FAZER QUANDO SE CONSIDERA UMA OPORTUNIDADE DE TRABALHO <i>Ponderando a vocação como um serviço para Cristo</i>	133
42	SOBERANIA AGRADÁVEL E SEGURANÇA DE SALVAÇÃO <i>O que pode ser mais agradável do que ser "guardado pelo poder de Deus"?</i>	136
43	MAIS, MAIS, MAIS <i>Dezessete aspectos da insatisfação santa</i>	138
44	"FINALMENTE, IRMÃOS, ORAI POR NÓS" <i>Um apelo em favor dos pastores</i>	141
45	SENDO AMADO E SENDO ODIADO <i>Consideração sobre o lado obscuro de Missões</i>	144
46	ENTRE A RESIGNAÇÃO E O TRIUNFALISMO <i>Achando o lugar seguro entre a presunção e a paralisia</i>	146
47	"SE FEZ POBRE POR AMOR DE VÓS." <i>Assumindo no coração a pobreza de Jesus</i>	149
48	A SOBERANIA DE DEUS: UMA DOUTRINA PRÁTICA E PRECIOSA <i>Usufruindo da soberania de Deus na vida de George Müller</i>	153
49	O QUE SIGNIFICA O MASSACRE DOS AMORREUS? <i>Quando deixar o julgamento com Deus</i>	156

50	A REGRA DE MARTINHO LUTERO A RESPEITO DE COMO SE TORNAR UM TEÓLOGO	
	<i>Oração, meditação e provas – o caminho para o entendimento</i>	158
51	RESPOSTA À ORAÇÃO EM MEIO A RESPOSTAS NEGATIVAS	
	<i>Meditação sobre os transtornos da parte de Deus.....</i>	162
52	“ELES AMAM A TODOS”	
	<i>Pensamentos a respeito de como tornar Cristo conhecido</i>	165
53	OUTRO PARADOXO DA ORAÇÃO: “VÁS REPETIÇÕES” VERSUS “INSISTÊNCIA”	
	<i>Considerando Mateus 6.7, Lucas 11.8 e Lucas 18.5.....</i>	168
54	A INCONDICIONALIDADE ANULA O VERDADEIRO REMÉDIO?	
	<i>Sabedoria proveniente de outro século</i>	171
55	DE ONDE PROCEDE O VIVER CRISTÃO?	
	<i>Reflexão sobre o poder do conhecimento correto</i>	174
56	VOCÊ PODE SER DIGNO DE DEUS?	
	<i>Achando aquilo que se harmoniza com a fidelidade de Deus</i>	176
57	SE ACHEI GRAÇA AOS TEUS OLHOS, ROGO-TE, Ó DEUS, QUE...	
	<i>Meditação sobre conhecer a Deus em Êxodo 33.13.....</i>	179
58	OS CRENTES ESTÃO PLENAMENTE SATISFEITOS?	
	<i>Considerando (novamente) o lugar entre a paralisia e o triunfalismo.....</i>	182
59	INDO ALÉM DOS LIMITES DA EXPIAÇÃO LIMITADA	
	<i>Cristo morreu por todos, mas especialmente por sua noiva.....</i>	185
60	UM ENCONTRO ALEGRE COM JOSEF TSON	
	<i>Colegas na mesma visão sobre o sofrimento.....</i>	188
61	QUANDO JESUS NÃO RESPONDE UMA PERGUNTA	
	<i>Como não ser um cão nem um porco. Meditação sobre Marcos 11.27-33.....</i>	191
62	EM BUSCA DE REPOUSO	
	<i>Considerando o propósito de Deus para o sono</i>	193
63	AMAREMOS A CRISTO NO FINAL DO ANO?	
	<i>Meditação sobre 1 Coríntios 16.22</i>	195
64	“VEDE, POIS, COMO OUVIS”	
	<i>A preparação prática para ouvir a Palavra de Deus no domingo de manhã. Uma meditação sobre Lucas 8.18.....</i>	198
65	“POR QUE ME CHAMAS BOM? NINGUÉM É BOM, SENÃO UM, QUE É DEUS.”	
	<i>O que o jovem rico precisava aprender sobre a bondade de Deus.....</i>	202

66	VOCÊ QUASE NÃO PODE ENSINAR NOVOS TRUQUES A CACHORRO VELHO	205
	<i>Reflexão sobre as possibilidades de mudança</i>	
67	JESUS NOS LIVRA DA IRA VINDOURA	208
	<i>Felicidade irrestrita. Meditação sobre 1 Tessalonicenses 1.10</i>	
68	UM SURPREENDENTE ENDOSSO À DOCTRINA	211
	<i>Ensine-nos o que a Bíblia diz</i>	
69	USE MÉTODOS, MAS NÃO CONFIE NELES; CONFIE EM DEUS	214
	<i>Uma lição da vida e ensino de George Müller</i>	
70	O QUE CRISTO COMPROU COM O SEU SANGUE PARA OS NOSSOS FILHOS?	217
	<i>A bênção e os limites de ancestrais cristãos</i>	
71	DEUS OPERA MARAVILHAS	220
	<i>Num estado de obediência resoluta e na completa desobediência</i>	
72	A IGREJA DEVE SER GUIADA SOMENTE POR DECISÕES UNÂNIMES?	223
	<i>Carta a um amigo a respeito de como funciona a liderança</i>	
73	SE CRISTO PREDISSE A GUERRA, O CRENTE DEVE ORAR POR PAZ?	226
	<i>Distinguindo a obra de Deus e a nossa</i>	
74	O PODER TRANSFORMADOR DE SENTIR MISERICÓRDIA	229
	<i>Usando a imaginação e a revelação para conhecermos nossa condição</i>	
75	O MAIOR ACONTECIMENTO NA HISTÓRIA	232
	<i>Dois paradoxos na morte de Cristo</i>	
76	UMA CHAMADA AO RISCO CRISTÃO	235
	<i>Como a remoção do risco eterno produz a chamada ao risco temporal</i>	
77	OS JUDEUS TÊM ALGUM DIREITO DIVINO NA TERRA DA PROMESSA?	238
	<i>O que os crentes devem pensar a respeito do conflito entre judeus e palestinos</i>	
78	O QUE É O EVANGELHO CRISTÃO?	241
	<i>Explorando aquilo que torna o evangelho em boas-novas</i>	
79	UMA SÚPLICA POR NOSSA IGREJA	244
	<i>Pedindo a Deus que levante certo tipo de homem e mulher</i>	
80	SOMENTE O SENHOR SERÁ EXALTADO	246
	<i>Combatendo o orgulho</i>	

ALGUNS TÍTULOS DA EDITORA FIEL

DOCTRINA

Amado Timóteo - Tom Ascol

Batismo do Espírito Santo, O - Erroll Hulse

Batistas e a Doutrina da Eleição, Os - Robert B. Selph

Concordância Fiel do Novo Testamento - volumes 1 e 2

Com Vergonha do Evangelho - John F. MacArthur, Jr.

Deus é o Evangelho - John Piper

Deus é Soberano - Arthur W. Pink

Efésios - João Calvino

Eleição - Charles H. Spurgeon

Estudos no Sermão do Monte - D. Martyn Lloyd-Jones

Gálatas - João Calvino

Guerra pela Verdade, A - John MacArthur

Jornada na Graça - Richard P. Belcher

Louvor em Crise - Peter Masters

Nossa Suficiência em Cristo - John F. MacArthur, Jr.

Nove Marcas de Uma Igreja Saudável - Mark Dever

Nascido Escravo - Martinho Lutero

Ouro de Tolo - John MacArthur Jr. (editor)

Pastoreando a Igreja de Deus - Phil A. Newton

Pregação e Pregadores - D. Martin Lloyd-Jones

Pregação Pura e Simples - Stuart Olyott

Romanos - John Murray

VIDA CRISTÃ

Como Adorar o Senhor Jesus Cristo - Joseph S. Carroll

Como ler a Bíblia - Charles H. Spurgeon

Deus, o Estilista - Clifford Pond

Existe o Milagre de Curas Hoje? - Brian Edwards

Maior Luta do Mundo, A - C. H. Spurgeon

Ministrando como o Mestre - Stuart Olyott

Obreiro Cristão Normal, O - Watchman Nee
Oração que Deus Responde, A - Guy Appéré
Onde Estão os Apóstolos e Profetas? - Brian Edwards
Peregrino, O (Comentado) - John Bunyan
Que Existe de Especial no Domingo, O? - Brian Edwards

BIOGRAFIA

Confissões de Um Ministro de Louvor - Dan Lucarini
Jornada no Império (Dr. Robert Kalley) William B. Forsyth
Torturado por sua Fé - Haralan Popov
Vida de David Brainerd - Jonathan Edwards

CRIAÇÃO

Como Tudo Começou - Adauto J. B. Lourenço (colorido)
Criação ou Evolução - Henry Morris
No Princípio - E. H. Andrews

EVANGELISMO

Ao Encontro de Deus - Jim Elliff
Como Irei a Deus? - Horatius Bonar
Em Busca da Paz - John Blanchard
Onde Está Deus Quando as Coisas vão Mal? John Blanchard
Perguntas Cruciais - John Blanchard (colorido)
Por que Acreditar na Bíblia? John Blanchard

DEVOCIONAL

Penetrado pela Palavra - John Piper
Uma Vida Voltada para Deus - John Piper
Promessas Preciosas - C. H. Spurgeon

Peça a lista completa de livros.
Editora Fiel (Missão Evangélica Literária)
Caixa Postal 1601 - 12230-990 - São José dos Campos, SP
www.editorafiel.com.br

Esta obra foi composta em Book Antiqua, corpo 11/14,5 e impressa
por Orgraphic Gráfica e Editora, sobre o papel Chamois Fine 80g/m²,
para Editora Fiel, em maio de 2008.